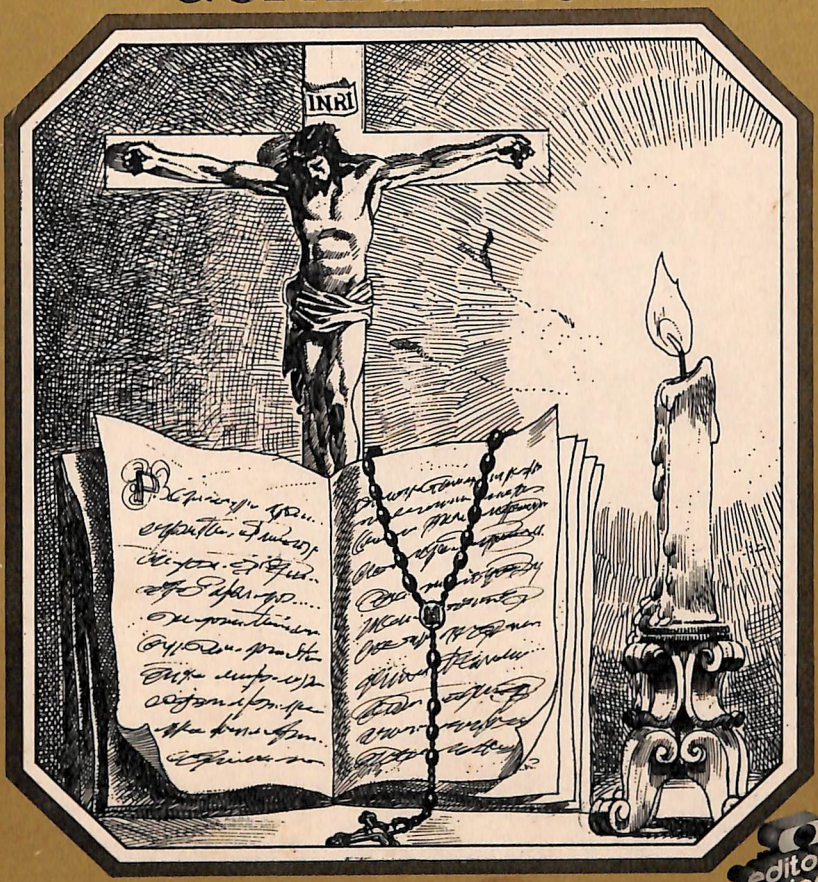
100 centenário Paulo Setúbal

Paulo Setúbal

CONFITEOR



editora nacional

CONFITEOR

CAPA
Osvaldo S. Sequetin

Paulo Setúbal

CONFITEOR

MEMÓRIAS: OBRA PÓSTUMA

13ª edição



editora nacional

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Setúbal, Paulo, 1893-1937.
Confiteor : memórias : obra póstuma / Paulo Setúbal. – 13. ed. – São Paulo : Ed. Nacional, 1993.

"Edição comemorativa dos 100 anos de Paulo Setúbal."

1. Escritores brasileiros 2. Setúbal, Paulo, 1893-1937 I. Título.

93-1117 CDD-928.699

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Escritores : Biografia 928.699
2. Escritores brasileiros : Biografia 928.699

Direitos reservados

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

DISTRIBUIÇÃO E PROMOÇÃO

Rua Joli, 294
03016-020 São Paulo, SP

1993
Impresso no Brasil

PREFÁCIO

PAULO SETÚBAL!

Na plenitude dos anos, o anjo da morte bateu-lhe à porta para acompanhá-lo ao descanso eterno dos justos. Os admiradores da sua obra literária lamentam, inconsoláveis, o desaparecimento prematuro do artista da palavra. No firmamento das letras foi o seu brilho fugaz como o de um meteoro. Os que, nos últimos tempos, lhe conheceram de perto as ascensões espirituais choram a perda irreparável de um apóstolo cujas irradiações benéficas poderiam amanhã estender-se em ondas de incomensurável amplitude.

Uns e outros teriam, talvez, a idéia de erigir-lhe no túmulo uma coluna partida, símbolo de tantas esperanças desfeitas.

Mas o olhar cristão, que, iluminado pela fé, vê mais longe e vê mais profundo porque vê de mais alto, procura discernir as razões superiores de uma Providência que não erra nas disposições de seus misteriosos desígnios.

Paulo Setúbal preencheu a sua missão na terra; não a deixou sem legar-nos a mensagem essencial de sua vida. É este o significado profundo destas páginas que se vão ler. São, como nos diz ele, "notas íntimas, notas vividas, notas humanas". Às reconstruções animadas da história ou às criações imaginosas do romance que lhe encheram a atividade literária de moço, sucede agora o depoimento vivo e sincero de uma exis-

tência que sangra ante o sofrimento e se aproxima da tragédia final. Este depoimento sem vaidade brota-lhe do coração, espontâneo como um ato de caridade e imperioso como a intimação de um dever. As suas confissões poderão servir de lenimento e de conforto a outras existências atribuladas e abatidas, eis o que as inspira: "essa idéia, só essa idéia, deu-me ânimo a que vencendo desalentadoras canseiras, eu me atirasse — Deus sabe como! — a este trabalho que os meus olhos não verão em livro!".

E o que nos traz esta mensagem comovente, escrita entre a vida e a morte, uma e outra sentidas em toda a agudeza pungente de sua realidade? Traz-nos o encontro de Paulo Setúbal com Cristo Jesus, do literato elegante com o Crucificado do Calvário, da inquietude contemporânea com a fonte eterna da paz, da criatura com o seu Criador. "Faz um ano que me encontrei realmente *com o Cristo... O Cristo apareceu de improviso no meu caminho... Perguntei-lhe ansioso: Quem sois vós? Ele me disse: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida".*

Pode imaginar-se encontro mais grave? Pode avaliar-se o que representa numa existência, instável e desorientada, a revelação inesperada do grande "Caminho" que a leva segura à paz dos seus destinos? Pode sondar-se a profundeza da revolução que provoca na inteligência e no coração de um homem o aparecimento da Verdade e da Vida?

A mudança é total; completa e definitiva a inversão de todos os valores. Do mundo das aparências e ilusões passa-se com surpresa para o da realidade.

Sobre a fugacidade do tempo e do que nele aparece e desaparece projeta a eternidade a sua luz serena e infalível. Há vinte séculos, quando no caminho de Damasco outro Paulo se

encontrou com Cristo, a vista, a princípio, se lhe ofuscou ante o esplendor da aparição. Mais tarde caíram-lhe dos olhos as escamas e o mundo reapareceu transfigurado. Impressão análoga experimentou também o nosso Paulo ante a visão do Senhor: "Depois que o conheci... tudo, absolutamente tudo mudou na minha existência como por encanto... Transformei-me. Transformação nas idéias, transformação nos gostos, transformação nas leituras, transformação no modo de encarar a vida".

Assim é. O homem que, à claridade divina, encontra a solução do seu verdadeiro destino, purifica e aprofunda o seu olhar; julga à luz de novos critérios e descansa inefavelmente na posse de uma felicidade, antes debalde procurada. "Desde então a felicidade veio... Mas que felicidade diferente da felicidade que o mundo sonha"!

Na serenidade pacificadora desta bem-aventurança nova absorve-se o problema angustioso da dor. O sofrimento, pedra de escândalo para tantas almas que o não sabem olhar com olhos iluminados pela fé, aparece em sua verdadeira fisionomia como o mensageiro austero da Providência a serviço do Primeiro Amor. Purifica os corações, inicia-os nos segredos do apostolado, solidariza as almas com Cristo na obra redentora da humanidade, regenera, estimula, eleva e prepara as grandes ascensões espirituais. O problema da dor só o cristianismo profundamente vivido o resolve em sua plenitude. À experiência de vinte séculos vem hoje acrescentar-se mais um testemunho valioso e comovido: "O sofrimento é dádiva do céu... Foi pelo sofrimento que eu conheci de perto o meu amigo... o sofrimento... foi... o caminho dorido e áspero mas abençoado que... levou-me para esta doce paz de espírito em que hoje vivo... para esta felicidade, para esta paradoxal feli-

cidade de me ver doente, certo de morrer breve e por isso mesmo ditoso, serenamente ditoso, porque sinto que fui assinalado pela mão oculta e misericordiosa de Cristo".

Não; *Paulo Setúbal não passou pela existência em vão. Assinalado pela mão oculta e misericordiosa de Cristo, ele deixou-nos o seu testemunho, que não perece.*

Christus heri, hodie ipse et in saecula. *Ontem como hoje, e como sempre, Cristo é a solução do enigma humano. Os progressos da matéria e da velocidade ficam infinitamente abaixo das exigências do espírito. Para a inquietude dos nossos corações só Ele tem paz. Para a profundeza dos grandes sofrimentos só Ele tem bálsamo de consolos eficazes. Para a aspiração irreprimível de destinos imortais só Ele tem promessas de vida eterna.*

Eis o significado e o valor desta mensagem que nos chega selada com o dom da vida e a sinceridade da morte.

P. Leonel Franca S. J.

CAPÍTULO I

25 de outubro de 1936. — Há emoções que abrem talhos incicatrizáveis na alma da gente. Eu tive ontem uma dessas emoções. Pensei em escrevê-la. Escrevê-la, é preciso que eu o diga, não para que o mundo a lesse, mas tão somente pelo gosto de guardar comigo, fresca e viva, uma das passagens mais comovedoras de minha vida. Mas refleti melhor. Por que não haveria o mundo de ler a página que eu me propunha escrever? Não havia aí desdoiro, nem vileza. Ao contrário. Havia nela, embora tímido, embora sem relevo, um ensinamento aos que fraquejam. Mais acertado, pois, andaria eu se, ao invés de escrever apenas uma, escrevesse outras e várias páginas que, enfeixadas, formassem como que um caderno das minhas notas íntimas, notas vividas, notas humanas, as quais pudessem um dia (quem sabe?) vir com proveito a lume. Vir a lume como uma espécie de "confiteor". Confissão pública. Confissão da minha vida passada e da minha vida nova. Por que não?

A minha vida, é certo, nada tem de grande, nem de brilhante, nem de singular, que mereça letra de fôrma. É uma vidazinha como mil outras. Mas pode ser que, não por uns pequeninos e frágeis êxitos que teve, mas pelos seus altos e baixos, pelas suas quedas e soergui-

mentos, pelo seu fadário terreno tão rudemente cortado, pelos pedaços agoniantes de que se entreteceu, pelas longas e longas horas passadas enfadonhamente na cadeira de lona, horas que a revolta antigamente amargava, horas hoje tão alegremente e tão levemente suportadas, pode ser que esta minha obscura vida de doente sirva acaso de lenitivo e de soerguimento a algum desconhecido irmão de infortúnio que com o seu impotente desespero arraste, por essas estações de cura afora, dias excruciantes de amargor e de sucumbimento. Essa idéia, pois, só essa idéia deu-me ânimo a que, vencendo desalentadoras canseiras, eu me atirasse — Deus sabe como! — a este trabalho que os meus olhos não verão em livro. Eis porque, de hoje em diante, principio a lançar nestas folhas umas recordações. Recordações em que não haja preocupação de estilo. Nada de polimento de frase, nada de literatura. Que o meu pensamento brote espontâneo do coração e tombe sincero da pena. Que este caderno não seja outra coisa senão a desenfreada confissão de como, através do sofrimento, eu me cheguei totalmente ao Cristo. Cheguei-me ao Cristo e sou feliz.

* * *

26 de outubro de 1936. Hoje, aos quarenta e três anos de idade, olhando longamente para trás, olhando para esse caminho que percorri com o peito mordiscado de apetites, olhando para essa minha calorosa juventude

crivada de tontices mundanárias, averiguo com nitidez que há no meu passado um sinal indissimulável, gritante, de certa mão desconhecida, mas mão poderosa, que me conduziu visivelmente à paz repousante em que hoje se aninha o meu coração. Quero dizer: mão desconhecida e poderosa que me conduziu, não através de deleites, nem através de rosas, mas através de ásperos e pedrentos caminhos, à presença amorável e apaziguadora do Cristo. Porque eu, ao cabo de bem longa e de bem lancinante provação, eu me encontrei afinal com o Cristo. Faz um ano, amigo, que me encontrei "realmente" com o Cristo. Minha vida, quando eu o encontrei, havia sido golpeada pelo destino com selvagem ferocidade. Eu era um imenso sofredor. Um vencido. Trazia os olhos embaciados de lágrimas grossas. Hora dura foi aquela hora da minha vida. Naquela hora dura, contudo, o Cristo apareceu de improviso no meu caminho. Parecia um homem como os outros homens. Nada de extraordinário. Mostrava apenas o aspecto cansado de quem caminhara muito. Vestia-se com pobreza, tinha o ar doce, as mãos eram calosas, as vestes vinham empoeiradas do comprido jornadeio. Ele pôs em mim os seus olhos. Dois olhos grandes e complacentes. E quando os seus olhos, grandes e complacentes, pousaram nos meus olhos, que iam embaciados de lágrimas grossas, Ele parou de súbito em meio do caminho. Parou e disse: "Bem-aventurados

os que choram, porque eles serão consolados". Bem-aventurados os que choram... Que esquisita palavra e que singular promessa! Bem-aventurados os que choram... Aproximei-me um pouco mais do Viajeiro. Eu estava nesse instante muito sucumbido. Eu estava extenuado e desbaratado pelo sofrimento. Ele reparou no meu sucumbimento e no meu desbarato. E disse: "Vós que andais afadigados, vós que gemeis sob o peso dum fardo pesado, vinde todos a mim. Eu vos aliviarei". Acerquei-me com sofreguidão do homem que prometia aliviar-me. Ele continuou: "Tomai o meu jugo sobre vós; aprendei de mim que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu peso é leve". Ouvindo-O, eu, na minha angústia, toquei-Lhe com as mãos trêmulas a ourela do vestido. E perguntei-Lhe ansioso: Quem sois Vós? Ele me disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida". Que acento o acento daquela voz! Nunca homem nenhum falou como aquele homem. Cheguei-me totalmente a Ele. Sentamo-nos um ao lado do outro. Conversamos. Eu vi, sem detença, que me havia encontrado com o amigo de que carecia. Com o amigo que é hoje o meu melhor amigo. O amigo supremo. O único amigo certo da hora incerta. Depois que O conheci, depois que O fitei de perto, depois que Lhe segurei as mãos, depois

que Lhe falei confiadamente, tudo, absolutamente tudo, mudou na minha existência como por encanto. Ele, quando me sentiu assim mudado, homem novo, quis entrar na minha morada. Eu Lhe disse: Senhor, a minha morada está arruinada e velha. Eu não sou digno de que entreis na minha morada. Mas Ele não me ouviu. Veio. Entrou. Viu o desmantelo da casa, o encardido das paredes, o bafio das alcovas, a sordícia do madeirame. Mas com a Sua presença, só com a Sua presença, a lôbrega casa carcomida refez-se de pronto. E ficou linda, linda. A um gesto dEle, um gesto só, perpassou logo por ela o ar oxigenado e fresco da saúde, iluminou-se tudo de ouro vivo, luziu o sol esbanjadamente pelos cantos mais escuros e, como Ele gosta das aves do céu, que não ceifam nem colhem, Ele, na sua ternura, soltou um bando de canários a gorjear com alegria no beiral da casa velha; e, não contente com essa festa do meu coração, Ele, que gosta das florinhas silvestres, que não tecem nem fiam, enfeitou a minha morada de lírios do campo, daqueles lírios que se vestem tão esplendorosamente, que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, não se vestiu jamais como um só deles. Desde então, desde que há lá dentro, na casa refeita, essa saúde, esse sol, essa festa, essas flores, esse bulício cantante de pássaros, a felicidade veio, com as suas leves asas de seda, tecer silenciosamente o seu ninho fofo sob o meu teto

renovado, mas humilde. E aí vive. Mas que felicidade diferente da felicidade que o mundo sonha! É uma felicidade estranha. Felicidade que os homens, correndo atrás de delícias e voluptuosidades, nem sequer suspeitam que existe. Felicidade que é feliz na ventura, mas muito mais feliz na desventura. Felicidade que é feliz na alegria, mas muito mais feliz na tristeza. Felicidade que é feliz nas horas de doçura, mas muito mais feliz, infinitamente mais feliz, nas horas de sofrimento. Sim, nas horas de sofrimento. Porque o sofrimento, meu pobre irmão da cadeira de lona, o sofrimento é dádiva do céu. Essa palavra, é certo, já foi dita mil vezes. Não importa. É preciso repetir ainda, repetir sem cessar, repetir a vida inteira: o sofrimento é dádiva do céu. É tesouro que nem todos têm a dita de possuir. Foi pelo sofrimento que eu conheci de perto o meu Amigo. Aquele que reconstruiu a minha morada. Ele se empenhou sempre, com amorável tenacidade, a que eu me chegasse a Ele através dos reveses que me mandou. Verifico-o, hoje, claramente. Pois, ao volver agora os meus olhos para o caminho percorrido, vejo que tive ao longo dessa minha jornada alguns pobres triunfos que outrora me enlevaram. Mas nos momentos exatos desses triunfos, nos momentos em que, por circunstâncias várias e em várias ocasiões, parecia que o meu destino ia alar-se a sucessos ainda maiores,

eis que um golpe adverso, áspera vergastada dos fados, matava no seu nascedouro, sem dó, a vitória que despontara ontem. Essa vergastada era sempre uma doença. Um sofrimento. Esse sofrimento, contra o qual eu, espumando fel, me rebelei tantas vezes de punhos fechados, sofrimento que estrangulava todas as minhas ambições, que arredava com mão de ferro a minha mocidade do mundo vão que eu amava, esse sofrimento que, culminando, terminou por fazer de mim este mísero trapo humano que hoje sou, este sofrimento foi — quem jamais soube lá os desígnios secretos de Deus? — o caminho dorido e áspero, mas abençoado, que, fazendo-me ascender do charco às estrelas, levou-me devagarinho, mansamente, para esta doce paz de espírito em que hoje vivo, para este remansado sossego de consciência e, sobretudo, para esta felicidade — escute-o bem, meu irmão! — para esta paradoxal felicidade de me ver doente, certo de morrer breve e, por isso mesmo, ditoso, serenamente ditoso, porque sinto que fui assinalado pela mão oculta e misericordiosa do Cristo. Há quem não creia nessa felicidade. Eu bem o sei. Mas olhe, meu irmão, meu desconhecido companheiro de desgraça, não dê ouvido a esses. Não dê. Aproxime-se do Cristo! Aproxime-se resolutamente do Cristo. E então você compreenderá, na sua nudeza, a verdade da minha palavra.

CAPÍTULO II

Outubro... "Há emoções (assim principiava eu estas lembranças) há emoções que abrem talhos incicatrizáveis na alma da gente. Eu tive ontem uma dessas emoções. Pensei em escrevê-la". Hoje, porém, vou retomar o fio da história começada. Vou contá-la aqui tal como aconteceu. Sei bem que os ledores das páginas violentas da vida hão de certamente escarnecer desta minha ingênua página. Não faz mal. Não é para os ledores de páginas violentas que eu estou escrevendo. Eu estou escrevendo para as almas que a feiúra do mundo ainda não encoscorou. Para aqueles que ainda têm fibras enternecidas no coração. Esses, acredito, lerão "sentindo" o que aqui vai, e, portanto, lerão com ternura este meu conto. Conto? Pois não, meu amigo; conto. Porque é, apesar de totalmente verdadeiro, um conto o que vou botar debaixo dos seus olhos. Conto que tem mesmo um título. Poder-se-ia chamar: "Conto de Natal". E esse conto principia por um apressado bilhete que escrevi a bondoso padre, amigo muito amado.

25-10-36

"Meu estremecido amigo:

Ontem, sábado, fiz o sacrifício. Em vez de os entregar ao editor, que estava à espera, atirei ao fogo os originais do meu romance. Eram trezentas páginas. Uma pequenina fogueira os devorou em brevíssimos instantes. O meu labor de todo um ano (labor bem duro e bem suado, confesso-o) reduziu-se assim a uma pouca de cinza que o lixeiro carregou. Ainda bem. Aquelas páginas cruas tiveram o destino que convinha a páginas sem Deus. Estou contente. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

P. S."

É verdade, amigo: queimei um romance. Trezentas páginas bem cheias. Trezentas páginas que deviam entrar naquela semana para o prelo. Era o meu primeiro livro de pura fantasia. Durante um ano, um comprido ano de fadigas, eu, como um lavrador turrão que enfia o arado em chão duro, vivi de pena em punho a arrotear teimosamente a minha novela. Não sei, meu amigo, se você acaso já escreveu um livro. Não escreveu? Pois então você não sabe o que de angústias significa, para o autor, o livro que ele realizou. Bom ou mau, brilhante ou chocho, pouco importa, o livro é

sempre para o seu criador, quando ele o termina, uma obra-prima. Escritor não há, em se prezando, que não dê tudo o que possa dar à obra que está elaborando. Esse "tudo", é verdade, pode ser "pouco". Talvez fosse esse o meu caso. Que monta lá isso? Muito ou pouco, ele dá tudo o que pode. Eis porque a obra dum escritor, cujos andaimes foram penosamente erguidos, cujos andaimes o leitor jamais viu, isto é, tramar, criar os personagens, acentuar-lhes os contornos, fazê-los agir, fazê-los falar com naturalidade, pintar o ambiente, ajeitar aqui, aparar ali, realçar acolá — a obra dum escritor honesto, por pequena que seja, significa sempre um estirão pungente de sonhos, de canseiras, de entusiasmos, de desfalecimentos, de noites mal dormidas. Significa que o escritor viveu, cerebralmente e dolorosamente, por meses a fio, a vida contada no papel. Aquele meu romance (chamava-se "O Filho") custou-me bastante. Dei a ele tudo o que podia dar. Comecei-o e acabei-o ao tempo em que meu espírito ainda não se voltara para as coisas altas. Na minha juventude, como todos os rapazes da minha geração, eu li com sofreguidão e, mais do que sofreguidão, com deliciado encantamento, uma vasta literatura em que não entrava Deus. O meu romance outra coisa não era senão um reflexo dessas velhas leituras. Tomei alguns heróis, assoprei neles paixões despeiadas, fiz essas paixões desencadea-

rem-se ao longo de trezentas páginas. Terminado o livro, caí doente. Foi quando...

* * *

... outubro. — Foi quando, no meu caminho, eu me encontrei com o Cristo. Foi quando eu me encontrei com aquele Viajeiro estranho, de olhos grandes e complacentes, que se apiedou de mim. Ah! quantas vezes ouvi soar, na amarga solitude do meu quarto de doente, consolando-me e alevantando-me, a sua palavra soerguedora e profunda! "Eu fui enviado para curar os que têm o coração alquebrado". "Eu não vim chamar os justos; eu vim chamar os pecadores". "Eu sou o pão da vida: o que vem a mim não terá fome; o que crê em mim não terá sede" (1).

Ouvindo aquela voz, sentindo-a, eu pus-me a seguir, perdido na turba dos que o acompanhavam, aquele homem que assim derramava um óleo tão fino, tão dulcificante, tão fresco, tão cicatrizador, sobre as feridas mais atenazantes e mais íntimas dum coração sofrente. E transformei-me. Transformação nas idéias, transformação nos gostos, transformação nas leituras, transformação no modo de encarar a vida. Transformação até mesmo — que se havia de dizer? — na escolha dos amigos.

(1) S. Mateus, 9,13; S. Lucas, 4,18; S. João, 6,35.

Cheguei a ponto de pensar que eu havia mudado radicalmente. Que eu me tornara "o homem novo" do evangelho. Mas era engano. Existia ainda dentro de mim, defendendo-se e debatendo-se, custoso de ser estrangulado, um empedernido remanescente daquele "homem velho" que vivera às soltas trinta anos de vida mundana. E esse resto do homem velho exsurgiu do fundo do meu ser, exsurgiu com todas as suas forças, chamejante, como em combate supremo, nos angustiosos dias em que cogitei da publicação do meu livro. Foi o caso que, levantando-me da cama onde me prostrara a doença, as forças já mais alevantadas, procurou-me certo dia o meu editor e, com instância, solicitou-me que lhe desse um novo livro. A tentação era radiosa. Fui buscar, entre meus velhos papéis, o romance que jazia no fundo da gaveta. Reli-o. E o meu primeiro ímpeto, ao relê-lo, foi categórico.

— Não publico este livro. Absolutamente não publico. Este livro é tão somente um livro de paixões más e desgrenhadas. Um livro ruim. Não tem nenhuma elevação moral. Não edifica a ninguém. É livro que um escritor, sendo católico, não tem o direito de lançar a público. Não, não publico este livro.

E, de novo, encafuei os originais na gaveta. Nessa noite, porém, dormi muito pouco. A conversa que eu tivera com o meu editor não me saía da cabeça. Peguei

de excogitar, ao longo dessa vigília, na tolice daquele meu primeiro ímpeto. Na tolice, sim. Na imensa tolice daquele ímpeto. Que piegas eu andava! Que "maricas!" Por que não publicar o romance? Aquilo era carolice de minha parte. Carolice insuportável. Carolice que a doença insuflara no meu espírito abatido. Era preciso reagir. Acabar com aquelas bobagens. Onde iria eu parar daquele jeito? E varei a noite com pensamentos tais a esfervilharem dentro de mim. Sobretudo, em meio a esses pensamentos, azedando-me, vinha, como estribilho achincalhador, a palavra "carola". Carolice. Era uma palavra que me machucava a vaidade. "Que carolice, Paulo!" Que carolice...

* * *

... outubro. — No dia seguinte, mal me levantei, tomei de novo o romance, reli-o, e, daquela feita, principiei a descobrir qualidades na obra. Grandes qualidades. Houve mesmo cenas que achei belíssimas. Por que não publicar aquele livro? Que carolice... Pus-me então, durante alguns dias, a ajustar melhor umas tantas páginas e a retocar uns tantos episódios. Limei aqui, cortei ali, poli o que pude e, afinal, dei o meu romance como definitivamente acabado. Minha mulher começou a passá-lo à máquina. Minha mulher (é

forçoso anotar aqui esse detalhe) trabalhava no quarto de uma filhinha nossa, uma pequerrucha de doze anos, graciosa e loura, que estava nesse momento adoentada e de cama. E as cópias começaram a surgir. Um capítulo. Dois capítulos. Três capítulos. Quatro capítulos. Foi quando a minha mulher, com o seu marcado bom senso, ao ver-me aparecer no quarto da filha:

— Você vai publicar este livro?

— Vou.

— Pense melhor. Você mudou muito nestes últimos tempos. Você é hoje um homem crente, um católico praticante. Você vai mesmo publicar um livro como este? Pense melhor.

— Não seja beata, mulher!...

Não seja beata mulher. Era uma frase apenas. Pois as palavras de minha mulher tinham ido diretas ao meu coração. Não seja beata... Eu dizia aquilo com ar superior, unicamente da boca para fora. Da boca para dentro, não. Sentia eu muitíssimo bem a justiça da exprobração. Minha mulher não fizera outra coisa senão repetir exatamente aquilo que eu, no primeiro ímpeto, já havia dito com espontaneidade para mim mesmo. Mas eis que soou dentro de mim, rebelada, aquela mesma voz que soara sarcástica ao longo da minha noite de insônia. Que piegas você anda, Paulo! Que "maricas!" Você não vê que isso é boba-

gem de sua mulher? Pois a sua mulher lá entende acaso de literatura? A literatura de que ela entende, meu velho, é apenas essa literatura com o "nihil obstat". Livros sobre a vida dos santos. Mais nada. Deixe, portanto, sua mulher falar! E acabe com essa sua carolice. Que você está me saindo um carola de marca, sabe? Um grande carola...

O romance lá continuou a ser passado a máquina. Quinto capítulo. Sexto capítulo. Sétimo capítulo. Oitavo capítulo...

— Você vai mesmo publicar este livro? Pense melhor. Eu acho que não fica bem a você, que é hoje...

Aquela insistência de minha mulher me doía. Sentia claro o ajuizado do que ela me admoestava. Mas não queria ouvi-la. Revoltava-me. Zangava-me. E desencadeou-se dentro de mim uma luta secreta. Luta banal na aparência, meu amigo. Mas luta séria. Luta profundamente séria. No fundo dela, está visto, não se tratava mais da publicação ou não publicação dum simples livro, um romancezinho, que não ia mudar a face da terra. Nada disso. Tratava-se, isso sim, da luta entre o homem que eu fui e o homem que eu queria ser. Entre o homem novo e o homem velho. Luta que poucos compreenderão. Mas luta de que esses poucos, isto é, os que a conheceram de perto, sabem bem a aspereza e o encarniçado. Pensei, então, antes de ir ao

editor, em expor o meu caso ao padre Z. Àquele meu excelente amigo, cujo conselho, sempre firme e reto, tinha sido para mim, escudo seguro em hora tumultuada de indecisão e dúvida. Telefonei-lhe. Padre Z, sempre bondoso, veio logo ver-me naquele mesmo dia, ao invés de esperar a minha visita. Contei-lhe, a sós os dois, o caso que tão violentamente me agitava, "um escrúpulo de consciência, disse-lhe. Creio que não pássa de banalidades. Mas o fato é que, com razão ou sem razão, sofro intensa luta dentro de mim". O padre, é claro, não podia orientar-me sem primeiro conhecer o livro. Contei-lhe, pois, capítulo por capítulo, o enredo da obra. Padre Z não vacilou:

— Deixe o seu livro trancado na gaveta, meu amigo. Não o publique. Um cristão, como o senhor hoje o é, voltado com tanta ânsia para coisas espirituais, não deve aparecer em público com romance assim desordenado. Escandalizaria. O senhor, nestas páginas, diante do público, é "um;" na realidade, às ocultas, diante de Deus, é "outro". Que diriam leitores seus que o vissem na igreja, que o vissem confessando-se, comungando e, no outro dia, o vissem lançando nas livrarias um romance desordenado como este? Não publique o seu livro, meu amigo.

Eu (curiosa esta nossa natureza humana), eu fiquei bastante desapontado. O que eu queria, no fundo, era,

vaidosamente, encontrar alguém que achasse belo o meu livro, e, por isso mesmo, que viesse em socorro do homem velho que estrebuchava dentro de mim. Mas não encontrei ninguém. Todos contra. O Padre Z disse-me ainda:

— Creio mesmo que o seu romance terá êxito, fará sucesso. É um romance vivo. Mas não se deixe seduzir por isso. Não publique o seu livro.

E incisivo:

— Faça esse holocausto ao Cristo!

Ouvi, aceitei, e, no assomo da hora, deliberei destruir aquelas páginas. Mas foi um assomo apenas. Mal o padre virou as costas, mal eu me vi a sós comigo, pegou de referver no meu íntimo uma procela rugidora. Todas as forças subconscientes do meu ser, assanhadas, como que atiçadas por estranha mão desencadearam-se iracundas contra o padre. E era uma berra só:

— Este padre é um bobo! Você não vê que este padre é um bobo? É um padre que não conhece nada da vida. Vive no mundo da lua. É um místico. Mas eu não sou místico e nem vivo no mundo da lua. Eu escrevi um livro com os olhos abertos para a realidade. Contei os podres da existência, que eu vi. Os podres andam fermentando aí para quem quiser enxergar. E por isso o padre acha que o meu livro é um livro desordenado. Este padre é um bobo! Absolutamente bobo.

Imaginem um pouco se os romancistas, antes de publicar os seus romances, fossem todos pedir conselhos aos padres. A literatura estava bem aviada. Não haveria mais romance no mundo ou, pelo menos, os romances ficariam reduzidos a escritos com água de flor de laranjeira.

Tempestade brava, feio pegão de vento, andava tudo lá por dentro iroso e ululante. É verdade que uma pequenina voz, muito apagada, soava, em meio ao temporal, nos recessos íntimos do meu ser...

— Por que é que você consultou o padre? Consultou porque acreditava na palavra dele e no critério dele. E que é que disse, afinal, o padre? Disse aquilo que você mesmo já dissera do livro. Disse aquilo que a sua mulher, por sua vez, também já dissera dele. E é inútil estar aí a relembrar autores e mais autores. Todos esses autores de que você fala (eis o ponto) não eram católicos. Podiam escrever os livros que bem entendessem. Mas você, não: você é católico. É ou não é católico? Se é católico...

A voz não podia prosseguir. Outra, mais enraivada, abafava-a:

— Católico? Mas católico é uma coisa, e carola é outra. Não seja carola, Paulo! Não seja piegas! Destruir um livro de trezentas páginas, que custou tanta canseira, só porque um padre não achou nele cheiro

de igreja? Onde está você com a cabeça? Pense um pouco no que vão dizer os seus amigos. Todos êles vão caçoar de você. Rir de você. Vão achar você ridículo. Você não tem medo do ridículo? Pois você está sendo ridículo...

Eu me achei verdadeiramente ridículo. Que carola que eu estava saindo. Que imenso carola! Era preciso reagir. Não havia dúvida. Reagir com violência. E foi o que fiz. Não dei tento à minha consciência, nem ao que dizia a minha mulher, nem às palavras assentadas do padre amigo. Nada. O homem velho vencera o homem novo. Vencera estrondosamente: eu tomei a deliberação firme de entregar ao meu editor os originais do meu livro. Deliberação definitiva, cabal, que não admitia réplica. Foi um alívio. Aquela atitude clara cortou cerce a minha angústia. Aconteceu o que tradicionalmente acontece depois de ásperas borrascas: calmaria. Fiquei tranqüilo. Fiquei feliz. Tudo, no meu coração, paz e céu azul.

* * *

... outubro. — Passaram-se os dias. Ao cabo dêles, era um sábado, eu estava com a minha papelada pronta para ir à procura do editor. Acordei-me cedo.

Cedo demais. Ia apenas amanhecendo. Havia um sino que repicava. Aquele repique, claro, sonorizando

a madrugada, entrou-me alviçareiro pelo coração. Deu-me vontade de assistir àquela missa. Por quê? Não sei. Mas deu-me uma grande vontade. Fiz um esforço, levantei-me, fui à igreja. Mais ainda: confessei-me e comunguei. Voltei radiante da igreja. Radiantíssimo. Havia pássaros cantando dentro de mim. A manhã era uma festa encantadora para os meus olhos. Há quanto tempo que eu, doente, a viver encafuado num quarto, não via e nem sentia o bulício álacre das manhãs citadinas! Que alegria... O ar era fino, a luz doirada, o céu muito azul e muito doce, e apesar do seu "cotidiano", havia para mim, tão arredado da vida, um claro encantamento na poesia matinal da cidade que se agitava — o verdureiro com a sua carriola, o peixeiro apregoando a garoupa fresca, automóveis, carrocinhas de pão, transeuntes apressados, normalistas de blusa branca a caminho da escola... Tornei para casa iluminado. Em casa, que bom humor! Conversei com todos, caçoei com todos, ri-me com todos. Tomei do jornal, e, como a minha pequerrucha ainda continuasse de cama, subi ao quarto dela.

— Como vai filhoca?

Assentei-me num divã que havia ao pé da cama. Eu estava alegre, sim. Mas a pequena, não sei porque, estava ainda mais alegre. E por isso nós dois tagarelamos com o riso na boca, jovialmente, o coração cheio

de sol. Depois abri o jornal e comecei a ler. Mas eis que a pequena, em dado instante, interrompe bruscamente a minha leitura.

— Papai...

— Que há, minha filha?

A menina titubeou, ruborizou-se um pouco, e, a medo, com a sua vozita clara e doce:

— Eu queria pedir um favor para Papai...

Favor? Mas haveria favor que eu acaso recusasse à minha filhinha doente? Jamais! E fui logo exclamando com borbulhante vivacidade:

— Que favor será esse, Jesus? Vamos lá, filha: diga o que você quer!

E a minha pequena, que é loura, que tem dois olhos castanhos, dois imensos olhos castanhos e luminosos, a minha pequena disse-me, com a maior naturalidade, esta coisa enorme:

— Eu queria que Papai rasgasse aquele livro que Papai está escrevendo.

Meu coração bateu descompassado no peito. Olhei a menina com olhos regurgitados de assombro. E não era para menos. Eu podia esperar tudo da minha filha, tudo, mas não podia esperar, jamais, ouvir da sua boca de criança, descuidosa e cândida, um pedido tão sério e tão estonteante como aquele.

— O que é que você está dizendo aí, menina?

Ela repetiu com gravidade:

— Eu queria que Papai rasgasse aquele livro que Papai está escrevendo.

Não há cor, por mais flamante, que pinte a minha emoção. Como pintá-la? Ouvir, naquele momento, depois de tudo o que sucedera, aquela inocente criaturinha fazer-me aquele pedido — um pedido daquele jeito! — é, realmente, emoção que tange as cordas mais íntimas dum coração de homem. É emoção que fica vibrando a vida inteira na alma da gente. Eu tive, naquele minuto, a sensação viva, a sensação absolutamente nítida, de que ali, na cama, naquela frágil enferma que me falava com a sua voz de mel, não estava mais a minha pequerrucha, aquela que eu amava com tão desbordante e tão cálida ternura; estava ali, isso sim, falando pela boca inocente de minha filhinha, um anjo do Senhor, um anjo louro, um anjo fino e leve, que, mandado pelo céu, viera, com a força da sua ingenuidade, ajudar o homem novo, ainda tão fraco em mim, a vencer aquele poderoso homem velho que campeava ovante dentro do meu ser. Agarrei as mãos da menina:

— Mas que idéia é essa, filha? Por que esse pedido? Eu não posso entender, francamente, o motivo por que você quer uma coisa dessas. Escute: você sabe o que diz o romance?

— Não, Papai. Não sei.

— Você leu alguns desses capítulos que sua mãe passou a máquina?

— Não, Papai. Não li capítulo nenhum.

— Sua mãe, nesse caso, disse a você alguma coisa a respeito do livro?

— Não, Papai. Mamãe não me disse nada.

— Então, minha filha? Então? Por que é que você quer que eu rasgue o meu livro?

— Não sei porque, Papai. Não sei. Mas olhe: há uma coisa aqui dentro, aqui bem dentro (e a menina punha a mão com força no coração) que me diz, desde ontem, que Papai não deve publicar aquele livro.

— Mas minha filha...

— Eu não sei o que é, Papai. Não sei. Mas é uma coisa aqui dentro. Uma coisa esquisita. E por isso eu quero que Papai rasgue o livro. E quero tanto, tanto, que vou propor um negócio para Papai...

Um "negócio..." Não pude deixar de sorrir. Naquela altura, ouvindo o que ouvia, ainda a pequena a propor-me um "negócio!" Ela continuou:

— Papai me dá, todos os anos, um presente de Natal. Não é? O presente de Natal, Papai bem sabe, é o presente que eu mais gosto na minha vida. Pois bem: neste ano, como presente de Natal, Papai vai fazer o que eu pedi.

— Rasgar o livro?

— Sim, Papai...

Levantei-me de pronto. Levantei-me bruscamente, o coração disparado. As lágrimas a saltarem-me dos olhos aos punhos.

— Basta, minha filha, basta! Não fale mais. Você ganhou o seu presente de Natal. Papai vai rasgar o romance.

Corri ao meu escritório, agarrei o maço dos originais, ajuntei cópias a máquina, voltei com a papelama ao quarto da filha. E os dois, ali no quarto, picamos em mil pedaços as trezentas páginas do livro. Logo a seguir, no canto do meu quintal, uma pequena fogueira devorava o montezinho de papéis rasgados. Eu vi, com júbilo, a labareda subir das laudas em tiras. Vendo-a (que singular é a natureza humana!) fiquei em festa. Radioso. A chama, que rompia alegremente do calhamaço, como que atiçava um fogaréu de contentamento no meu coração. Estava feliz. Havia ganho um duro combate. O meu labor de todo um ano, é certo, labor bem duro e bem suado, como escrevera ao Padre Z, reduzira-se ali a uma pouca de cinza que o lixeiro carregou. Não importa. Eu estava venturoso. E, na minha felicidade, sem que ninguém reparasse, guardei comigo um punhadozinho daquela cinza. Ocorrera-me, de repente, uma lembrança feliz.

* * *

26 de dezembro... Tivemos ontem um natal bonito. Natal bucólico, transcorrido em pleno campo, nesta arredada e quieta chácara em que ora vivo. Por isso mesmo, por estar assim apartado do mundo, longe da efervescência das cidades, onde as alegrias do natal são tão calorosas e bulhentas, a festinha de ontem, festinha só nossa e de nossos filhos, teve para mim um sabor novo. Tudo tão íntimo, tão aconchegado, tão lindo... Até a árvore, não sei porque, pareceu-me que foi mais bonita que a árvore dos outros anos. Que linda que estava! Doía na vista de tanta luz. E tinha bugigangas como nunca teve. E enfeites de prata, e enfeites de ouro, lanterninhas e bolas, e laçarotes de toda a cor. Uma festa. As crianças receberam o presente que pediram. Só a pequena, neste ano, não pedia presente de Natal. Não houve fôrça que a fizesse dizer o que queria. Mas a mãe galanteou-a com um mimo. E eu com outro. Dei-lhe uma "bonbonnière". Uma "bonbonnière" pequenina, de louça barata, coisa à-toa. Ela recebeu a lembrança com viva alegria. Desatou, radiante, a fita cor-de-rosa, desdobrou cuidadosamente o papel de seda e, encantada, topou com a prendazinha desvaliosa. Abriu-a. Mas, ao invés de bombons, como decerto esperava, a menina encontrou lá dentro, com

surprêsa, um desenxabido punhado de cinza. Compreendeu imediatamente. Olhou-me com um olhar fulgurante. Olhar em que fuzilava a chispa a mais eloqüente. Mas não disse palavra. Acercou-se apenas de mim, beijou-me, e, trêmula, abraçou-me com um abraço apertado. Eu disse-lhe a meia voz:

— Foi este o presente de Natal que você pediu, não foi, minha filha?

— Foi Papai.

E abraçou-me de novo.

CAPÍTULO III

27 de dezembro. — Minha filha, você não tem ainda idade suficiente para penetrar bem, para penetrar em tôda a sua extensão, o significado daquele punhado de cinza. Aquilo, para você, representava apenas o resto dum livro que seu pai teve a coragem de queimar. Mais nada. No entanto, minha filha, aquele punhado de cinza tinha um sentido bem mais alto do que você pensa. Um sentido que você só compreenderá agudamente no dia em que compreender bem e agudamente as lições estupefacientes da "Boa-Nova", dêsse livro imenso, o maior de todos os livros, que sublimou o Evangelho. Sobretudo, minha filha, quando você ler aquela página tão surpreendedora, que é a entrevista de Nicodemos com Jesus. É uma das páginas maiores do Evangelho. Maiores e mais profundas. Nicodemos, minha filha, homem prestigioso e grave, era mestre em Israel, doutor da lei, rabi com assento no sinédrio. Ele ouvira falar, como toda a gente, de um galileu moço, trinta anos, chamando Ieschua, que vinha vindo, desde os confins de Zabulon e de Neftali, através das compridas e queimantes estradas da Judéia, a pregar com

singeleza uma doutrina singularmente nova. Doutrina que fascinava. Doutrina que homem nenhum havia ainda pregado na terra. No rastro do extraordinário Moço, obumbrada, vinha imensa mó de povo. Eram gentes da Galiléia, gentes de Decápole, gentes de além-Jordão, gentes de Tiro, gentes de Sidônia, gentes de Cafarnaum. Havia ali de tudo. Homens e mulheres do povo, desvalidos e pobres, uns doentes, outros desesperados, outros perseguidos, outros espezinhados, todos eles maltrapidos, todos eles grandes sofredores, todos com fome e sede de justiça. E esse bando, assim roto e miserável, procurava ansiadamente tocá-lo, só tocá-lo, porque saía dEle uma virtude que curava a todos. Ieschua dizia-lhes palavras nunca dantes ouvidas. Fazia-lhes prodígios nunca dantes vistos. Eles ouviam, consolados, a beleza daquelas palavras. Eles apregoavam, fascinados, a maravilha daqueles prodígios. Em Jerusalém, contudo, entre os poderosos, havia apenas desdém, mofa, vitupério, achincalhe, contra aquele empoeirado Viajor que alevantava os humildes. Os triunfadores do dia, os grandes que governam o povo, os doutores que sabiam a lei, os sacerdotes que ofereciam o incenso atrás do véu do tabernáculo, os cambistas que mercadejavam moedas no Templo, os ricos que gozavam folgadamente as delícias da vida, todos os ditosos da terra, todos esses pobres, lastimáveis ditosos, que viviam na abundância, no poder, na glória do mundo,

desprezavam o moço galileu. O moço que arrastava após si aquelas turbas ferventes e deslumbradas. Quem era, para gente tão alta, aquele ínfimo rabi de Nazaré? Um roto, um que nascera numa estrebaria, um filho de carpinteiro, herege que trabalhava em dia de sábado, impuro que não purificava as mãos quando comia, lunático que se apregoava o "pão da vida", blasfemo que se dizia enviado pelo Deus vivo. Enviado pelo Deus, vivo, sim, mas que comia à mesa com os publicanos e pecadores; mas que buscara como discípulo um vil cobrador de imposto, desprezível e escorchador; mas que aceitava ungüento e nardo de meretrizes; mas que não deixava apedrejar as esposas adúlteras; mas que ia, sendo galileu, às terras idólatras da Samaria, e, com desrespeito à dignidade dos seus, quedava-se impundentemente a conversar com as mulheres de Sicar à beira do poço de Jacó. Nicodemos, contudo, Nicodemos, o rabi, impressionara-se fundamente com o que dizia e obrava o jovem caminheiro. E descortinou logo fundo, pelas falas que escutava, tudo quanto havia de belo, de sedutor, de nunca dito, na palavra revolucionária daquele pasmante mestre de pescadores. E quis vê-lo. Foi procurá-lo à noite.

— À noite?

— Sim, minha filha. Nicodemos foi à noite, às escondidas, quando a cidade sem iluminação adorme-

cera no seu silêncio. Não queria o rabi cauteloso ser visto pelos outros rabis que se sentavam com ele no sinédrio. Não queria ser visto por aqueles rabis empavonados e arrogantes, de nariz recurvo, barbas negras e lustrosas, que traziam filatérias de franjas longas, buscavam os primeiros lugares nas sinagogas, queriam saudações aduladoras na praça pública, amavam ser chamados de mestres pelos homens. Nicodemos era sutil e ronhoso, minha filha. Nicodemos foi à noite. Foi e conversou com Jesus.

Essa conversa do filho do carpinteiro e do doutor da lei é, repito-o, uma das páginas maiores do Evangelho. Maiores e mais profundas.

Nicodemos:

— Mestre, sabemos que és um doutor enviado por Deus para nos instruir; pois só quem estiver com Deus pode fazer os prodígios que tu fazes. Mestre, dize-me: que é preciso fazer um homem para entrar no reino de Deus?

Jesus:

— Digo a ti, Nicodemos, que és mestre em Israel: aquele que não nascer de novo, esse não entrará no reino de Deus.

Nicodemos, com espanto:

— Como pode, Mestre, um homem nascer de novo, sendo já velho? Poderá, porventura, entrar mais uma vez no ventre de sua mãe e renascer?

Jesus repetiu:

— Em verdade, em verdade te digo: todo aquele que não "renascer em espírito", esse não entrará no reino de Deus.

Renascer em espírito... Palavras tremendas! No entanto, minha filha, nada mais certo. O homem, enquanto não enfreia os seus pendores inatos, enquanto é vaidoso, é soberbo, é vingativo, é iroso, é dominador, é odiendo, é carnal; o homem, enquanto está apenas voltado para as coisas terrenas, enquanto ama a glória vã, ama o louvor, ama a riqueza, ama o poder, ama as honrarias; o homem assim, minha filha, o homem que não tem os olhos virados para os esplendores espirituais, esse homem é ainda o "homem velho", o das cavernas, o que não se transformou, o que não se comoveu ante a palavra avassaladora do Cristo, o que não sentiu a beleza imortal do sermão da montanha, o que não foi tocado pelo anseio da perfeição. Eu fui esse homem, filha. Eu fui, durante trinta anos, esse barro chagado de mazelas. Mas o Cristo condoeu-se de mim. Condoeu-se do mísero que lhe roçou com humildade a fímbria da veste. Sim, mal lhe rocei a fímbria da veste com minha mão pecadora, eis que irrompeu do Cristo, para alimpar-me, aquela virtude estranha que alimpava os leprosos. Por isso eu queimei aquele livro. Queimei-o, ajudado por você, filha, que foi o inconsciente,

o ingênuo, o lírico instrumento de que Deus se serviu para socorrer a mim, que fraquejara. Custou-me fazer aquele gesto. Custou-me rudíssimo combate. Mas eu, afinal, o fiz. Isto é: venci a mim mesmo. Triunfei.

Aquela pouca de cinza, portanto, aquilo que foi, filha, seu desenxabido presente de Natal, não significava apenas o resto inútil de um romancezinho sem valor. Significava muito mais. Significava, isso sim, que o homem velho, aquele afrontoso homem sem Deus que havia dentro de mim, tão custoso de arrancar, morrera na labareda que devorara o meu livro. Morrera, filha. O homem novo vencera-o. Eu havia renascido em espírito.

CAPÍTULO IV

Novembro... — Acabo de ler as páginas que já escrevi. E tive a impressão, meu amigo, de que você, quando as ler, ficará certo que se deu comigo um caso de conversão. -Conversão? Talvez. Mas não vá imaginar que eu tenha sido um pagão que se converteu. Ou um perseguidor que o raio feriu no caminho. Ou um ateu que se voltou afinal para o Cristo. Ou um herege que se arrependeu com humildade, em boa hora, de suas heresias. Nada. Nem pagão, nem perseguidor, nem ateu, nem herege. Eu fui muito pior do que tudo isso. Muito pior: eu fui um "cristão" que se converteu ao "cristianismo". Acha extraordinário? É, no entanto, a verdade mais verdadeira. Eu me dizia católico. Católico como toda a gente se diz no Brasil. Porque eu, é bom que você o saiba, nasci numa família ferventemente católica e eduquei-me num colégio irrepreensivelmente católico. Fui inúmeras vezes à Igreja. Ouvi inúmeras vezes a missa. Bati inúmeras vezes no peito. Mas que coisa adianta lá, meu amigo, dizer-se um homem católico, ir à igreja, ouvir a missa, bater no peito? Que valem, sem o espírito, essas materia-

lidades? Coisa nenhuma. Foi por isso, por não valerem coisa nenhuma, que disse o Cristo aquela rude palavra imorredoura: "Nem todo aquele que me diz, Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus". Não entrará. Não poderá jamais entrar. Porque é embuste risível, porque é miséria, dizer-se um homem cristão, e, ao mesmo tempo, fugir jeitosamente do parente desafortunado que lhe bate à porta; porque é embuste risível, é miséria, ir de manhã à igreja, compungidamente, mas jantar à noite com mulheres pagas nos restaurantes alegres; porque é embuste risível, é miséria, ouvir a missa nos domingos, mas explorar durante os seis dias da semana o operário que trabalha na fábrica; porque é embuste risível, é miséria, bater no peito diante de Deus, mas estadear diante dos homens, com enfatuamento, a grandeza do seu tom de vida ou a soberba da sua inteligência e do seu sangue. Todos esses vãos, todos esses pobres doidos mal acreditam, talvez, que "nada há encoberto que não venha à luz, nem oculto que se não venha a saber". Mal acreditam, talvez, que hão de um dia comparecer diante do seu Senhor, para dar conta dos seus atos. "E eu então direi a esses (é o próprio Cristo quem fala com inapelável clareza), então eu direi a esses abertamente: "Não vos conheço. Apartai-vos de mim. Vós obrastes a iniqüidade". Meu amigo, você que ora lê esta página, recolha-se por um momento. Ponha a mão na consciência. Diga: se

você acaso morresse hoje, sem haver meditado com seriedade nestas coisas, não teria medo de ouvir aquela palavra fulminadora: "não vos conheço?" Pense um pouco. Reflita. Quanto a mim, meu irmão, se eu acaso morresse hoje, não sei o que me haveria de acontecer. Não sei. Tão mesquinho e ruim é o coração do homem! Tão lento é ele no galgar um degrau, por mínimo que seja, acima de sua miséria. Não sei o que haveria de acontecer. Não sei. Mas sei muito bem o que me aconteceria se eu morresse há anos atrás. Sei que o Cristo, que é a Justiça, deveria, para ser justo, dizer-me cerce: "Não te conheço; aparta-te de mim, tu que obraste a iniqüidade". Sentença tremenda. A mais tremenda, a mais desesperante, a mais esmagadora de todas as sentenças. Mas sentença reta. Porque eu, cristão, eu, nascido numa família cristã, eu, educado num colégio cristão, eu, que cheguei a ser noviço na Ordem Terceira do Carmo (!) — eu não era cristão. Como? É o que irei dizendo por miúdo nestas notas.

CAPÍTULO V

Tatuí... Guardo no coração, guardei sempre na minha saudade a recordação amorável da minha boa terra natal. Tatuí... Ainda agora, neste momento, ao escrever-lhe o nome selvagem, tenho debaixo dos olhos, enamoradamente, a paisagem sossegada dos seus arredores sem morros, os seus vastos campos espraiados, as suas roças de feijão, os seus milharais embonecados, e por toda a parte, por gleba de lavrador opulento ou sitieco humilde de caiçara, aqueles risonhos algodoais que amadureciam em junho, brancos, brancos de tanta pluma branca aberta ao sol. Ainda agora, neste momento, tenho debaixo dos olhos a antiga e rude cidadezinha de minha infância, com as suas ruas poeirentas, o seu casario baixo e pobre, os seus muros de taipa, os seus lampiões de querosene, a escola de seu Chico Pereira, a sua casa em que eu nasci. A casa em que eu nasci era como casarão conventual, desses casarões que já desapareceram, beirais compridos, muitas janelas, e, recordação inarrancável, um enorme pomar ensombrado de grandes árvores folhudas, e, Deus meu, com tanta la-

ranja, tanta lima, tanta goiaba, tanto araçá, tanta jabuticaba...

Meu pai morreu quando eu tinha quatro anos. Meu pai nascera em Porto Feliz, o antigo e famoso Araritaguaba, donde outrora havia partido, Tietê abaixo, a caminho de Cuiabá, tanta monção buscadora de ouro. Ele era de família abastada, fizera boas humanidades, mas, não sei porque, desistira de prosseguir nos estudos. Viera abrir em Tatuí, ao tempo em que Tatuí era boca de sertão, uma dessas casas de comércio como se abriam naquela época, comércio em grosso, de coisas grossas, sortidíssimas, aonde tropas de longes terras acorriam a abastecer-se de tudo. Meu pai morreu, coitado, na fiuza de que deixava a mulher com os filhos, a viver na abundância em que vivêramos. Não foi assim, contudo. Terminado o custoso inventário, liqüidados os negócios, minha mãe ficou apenas com o estrito para viver pobremente. Mas minha mãe era mulher que não tinha medo da vida. Que corajosa e brava que era! Passou do muito farto para o muito escasso com belo destemor. E foi vivendo Deus sabe como. Vivendo e criando a penca de filhos, que eram nove. Chegou assim a época dos meus primeiros estudos. Comecei na escola de seu Chico Pereira. Mas comecei apenas. Entrei logo para o Grupo Escolar. E entrei em boa hora. Acho coisa proveitosa a gente freqüentar as escolas populares. Viver com os filhos

de gente pobre, o filho do carroceiro, o filho da lavadeira, o filho do roceiro, o filho do ferrador, faz bem. A gente aprende desde cedo a conhecer a vida como ela é. Eu vivi durante alguns anos com os meninos humildes de minha terra. Fiz entre eles amigos que imensamente quis e que imensamente me quiseram. Nem me esquecerei jamais do entusiasmo com que, anos mais tarde, esses velhos companheiros de escola se bateram pela indicação do meu nome para deputado por minha terra. E a alegria deles, e a festa, no dia em que fui eleito... Mas não falemos disso. Falemos dum fato, hoje insignificante, mas naquele tempo enorme, que, em meio ao curso das primeiras letras, atormentou atrozmente os meus dias. Foi a dura agonia da minha infância. Agonia excruciante. Não vá pensar, amigo, que fosse por causa dos estudos. Não. Eu era aluno que aprendia com facilidade. A minha agonia era por causa da "Morena" e da "Manteiga". Porventura imagina lá você, amigo, quem era a Morena e quem era a Manteiga? Pois eram duas vacas. Sim senhor: duas vacas. Duas vacas que antigo devedor de meu pai, sitiante de consciência, havia trazido para minha mãe em pagamento de dívida. Acontece, porém, que em nossa casa, embora fosse aquele casão de que falei, quase uma quadra inteira de rua, não havia forragem suficiente para as duas reses. Tinham elas que ir pastar fora. E iam para o pasto de seu Galdino, que ficava na saída da

cidade. Iam de manhã e voltavam de tarde. Quem as levava e quem as trazia era eu. Levar não era nada. Mas trazer? Aí é que era a tragédia. Mas o pior de tudo, ainda por cima, era quando as duas endemoninhadas se encafuavam no mato. Porque havia no fim do pasto um mato. Entrar, Jesus, naquele mato, onde havia tanto bicho, onde havia cobra de tanto jeito, era suplício que me atenazava. E me atenazou de tal jeito que esse tormento me impeliu a uma atitude religiosa surpreendente. A mais surpreendente que se pode imaginar. E isso logo após à minha Primeira Comunhão. Porque eu fiz em Tatuí a minha Primeira Comunhão. A minha Primeira Comunhão... Já fez o meu amigo a sua Primeira Comunhão? Já, certamente. Lembra-se, então, nem há dúvida, de como foi carinhosamente preparado e da compenetração em que ficou ao receber pela primeira vez a Cristo, e da alegria piedosa de sua mãe, e do gosto com que seu pai, deixando naquele dia todos os seus negócios, compareceu gravemente, de roupa escura, à sua festa eucarística... Lembra-se, não é? Ah, meu amigo, quando hoje eu vejo isso, quando vejo esse belo júbilo cristão com que, em nossos lares, se festeja acontecimento tão sério, tão capital, na meninice dos nossos filhos, é que eu meço bem o quanto, nestes derradeiros anos, caminhamos em compreensão e prática da fé católica. Que larga diferença entre os tempos de agora e os meus tempos de criança!

Há quarenta anos atrás, meu amigo, era verdadeiramente imenso o descaso religioso no Brasil. No Brasil, atente bem. Pois não apenas no meu pequeno Tatuí, ou no meu Estado de São Paulo, que o descaso religioso era imenso. Era-o, sim, em todo Brasil. E com razão. Vastidão territorial imensa, gentes rudes, pouquíssimos padres para essa vastidão e para essas gentes. Ainda por cima, nessas velhas e soltas eras, muitos desses poucos padres, Deus do céu, ao invés de edificarem, andavam por aí... Não falemos. Falemos só do descaso religioso em que se desenvolveu a minha infância. Do descaso religioso em que se formou o meu espírito. Do descaso religioso em que se desenvolveu a minha infância. Do descaso religioso de nossos pais. Eles nunca se confessavam, nem comungavam. Nem mesmo para casar. Essas coisas arranjavam-se facilmente com o vigário. O vigário era homem tomador de rapé, chão, de bom conselho, amigo de toda a gente, que vivia na sua sossegada chácara, ao pé da igreja, levando uma vida sobrenatural... Os nossos maiores olhavam essas coisas com olhos humanos, não se escandalizavam, e, mesmo achando aquilo natural, continuavam eles e mandar os filhos a "casar no padre" e a "batizar no padre". Foi graças a essa largueza bonacheirona dos nossos maiores que o Brasil conservou a sua tradição de fé católica. Conservou-a por milagre. Por isso, hoje, ao contemplar, em nossas igrejas, essa fileira de

homens que, recolhidos e compungidos, se acercam reverenciosamente da mesa do Cristo, medito sempre na evolução pasmante ou, melhor, digamos a palavra que eu já disse, e que é a justa — no "milagre" que isso traduz. E evoco então a trivialidade, a nenhuma importância com que, nos meus anos de menino, se faziam, em Tatuí, as primeiras comunhões. Que Pai, nesses tempos, lá se importava com a primeira comunhão do seu filho? Isso era coisa para mulher. E para mulher beata. Mas as próprias mulheres, na sua ignorância, não davam ao ato o valor que ele tinha. Aquilo se fazia trivialmente. Era acontecimento sem nenhum relevo. O pequeno aprendia em quatro ou cinco domingos (que domingos enfadonhos!) umas tinturas de "doutrina", decorava o Credo, e, assim, malíssimamente preparado, davam-no pronto para a solenidade eucarística. No grande dia, como se fosse um dia qualquer, lá ia o pequeno para a igreja. Nada de festa. Nada de aparato. Nem mesmo, naquele dia, o menino se vestia com mais apuro do que o de costume. Tudo banal, tudo displicente. No dia da minha primeira comunhão, contudo, minha mãe fez para mim uma roupa nova. Eu fui de roupa nova e um laço de fita branca no braço. Na igreja deram-me uma vela acesa. Oh, aquele laço de fita branca e aquela vela de cera queimando... Foi o que me impressionou. E foi tudo, essa é que é a verdade. Foi tudo o que, do ato

tão sério, ficou gravado para todo o sempre em minha lembrança.

Depois de minha primeira comunhão principiei a rezar todos os dias. A rezar fervorosamente. E para quê? Para que Nossa Senhora me concedesse uma só felicidade, uma só, mas que era a felicidade inteira de minha vida: que a Morena e a Manteiga não se embrenhassem no mato. Que eu as encontrasse no pasto com facilidade... Não há dúvida: as vacas eram o meu tormento. Tormento que me agoniava. E me agoniava tanto, com tanta fereza, que, certo dia, ao ir buscá-las, entrei na igreja que ficava em caminho. Entrei, abeirei-me do altar, ajoelhei-me. Ergui para a Virgem os meus olhos súplices. Lá em cima, no seu nicho, sorria Nossa Senhora, linda, linda, com o Menino nos braços, um resplendor cintilando-lhe à cabeça, o manto azul celeste borrifado de estrelas de prata. E eu lhe disse:

— Minha Nossa Senhora, ajudai-me! Fazei-me que eu encontre a Morena e a Manteiga sem custo. Que elas não se escondam no mato. Concedei-me o que vos peço, minha Nossa Senhora, que eu, aqui diante do vosso altar, vos faço esta promessa: eu, quando ficar homem, serei padre!

E repeti, com firmeza, o coração ingênuo a transbordar de sinceridade ardente:

— Eu, quando ficar homem, serei padre!

Esta promessa revela bem o temperamento assomado (horrendo defeito) que eu fui a vida inteira. Excessivo em tudo. Quando me davam um, queria logo retribuir com cem. Quando pedia Nossa Senhora, na minha deliciosa candura, que me concedesse a graça de encontrar sem custo as minhas vacas, oferecia logo, em retribuição da pequena ajuda, o sacrifício imenso de ser padre. Está visto que, apesar da promessa, a Morena e a Manteiga continuaram a se encafuar no mato, e, apesar da promessa, eu a topar com elas muito penosamente, no pasto. Vivi assim mais um ano de desassossego. Ao cabo dele, findas as minhas primeiras letras, os meus professores, com o seu Chico Pereira à frente, aconselharam muito minha mãe que me enviasse a São Paulo prosseguir nos estudos. Minha mãe tinha apenas com que viver modestamente na nossa terra. Mandar como? Um irmão, o acima de mim, já andava por lá estudando com sacrifícios que se não contam. E mandar ainda outro? Impossível. Mas a minha mãe era uma lutadora magnífica. Vendeu o pouco que lhe restava, ajuntou o dinheiro de contado que pôde, e, pondo nas mãos de Deus o seu destino de viúva, lá veio, só com sua coragem, a batalhar em prol dos filhos nesta dura cidade de São Paulo, que é a mais dura, a mais fria, a mais materialista das cidades do Brasil.

CAPÍTULO VI

O homem mais rico de minha terra

Dezembro. — Antes de ir-me de Tatuí, que eu não tornarei a ver tão cedo, preciso falar aqui de um homem rico que lá vive. De um homem rico, rico. Porque, amigo, não sei se você sabe, na minha terra há bastantes homens ricos. Mas esse é o homem mais rico da minha terra. Da minha terra só, não. Pelas cidades em que andei, por países vários em que vivi, eu conheci mais tarde outros homens ricos, outros e muitos, que eram mais ricos do que os homens mais ricos da minha terra. Pois esse, o de que falo aqui, é ainda mais rico do que todos os homens ricos que eu conhecia. Pouca gente, na minha terra, sabe disso. Muito pouca gente. Como sabê-lo? Ele é um simples, um humilde, um apagado professor de escola primária. Foi o meu primeiro professor. Chama-se: seu Chico Pereira. Seu Chico morava na mesma rua em que eu morava. A casa dele, lembro-me bem, era uma casinhola baixa, pintada de azul, com uma porta e duas janelas, modestíssima. Tinha, dentro, uma desguarnecida varanda telha-vã e

uma das pobres alcovas atijoladas e triste. Nessa casa todas as manhãs, à hora do almoço, entravam uns homens maltrapidos, pé-no-chão, que viviam pela cidade ao deus-dará. Todas as tardes, também, à hora do jantar, outros homens, igualmente maltrapidos, igualmente pé-no-chão, entravam silenciosos por aquela casinhola adentro. Iam até a cozinha. Aí havia uma comprida mesa de peroba. Naquela mesa de peroba, enegrecida e nua, onde se enfileiravam toscos pratos de folha, seu Chico dava de comer aos bandos esmolambados. Dava de comer com o pouco que sobejava do sustento das irmãs. Porque seu Chico vivia com três irmãs velhas e solteiras. Ele também era solteiro. Diziam que era casto. Era-o, certamente. Pois somente o casto, somente o másculo que subjugou a paixão sórdida poderia atingir a perfeição que êle atingira. Perfeição que se revelava em tudo. Que se revelava, notadamente, na impressionadora igualdade da sua vida e na impressionadora igualdade do seu caráter. Nada de brusco, nada de assomado. Tudo, nele, regular e harmonioso. Tinha o andar pausado e a voz lenta. As palavras caíam-lhe da boca medidas e pesadas. Exemplar vivo, exemplar marcante, de que eu me recordarei a vida inteira, do varão prudente e de bom conselho. Naqueles tempos irreligiosos, de costumes soltos, ele era homem temente a Deus. Ia à igreja todos os domingos e, todos os domingos, comungava. Foi o único homem que eu vi

comungar na minha terra. Foi também, naquele pequenino Tatuí de outrora, o único vivente que não teve malquerenças políticas. Porque o meu Tatuí, meu amigo, foi lugar de tremendas lutas partidárias, lutas assanhadíssimas, em que se disputava o mando a tiro de trabuco. Houve por lá muito assassínio. Mulheres e homens dividiam-se como onças acuadas, em duas greis que se odiavam. Somente aquele sereno e incontagiável professor de primeiras letras, na sua casinhola pintada de azul, com uma porta e duas janelas, não soube nunca o que foi o esbravejar daquelas iras. Ele soube apenas, durante a fervura das contendas, que às dez horas os pobres vinham para o almoço e que às quatro horas vinham para o jantar. Mais nada. Por isso todos os da cidade reverenciavam-no. Por isso, às tardes, quando ele passava pelas ruas, com a sua puída roupa escura, a bengala na mão, todos os da cidade se descobriam com respeito. Boa-tarde, seu Chico. Boa-tarde, seu Chico. Ele ia para o Asilo de S. Vicente de Paulo. Este asilo, onde se abrigavam uns velhinhos rotos, descarnados, doentes, fora a obsedante paixão daquele homem justo. Ele planejara a obra, lançara a idéia, arrecadara as primeiras dádivas, fizera lançar a pedra inicial. Custara-lhe muito, com as migalhas que lhe arremessavam à sacola, botar a obra de pé. Mas botou. E o asilo, enfim, abriu as portas para receber a chusma encarquilhada dos anciãos que o buscavam.

E agora, todas as tardes, todas, sem faltar uma, lá ia o S. Vicente de Paulo de minha terra visitar os amigos do seu Asilo de S. Vicente. Ia com um livro velho na mão. Os pobres, quando ouviam o relógio grande bater cinco horas, diziam com segurança:

— Seu Chico está aí.

Não erravam nunca. Cinco horas batidas, seu Chico entrava. Entrava, dependurava o chapéu, encostava a bengala num canto. Boa-tarde, seu Chico. Boa-tarde, Anastácio, você melhorou do reumatismo? Seu Chico sentava-se à beira da cama em que jazia o Anastácio, encarangado. Assomava logo, de todo o lado, muita cabeça branca. Eram uns cambaleantes trapos humanos, enrugados, macerados, olhos empapuçados, varados de doenças que se não curam. Uns feridentos, outros encatarroados, outros com barriga-d'água, todos com grossas veias saltadas no pescoço. Boa-tarde, Libório. Boa-tarde, Zeca. Vinham os velhos todos. Cercavam-no. E o Libório contava então a seu Chico que lhe dera de manhã a dor na cacunda. E o Zeca Ruivo pedia que lhe arranjasse um cozimento de malva por via do inchamento dos pés. E o Pega-boi queixava-se de que ouvira muito barulho naquela noite: era gente que queria roubar os oitocentos réis que a mulher do coletor lhe mandara no domingo de entrudo. Eu sei bem quem é, seu Chico. Eu sei bem quem é. E olhava,

com muita intenção, para o Belarmino, o negro, que fora carreiro de seu Manduca. Seu Chico ouvia a todos. E que paciência! Consolava a todos, tinha uma palavra boa para todos, prometia tudo a todos. Depois, sentado à beira da cama, com os pobres em derredor, seu Chico abria o livro velho que trazia na mão. Era um livro amarfanhado, com as folhas amarelecidas, velho, velho, que aquele doce homem lia todos os dias, absolutamente todos, há já cinqüenta anos. E principiava, com a sua voz grave, destacando acentuadamente as palavras:

"... então o rei disse aos servos: as bodas estão preparadas, mas os que foram convidados não são dignos Ide, pois, às encruzilhadas, e convidai para as bodas...".

Os velhos ouviam. Perguntavam muita coisa. Seu Chico esclarecia aquelas coisas. Os velhos escutavam os esclarecimentos, meneavam a cabeça, suspiravam, esperançavam-se, às vezes choravam. Às sete horas em ponto batia o sino. Seu Chico levantava-se. Boa-noite, seu Chico. Boa-noite, seu Chico. Ele tomava do chapéu e da bengala. Tome cuidado com a friagem, Libório. Cubra-se bem esta noite, Zeca; eu trago amanhã a malva para o cozimento. Saía. No outro dia, cinco horas batidas, seu Chico aparecia de novo no asilo. Boa-tarde, seu Chico. Boa-tarde, seu Chico. E assim foi durante anos. Quantos? Não sei. Sei unicamente que, com o andar dos anos, a

vida daquele S. Vicente foi se tornando, cada dia, mais ternamente apegada à vida dos seus doentes. Fora do asilo, fora dos seus pobres, o velho professor, curvo e acabadinho, já não tinha mais afeições. As irmãs, uma após outra, foram-lhe morrendo. Ficara ele solitário na vida. Quando lhe morreu a derradeira irmã — tão aniquilada estava! — a cidade soube, sem o querer acreditar, que seu Chico andava planejando esta coisa pasmante: vender a casinhola. Vender a casinhola em que morara a vida inteira. A casinhola baixa, pintada de azul, com uma porta e duas janelas, modestíssima. Houve então na cidade muita murmuração. Diziam que seu Chico andava meio avariado da cabeça. Onde se viu, no fim da vida, ficar um homem sem telheiro para morrer? Onde se viu? Aquilo era tontice de quem já não regulava bem. Não sei se o professor humilde, o comovido amigo dos velhos, soube daquelas murmurações. Sei apenas que seu Chico vendeu a casa. Meia dúzia de contos. Uma bagatela vil para os mimosos da fortuna. Mas para ele, para seu Chico Pereira, aquela meia dúzia de contos era a riqueza. Riqueza que dava e sobejava para viver sem aperto o resto dos seus dias que já iam murchos. Mas seu Chico andava mesmo ruim do juízo. Não cuidou como devia daquela sua única riqueza. Não o botou a render juro em mão de fiança. Não abriu caderneta na Caixa. Nada. Seu Chico andou pelos casebres e pelos ranchos de minha

terra. Viu aí os desgraçados. Os que tinham a panela vazia sobre o fogão apagado. Os que não sabiam onde se abrigar nos dias de chuvarada. Os que não possuíam um pano sequer para se cobrir nas noites de geada. E seu Chico distribuiu o dinheiro da sua casa aos pobres. Vai, Chico — dizia-lhe no coração uma voz secreta — vai, vende o que tens, dá-o aos pobres, e terás um tesouro no reino dos céus. Sim, amigo, seu Chico deu o seu dinheiro aos pobres. Deu-o sem rumor. Sem que os jornais trouxessem a notícia. Deu-o às escondidas, evangelicamente, pois ele bem conhecia o que estava escrito no seu livro amarfanhado, naquele livro velho que ele lia há cinqüenta anos: "... tomai cuidado em não fazer as vossas obras diante dos homens com o fim de ser visto por eles. Assim quando fizerdes esmolas, não mandeis tocar a trombeta diante de vós, como fazem os hipócritas, para serem honrados pelo mundo..." E seu Chico ficou pobre, pobre, mais pobre de que o último pobre do seu asilo. A minha terra soube então da pobreza do seu Chico. A minha terra abriu os olhos assombrada. Seu Chico, de fato, não estava mais regulando da cabeça. Que diabo, diziam com ânsia, que diabo irá ele agora fazer? Não tenha ânsia, minha terra. Não tenha ânsia. Seu Chico sabe o que vai fazer. Pois um dia, quando o relógio grande bateu as cinco horas, os velhos do asilo disseram como diziam há tantos anos:

— Seu Chico está aí.

E estava. Mas seu Chico, naquele dia, não entrou sozinho. Entrou com um rapazote que carregava uma canastra pregueada e chata. Boa-tarde, seu Chico. Boa-tarde, Libório; como vai a dor da cacunda? Os velhos acorreram todos a sentar-se em redor de seu amigo. Ele disse para o rapazote: João, acomode a canastra debaixo daquela cama. O rapazote acomodou a canastra debaixo da cama e partiu. Então seu Chico abriu o livro velho e pegou a ler o livro velho para os pobres. Às sete horas, como de costume, o sino tocou. Mas seu Chico, naquela noite, não tomou do chapéu e nem da bengala. Não saiu do Asilo de S. Vicente de Paulo. Disse apenas para os velhos:

— Meus irmãos, vamos dormir.

Os velhos entreolharam-se com muito espanto. Seu Chico notou aquele espanto. E repetiu singelamente, muito natural, a voz lenta e grave:

— Vamos dormir, meus irmãos. Eu fico aqui. Porque de hoje em diante, não sei se vocês sabem, eu vou morar no asilo com vocês...

E ficou morando no asilo com os pobres. Lá está ainda agora. Lá está neste mesmo instante em que eu escrevo esta página. Ele não suspeita jamais na vida, jamais, que eu estou contando o que conto aqui. E mesmo que suspeitasse, amigo, que montaria lá isso para

seu Chico? Ele, o humilde, é suficientemente alto para desprezar as pequenezas da terra. Ele não se importa com esta minha página. Ele se importa, isso sim, com os seus velhos. Com os velhos a que ele traz a malva para o cozimento. Com os velhos a que ele faz morrer na paz do Senhor, felizes, a alma aquecida e soerguida pela palavra de Deus. E os seus velhos, um a um, já se vão indo para o Cristo. O Libório já foi. O Zeca também. O Pega-boi também. E seu Chico, por sua vez, irá um dia encontrar-se com eles. Irá, certamente, numa tarde quieta, numa dessas tardes doces e finas, de céu esmaiado e luz morrente, com funda e adormentadora serenidade a apagar a feiúra das coisas. Sim, meu amigo, nessa hora macia é que seu Chico fechará maciamente os olhos. Tombará semeando o bem. Tombará da vida, mirradinho, como um pássaro leve que tomba cantando da árvore. E há de então, o ditoso, abrir os olhos do lado de lá. E eu vejo bem, amigo, vejo bem, muito bem, tudo o que vai então acontecer. Quando Seu Chico abrir para a eternidade os olhos da alma — que ofuscação! Festas, alegrias cantantes, violinos ardentes derramando harpejos, caçoilas de jaspe queimando essências, anjos resplandescentes a voar com asas de prata, rosas tombando do alto, muitas rosas, e, único, em toda a sua deslumbradora magnificência, um grande sol cegante, mais cegante do que mil sóis fundidos, a alumiar tudo com o seu luzir divino. Seu

Chico, no seu encantamento, põe-se então a caminhar por um chão pavimentado de lazuli. E caminha tão levezinho, tão etéreo, tão sem peso... Caminha com a sua roupa escura e com a bengala na mão. Bandos de homens e de mulheres, com resplendores à cabeça, risonhamente, exultantemente, agitando palmas e arremessando flores, abrem alas para que passe o velhinho do asilo de São Vicente. Boa-tarde, seu Chico. Boa-tarde, seu Chico. E seu Chico lá vai, glorioso. Lá vai, lá vai... Ao fim do caminho, com surpresa, eis que o humilde professor divisa, junto a fulgentíssimo trono, uma casinhola baixa, pintada de azul, com uma porta e duas janelas. É a casinhola que seu Chico vendeu para dar o dinheiro aos pobres. Ele entra na sua casinhola chã. Que deslumbramento! Tudo, lá dentro, a refulgir... Tudo de ouro, só ouro, as paredes de ouro, a varanda telha-vã com telhas de ouro, as alcovas ladrilhadas de ouro, até a cozinha, com mesa de peroba, toda cintilante de ouro vivo. E naquela sua cozinha, em redor da mesa de peroba, ó, meu bondoso seu Chico, que alegria imensa — todos os pobres do seu asilo! Boa-tarde, seu Chico. Boa-tarde, seu Chico. Seu Chico dependura o chapéu e encosta a bengala num canto. Boa-tarde, Libório; como vai a dor na cacunda? E seu Chico, feliz, vai sentar-se radiosamente entre os seus amigos. Mas, ao sentar-se, eis

que, bruscamente, surge diante dele um homem doce, um homem de olhos suaves e cândidos, a túnica alva e resplendente, que tem uma fúlgida coroa de espinhos à fronte. Seu Chico arregala dois grandes olhos. E os olhos estão regurgitados de alegria e de lágrimas:

— Senhor!

O Senhor traz nas mãos um feixe de luz. Sorrindo, mansamente, o Senhor, com as suas próprias mãos, circunda a cabeça branca do velho com aquele feixe de luz. E diz:

— Santo Chico, o reino de meu Pai tem muitas moradas. Esta, a que fica rente do trono, eu a construí e enfeitei para você. E isso, meu filho, porque tive fome e você me deu de comer, porque tive sede e você me deu de beber, porque andei sem abrigo e você me recolheu, porque estive nu e você me vestiu, porque caí enfermo e você me visitou.

Então, com espanto, diz seu Chico a Jesus:

— Senhor, quando te vi com fome e te dei de comer? quando te vi com sede e te dei de beber? quando te vi sem abrigo e te recolhi? quando te vi nu e te vesti? quando te vi enfermo e te visitei?

Jesus aponta os pobres e responde:

— Em verdade, Chico, em verdade o digo: todas as vezes que você fez estas coisas a um destes meus irmãos pequeninos, a mim o fez. Viva, pois, de hoje em

diante, e para toda a eternidade, na casa que eu construí e preparei para você. Viva nela com a minha paz...

Nisto o relógio bate cinco horas. Então a um gesto de Jesus, um anjo, todo branco, aparece revoando na casa de seu Chico. Aparece ali, na cozinha, junto à tosca mesa de peroba, trazendo nas asas de prata um opulento estojo borrifado de pedrarias. Jesus toma daquele estojo. Abre-o. Dentro está um livro. É aquele livro velho que seu Chico leu durante cinqüenta anos. E Jesus, sorrindo, mansamente, passa o livro velho às mãos do seu eleito...

— Santo Chico, são cinco horas. Pode principiar a leitura...

CAPÍTULO VII

Le coeur d'un homme vierge

Estou em São Paulo, fiz os meus exames de admissão, freqüento agora o Ginásio de Nossa Senhora do Carmo. Sou aluno dos excelentes irmãos maristas. São Paulo, convém lembrá-lo, não é ainda, nem por sombra, o São Paulo que veio a ser. Nem arranha-céus, nem avenidas largas, nem bairros de residências suntuosas, nem o milhão de habitantes, nem a envaidecedora selva de chaminés furando o azul. Nada disso. É uma cidade tristonha, garoenta, que tem no inverno os lampiões de gás acesos até as nove horas da manhã. É cidade ainda provinciana, ainda caipirona, com os seus tílburis, com a sua velha Sé, com os seus becos, com as suas ladeiras, mas que, apesar de tudo, futura capital de um bilhão e quinhentos milhões de pés de café, já principiava a agitar as asas para desferir o vôo alucinante que, no curto espaço de trinta anos, soberbamente desferiu. Minha mãe veio morar no quarteirão mais antigo da cidade. Primeiro, na rua Tabatinguera; depois na rua das Flores. Aí vivemos, numa casa modesta, largo tempo. Da minha casa ao ginásio era pe-

quena a caminhada. Todos os dias, durante seis anos, eu fiz essa caminhada. Seis anos que foram capitais na formação do meu espírito. Capitais pelo que aprendi em humanidades, capitais pelo que perdi em idéias religiosas. Eu havia convivido, na minha terra, com meninos rudes, de língua destemperada, que sabiam coisas feias e contavam cruamente as coisas que sabiam. Em São Paulo, porém, no ginásio, travei-me logo de camaradagem com uma turma de meninos bem mais desfreados do que os meninos de minha terra. Meninos de costumes soltos. Êles nem só sabiam, mas faziam coisas feias. Eram meninos, não é preciso dizer mais, que já freqüentavam casas de meretrizes. Eu, até ali, era ingênuo e casto. Mas contaminei-me logo. Ai de nós, míseros rapazolas, que vivemos aí por 1900! Tenho a impressão de que os de hoje têm muito mais inocência do que os daqueles tempos. Fruto, evidentemente, de educação mais cuidada e de religião melhor praticada. Aí por volta de 1900, no entanto, cometíamos muitas misérias. Que fazer? Creio que não será necessário acentuar aqui a influência de tal sordícia no meu coração. A carnalidade afogou no seu nascedouro aquela sementezinha de religião que despontara tímida dentro de mim. Para a minha fé, já de pouco valia o colégio católico em que eu estudava. Eu rezava, é certo, como os demais companheiros, a Ave-Maria que os bons maristas nos faziam rezar no intervalo das aulas. Ouvia,

é certo, a lição de instrução religiosa que os bons maristas todos os dias, pacientemente, nos davam. Que montava lá isso? Essas coisas já não deixavam grande sulco em meu coração. O meu instinto despeara-se. Os bons maristas que falassem das doçuras do céu... Eles estavam perdendo o seu tempo e o seu latim. Não havia céu mais doce do que as mulheres. E dei, menino e moço, de me atolar com regalo no atascadeiro. No entanto, por desgraça minha, mais do que os meus companheiros de colégio, muito mais, houve uma circunstância forte, decisiva, que me arrastou sem tropeços para a impiedade. Foi, não há dúvida, o fator capital para que eu tão cedo perdesse a fé. O caso é simples. Eu tinha (já o disse) um irmão mais velho, logo acima de mim, hoje, felizmente, bom católico. Ele fazia a esse tempo o seu curso de direito. Nós dormíamos no mesmo quarto. Era um quarto pequeno, pobre, escassamente alumiado por um bico de gás. Tenho-o bem vivo na minha lembrança. Nesse quarto, à noite, é que se reuniam os amigos de meu irmão. Todos acadêmicos, tremendos ledores, uns filósofos, outros literatos, outros juristas, outros poetas. Ferravam eles discussões de aluir céus e terra. Eu ouvi aí, dos doze aos dezessete anos, essas mil desabridas insolências e vitupérios que os escritores ateus arremessam contra a religião. Mais tarde, desafortunadamente, eu, ao invés de ouvir, iria ler no original as barbaridades que então

escutava. Naquele quarto, contudo, presenciei as polêmicas ferventes em que se engalfinhavam os estudantes. Principalmente as polêmicas sobre determinismo e livre arbítrio. O determinismo andava na moda. Os filósofos do meu quarto eram, quase todos, deterministas. Por quê? Já não me lembro mais porque. Mas ainda me lembro que, no entrechoque das suas variadíssimas discussões, eles se referiam incessantemente a Kant. Referiam-se com veneração e deslumbramento. E falavam muito em "categorias" e em "imperativo categórico", pronunciavam a toda hora a palavra "transcendental", diziam coisas rebarbativas, para mim enormemente estranhas, a respeito de "tempo", e de "espaço". Falavam também, não muito, em Spinosa. Mas falavam com ardência em Rousseau e em Schopenhauer. Falavam, sobretudo, em Spencer. Andavam todos encharcadíssimos de Spencer e de evolucionismo. Em meio a isso, ou melhor, como remate a isso, liam em voz alta, fogosos e entusiasmados, os trechos os mais amalucados de Zaratustra. Eu ouvia aquilo tudo. A maioria das coisas que ouvia, está claro, eu as entendia pouco. Não importa. Lá ficavam elas esvoaçando, nebulosas, no meu cérebro desarmado e tolo de menino. As coisas que eu entendia bem, no entanto, essas se gravaram para todo o sempre dentro de mim. Hoje ainda as sei de cor. Naquele tempo, eu, ginasial, já exclamava enfatuadamente para os meus companheiros

de classe: "o pecado é belo, a violência é bela, tudo o que afirma a vida é belo". E arremessava-lhes em face, para os deslumbrar com ar superior, aquela palavra blasfema de Voltaire sobre a morte de Cristo: "é Deus crucificando a Deus para aplacar a cólera de Deus". Crua perversidade a minha... Havia, é claro, entre os meus companheiros de ano, muitíssimos que eram ainda simples e ingênuos, que eram crentes, que não tinham filósofos ateus no seu quarto. Estes ouviam aquelas horrendas coisas e arregalavam largamente os olhos. Eu sabia que os escandalizava. Sabia, e, pedante, comprazia-me satanicamente em chocá-los. No entanto, desgraçado de mim, nada mais certo do que aquela palavra de Jesus — "todo aquele que escandalizar um destes pequeninos que crêem em mim, melhor lhe fora que lhe atassem em roda do pescoço uma mó de moinho e o lançassem ao mar". Mas eu acaso lá me importava com isso? Não. Eu me importava apenas em saber o que dizia Voltaire. Porque eu já ouvira, nas noitadas flamantes do meu quarto, falar com fascinação do homem genial de Ferney e de "Candide", e de "Zaire", e de "Merope", e, acima de tudo, daquele famoso e satânico estribilho "écrasez l'infame", com que Arouet chuçava os seus comparsas para a guerra contra a Igreja. Mas não era tudo. Havia ainda, pior do que os filósofos (pois esses, repito-o, eu os entendia pouco), havia ainda os escritores e os poetas. Os escri-

tores não eram o meu forte. Sê-lo-iam, em breve, na Academia. Naquele momento os poetas é que me seduziam. Esses eu amava de coração. Seria enfadonho o enumerar nestas páginas os muitíssimos poetas que li. Poetas de várias línguas. Uns líricos, outros parnasianos, outros impressionistas; outros não sei quê. Deixemos, porém, os Hugos, os Byrons, os Leconte, os Heredia, os Baudelaires, os Antônio Nobre, os Garrets, os Stecchetti, os Bilac, os Vicente de Carvalho, outros e outros, todo um mesclado rol de grandes e pequenos poetas, e falemos, tão somente daqueles que exerceram influência real, incontrastável, sôbre todos os adolescentes do meu tempo. Dois dentre os poetas portugueses, e um terceiro, francês, dentre os franceses, tiveram essa influência. Falemos portanto deles. Comecemos pelos portugueses. Um foi o poeta da grande voga. Queridíssimo. Não sei de nenhum outro que, no Brasil, se lhe tivesse avantajado em popularidade. Toda a gente o leu, toda a gente o declamou com ardor. O outro, porém, já não era assim. Contrastava fundamente com esse. Não andou jamais na berra. Poucos o conheciam. Era tido como o poeta das elites. Poeta alto e nobre, poeta dos espíritos que amavam as coisas profundas, e, por isso mesmo, no meu tempo tempo de ginasial, tornou-se marca de bom gosto, sinal de superioridade, admirá-lo. Um foi Guerra Junqueiro; o outro, Antero do Quental.

CAPÍTULO VIIII

Guerra Junqueiro foi, realmente, o poeta adorado desses velhos tempos. As suas obras penetraram triunfalmente em todas as bibliotecas, todas, desde a biblioteca, solene e vistosa, do desembargador letrado, até a estante humilde, com três brochuras amarelas, da costureirinha de bairro, "A Morte de D. João". "A Velhice do Padre Eterno"... Estes livros fizeram o encanto do cenáculo do meu quarto, e, o que é o mais, o meu exaltado encantamento. Líamos aquelas páginas por entre risadas homéricas. Os sarcasmos demolidores, verdadeiramente tremendos que o poeta arremessava candentemente contra a Igreja, aguilhoavam como acicates de fogo a irreverência e a impiedade que já lavravam desenfreadas em nossas almas. Esses livros — o que é o mau gosto duma época! — eram para nós os mais belos do poeta. Muito mais belos do que o "Os Simples". O "Os Simples", não obstante, é a poesia pura, poesia sem mescla, fresca e borbulhante, fundamente

emocional, que decerto ficará imorredoura na língua portuguesa. Quem acaso, leu a boeirinha, aquela

donairosa, linda boeirinha
Grandes olhos garços, sorrisinho arisco,

e se esqueceu jamais da finura e da lindeza deste lirismo:

Loira, mas de loiro fulvo das abelhas:
Fresca como os cravos pelo amanhecer;
Brincos de cerejas presos nas orelhas,
Na boquita rósea três canções vermelhas,
Na aguilhada, ao alto, uma estrelinha a arder!

Descalcinha e pobre, mas sem ar mendigo,
Nada mais esbelto, mais encantador!
Veste-a d'oiro a glória do bom sol amigo,
O chapéu é palha que inda há um mês deu trigo,
A saíta é linho inda há bem pouco em flor...

No entanto, Deus meu, eu tenho até vergonha em confessá-lo aqui, o "Os Simples" não atiçava em nós aquela admiração e aquele entusiasmo que atiçava a poesia escachoante, bombástica, e, sobretudo, blasfema do poeta carbonário. Não havia para nós coisa mais deliciosa do que (como dizíamos) "As piadas do Junqueiro". Piadas... Ah, o mal que essas piadas fizeram a mim e aos da minha idade. Basta dizer aqui que, como piada que mais saboreávamos, estava aquela em que o poeta faz Voltaire, "o sátiro divino, o monstro

da ironia", saltar do seu túmulo e ir à cata do Cristo, a fim de que o Cristo, de fraque e de monóculo, assistisse às festas (que ele pinta irreverentíssimamente) da Semana Santa. E como ríamos a bom rir, gostosamente, quando declamávamos as truanices da "Circular" e os achincalhes à "Bênção da Locomotiva" e os farpados atrevimentos da "Resposta ao Silabus"... O mais curioso desses velhos dias, no entanto, é que nos salões, nos festivais, nos teatros, nos lares, até nos lares os mais cristãos, o que marca bem uma época, recitava-se, já não digo com a condescendência, mas sob o enternecimento e o enlevo de toda a gente (eu recitei inúmeras vezes) aquelas bombásticas e hugoanas estrofes da "Caridade e a Justiça", que são a blasfêmia nua. Esse poemeto foi, com o "O Melro", o grandioso, o magnífico, o triunfal poemeto do meu tempo. Eu tenho ainda na memória o trecho dramático, o final, que arrancava de todas as platéias ovações de sacudir paredes. Era quando Jesus, no Calvário, pregado à cruz ao morrer diz a Judas:

> Traidor, concedo-te o perdão.
> Além de meu carrasco, és inda meu irmão...

Judas escuta a voz amiga do mestre. A voz que o perdoa. Mas repele-a. E então:

Erguendo-se viril, soberbo, extraordinário,
Exclamou:

— Não aceito a tua compaixão,
A Justiça dos bons consiste no perdão.
Um justo não perdoa. A justiça é implacável.
A minha ação é infame, hedionda, miserável;
Preguei-te nessa cruz, vendi-te aos Fariseus.
Pois bem, sendo eu um monstro e sendo tu um Deus,
Vais ver como esse monstro, ó pobre Cristo nu,
É maior do que Deus (sic), mais justo do que tu:
À tua caridade humanitária e doce,
Eu prefiro o dever terrível! E enforcou-se.
"

Junqueiro morreu, era eu já moço feito, contritamente voltado para as coisas espirituais. Morreu com o coração erguido para o Cristo. O livro que deixou, postumamente publicado, "Caminho do Céu", e o estudo que, prefaciando-o, João Grave escreveu belamente sobre o poeta, revelam a tormenta religiosa que, nos últimos anos, sacudiu o fragoroso bombardeador da Igreja Católica. Mas não havia mister do "Caminho do Céu", para que se soubesse que aquela grande alma fôra revolucionada pelo anseio do infinito. Precocemente chegado pelo sofrimento ao ocaso da vida, diz ele em certa "Nota" inserta em um dos seus livros, "atravessei há anos um período agudo, bem doloroso e numa ansiedade inenarrável, senti-me eletrizado como por encanto de energias súbitas. O problema do "além"

(como por agora se diz) impunha-se, dilacerante e devedor à minha natureza inquieta de religioso e de metafísico". Esse problema do "além", realmente, acutilara sempre o revolucionário. Como Musset, Junqueiro bem podia dizer — "malgré moi, l'infini me tourmente". Nas suas investidas de demagogo, em meio de bombardas chamejantes que atirava, há de quando em quando, isto:

> Existe um ímã — Deus — oculto no infinito
> Obedece-lhe sempre, invariàvelmente:
> Torna-te um pensador; e, mais ainda, um crente.
> Tem dois pólos a alma — a crença e a razão.
> A crença é o luar da nossa intuição;
> Onde a razão acaba, a crença principia.

O poeta acreditava em Deus. E nem só em Deus. Acreditava na imortalidade da alma, na vida futura, e, o que é muito interessante, acreditava no céu e no inferno, naquele mesmo céu e naquele mesmo inferno de que tão virulentamente escarnecera. Eis o que ele diz em um dos seus livros mais vermelhos:

> Ó crentes, como vós, no íntimo do peito
> Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal,
> O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito:
> Creio que Deus é eterno e que a alma é imortal.
>
> .....

Sim, creio que depois do derradeiro sono
Há de haver uma treva (sic) e há de haver uma [luz (sic)]
Para o vício que morre ovante sobre um trono,
Para o santo que expira inerme numa cruz.

Tenho uma crença firme, uma crença robusta
Num Deus que há de guardar, por sua própria mão,
Numa jaula de ferro a alma de Locusta,
Num relicário d'oiro a alma de Platão.

Está claro que nós, rapazolas de ginásio, não nos dávamos ao trabalho de refletir sobre esses versos, nem sequer atentávamos sobre esses pedaços de confissão que surgiam, aqui e ali, por entre as marretadas arrasadoras do arieteiro feroz. Não víamos que esses versos deixavam, como clareiras, entrever o que ia no âmago da "selva selvaggia" daquela alma. Mas nós víamos, e ríamos, e nos encantávamos com a "Sesta do Senhor Abade", e o "Como se faz um Monstro", e "Vala Comum" onde havia isto que era para nós um regalo:

Gozar, sem medo à vida eterna,
Toda esta bela patuscada,
Desde a luxúria mais moderna
À gula mais civilizada.

E ao terminar tão bom fadário
Morrer, ouvindo alguns latins,
Com treze quilos do calcáreo,
— Onze na alma, e dois nos rins:

E na mais íntima harmonia
Com Satanás e com Jesus,
Ir para a cova à luz do dia,
De farda rica e de grã-cruz,

E, entre tocheiros deslumbrantes,
Ser bem comido e bem jantado,
Por alguns vermes elegantes,
Num gabinete reservado.

Não é necessário comentar. O pão lírico que nos alimentava, não há dúvida, tinha a côdea loura e bela. Mas era só a côdea. O miolo vinha perigosamente envenenado. Ai de nós, meus amigos, os da geração de 1900...

CAPÍTULO IX

Antero do Quental... O santo Antero, repare nisto, amigo, o santo Antero, como o apelidava reverenciosamente o Eça. Esse era para nós o poeta profundo, o poeta filósofo, transcendental, o despeado de lirismo e pieguices, o rapsodo das especulações altas e nobres do pensamento. Ah, era o vate que, ao invés de inspirar-se na covinha do rosto da namorada, cantava com altissonância esta coisa enorme: "a Idéia". Sim, a Idéia! E ficávamos em êxtase quando declamávamos:

> Mas a Idéia quem é? quem foi que a viu,
> Jamais, a essa encoberta peregrina?
> Quem lhe beijou a sua mão divina?
> Com seu olhar de amor quem se vestiu?
>
> .....
>
> E, no entanto, ó, alma triste, alma chorosa,
> Tu não tens outra amante neste mundo
> Mais que essa fria virgem desdenhosa!

Mas não era só a Idéia. Havia outras alevantadas coisas que santo Antero cantava ao som daquela sua

austera lira. Essas alevantadas coisas podiam se resumir neste verso:

A ilusão e o vazio universais

Pois Antero pregava, como fim supremo, como fim único a que um homem pensante devia apaixonadamente ambicionar, este ideal de peregrina beleza: o "Não-ser", o "Nada", o "Nirvana". Eis porque, no nosso quarto, quando discutíamos a profundidade do poeta, logo um principiava:

Só quem teme o Não-ser é que se assusta...

e, na nossa admiração, lá íamos soneto afora, lá íamos cheios de respeito, por aqueles versos soturnos como um cantochão, até o fecho de ouro:

Talvez seja pecado procurar-te;
Mas não sonhar contigo e adorar-te;
Não-ser, que és o ser único, absoluto.

E Oliveira Martins, aquele mesmo que nos legou imortalmente a História da República Romana, e, na História da República Romana, o triunfo esplendente de Paulo Emílio, livro e página que são das coisas maiores e mais sérias das letras lusas, o eminente Oliveira Martins, ai de nós, rapazes de 1900, comentando a "filosofia" do santo Antero, e, com a sua autoridade, elevando o poeta até os píncaros, dizia-nos enormidades

como estas: "Que espécie de paz era essa em que o coração do poeta descansava". Era o Nirvana. O Nirvana é o céu do budismo, a região mais filosófica e menos fantasmagórica inventada pelos homens. É por este motivo que o budismo atrai hoje em dia todos os espíritos a um tempo racionalistas e místicos, desta época em tudo semelhante à alexandrina, menos no volume do saber positivo que já se não compadece com muitas das teorias sobre que os neoplatônicos especulavam. A teoria da Substância levou-os a eles a uma concepção do Ser que produziu o mito do Verbo cristão, encarnado popularmente em Jesus Cristo. Ora, hoje tudo isso vale apenas como documento histórico, e, por paradoxal que isto pareça, o Não-ser é, segundo a metafísica contemporânea, a essência de tudo o que existe.

O Nirvana... E por que aspirava o poeta ao "Nirvana?" Porque um ateu não pode aspirar a outra coisa senão ao nada. Ateu? Sim, ateu. Santo Antero negava a existência de Deus. Negava-a num soneto que achávamos "imenso":

> Erguendo os braços para o céu distante,
> E apostrofando os deuses invisíveis,
> Os homens clamam: "Deuses impassíveis,
> A quem serve o Destino triunfante,
> Por que é que nos criastes?...
>
> .....

Pois não era melhor na paz clemente
Do nada, dó que ainda não existe,
Ter ficado a dormir eternamente?

Por que é que para a dor nos evocastes?"
Mas os deuses, com voz inda mais triste,
Dizem: Homens, por que é que nos criastes?

Negava o poeta apenas a existência de "Deus?" Não. Santo Antero negava a de "Deus".

Já provamos os frutos da verdade...
Ó Deus grande, ó Deus forte, ó Deus terrível:
Não passas duma vã banalidade!

Negava a Deus. Negava ao Cristo. Por ele, pelo santo Antero, nós sabíamos que Cristo já não era mais o ideal. Já não satisfazia mais a humanidade sedenta de luz. Tornava-se necessário procurar outro caminho, outra fonte, além do Cristo.

Pálido Cristo, a custo agora a tua mão tão doce
Incerta nos conduz...

e por isso,

Força é pois ir buscar outro caminho!
Lançar o arco de uma nova ponte
Por onde a alma passe — e um alto monte
Aonde se abra à luz o nosso ninho
.....

Doce e brando era o seio de Jesus.
Que importa? Havemos de passar, seguindo,
Se além do seio dêle houver mais luz!

Dizer que líamos e nos exaltávamos com o que aí está! E, pior ainda, dizer que Oliveira Martins, esse amado ídolo do nosso culto, a comentar tais coisas, assim aguilhoava a nossa admiração: "Quem diante desses versos não sentir elevar-se-lhe o espírito, como numa oração, àquela espécie de Deus que é compatível com o seu temperamento ou com o estado de educação do seu pensamento, é porque tem dentro do peito, no lugar do coração, um seixo polido e frio. Quem, ao meio do lidar da vida, pousar o olhar da alma sobre um destes sonetos e não sentir o que os sequiosos sentem ao encontrarem um arroio de água límpida, é porque tem a alma feita apenas de egoísmo. Quem, etc. etc....".

Ai de nós, meu amigo, os da geração de 1900... No entanto, em meio a tanto verso blasfemo, em meio àquele caos de dúvidas e de desesperos, que bem refletem o atormentado coração do poeta filósofo, eis que brota de repente da sua lira, incompreensível, verdadeiramente desconcertante, um soneto como este, pela finura, pelo sentimento poético, pela alta beleza mística, não haverá muitos que o igualem na língua portuguesa:

A VIRGEM SANTÍSSIMA

(Cheia de graça, Mãe de Misericórdia)

Num sonho todo feito de incerteza,
De noturna e indizível ansiedade,
É que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da beleza,
Nem o ardor banal da mocidade,
Era outra luz, era outra suavidade
Que até nem sei se as há na natureza...

Um místico sofrer... uma aventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

Ó visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Talvez fosse por causa desses versos, ou melhor, talvez fosse por causa dessa tão sentida e tão linda prece à Virgem que o céu se condoeu de Antero do Quental: pois o angustiado poeta do Nirvana, o torturado do além, ao morrer, como fecho da sua obra, deixou este soneto final, tão desconcertante como o soneto à Virgem, que esboroa e desfaz a essência mesma de todos os seus poemas:

NA MÃO DE DEUS

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou afinal meu coração.
Do palácio encantado da Ilusão
Desci a passo e passo a escadaria estreita.

Como as flores mortais, com que se enfeita
A ignorância infantil, despojo vão,
Depus do Ideal e da Paixão
A forma transitória e imperfeita.

Como criança, em lôbrega jornada,
Que a mãe leva ao colo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu sono, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

Que crítica haverá por aí capaz de explicar esses versos que lá estão perdidos na obra do poeta? Não sei. Nós, contudo, nós, em 1900, não os explicávamos. Nem nos importávamos com eles. Nós nos importávamos, isso sim, com o "Nirvana:

Só quem teme o Não-ser é que se assusta...

CAPÍTULO X

Para ser exato, para dar um testemunho fiel do meu tempo, eu tenho forçadamente que falar aqui, embora muito pela rama, do poeta que é o mais enternecedor e o mais sedutor de todos os poetas. Daquele cujo saboroso lirismo, comovedoramente humano, despertou, desperta, despertará sempre um deslumbrado fascínio no coração de todos os adolescentes. Quero falar de Alfredo Musset. Quero falar do cantor das "Noites". Daquelas Noites, que, ao entrarmos na vida, todos nós declamamos cheios de entusiasmo e bêbados de sonho. "Nuit de Mai...". Quantas vezes não a disse de cor toda inteira?

Poète, prends ton luth et me donne un baiser.

.....

Ce soir, sous les tileuls à la sombre ramée,
Le rayon du couchant laisse un adieu plus doux;
Ce soir tout va fleurir: l'immortelle nature
Se remplit de parfuns, d'amour et de murmure
Comme le lit joyeux de deux jeunes époux.

E a "Nuit d'Octobre?" Como que paixão, chorando com o poeta, não dizíamos então para a "Musa":

> C'était un mal vulgaire et bien connu des hommes.
> Mais lorsque nous avons quelque ennui dans le [coeur,]
> Nous nous imaginons, pauvres fous que nous sommes
> Que nul autre avant nous n'a senti la douleur.
> .....
> L'homme est un apprenti, la douleur est son maître,
> Et nul ne se connait tant qu'il n'a pas souffert.

Mas não é do lírico das "Nuits" que eu quero falar. Eu quero falar aqui do poeta da descrença. Daquele que se proclamava, num verso célebre, "le moins crédule enfant de ce siècle sans foi". Quero falar do cantor insolente de Jacques Rolla. Esse poema, que é um doloroso tecido de impiedades, arrebatou a nós todos. Aquele Jacques Rolla...

> Ce n'était pas Rolla que gouvernait sa vie
> C'étaient ses passions. Et il les laissait aller
> Comme un pâtre assoupi regarde l'eau couler.

Rolla é um desgraçado filho do seu tempo. Filho espiritual de Voltaire.

> Vois-tu, vieil Arouet? etc.

Rolla é filho espiritual de Voltaire como o próprio Musset o foi. E por isso o poeta encantador, devastado

pela descrença, clamava, diante da imagem do Cristo, estas enormidades que nós, os do meu tempo, repetíamos com emoção, e, mais do que emoção, enlevados pela coragem e desassombro do miserando que as lançava:

O Christ, je ne suis pas de ceux que la prière
Dans tes temples muets amène à pas tremblants:
Je ne suis pas de ceux qui vont à ton calvaire,
En se frappant le coeur, baiser tes pieds sanglants;

Et je reste debout sous tes sacrés portiques,
Quand ton peuple fidèle, autour des noirs arceaux,
Se courbe en murmurant sous le vent des cantiques,
Comme au souffle du nord un peuple de roseaux.

Desgraçado Musset... Viveu, como todas as almas grandes, agoniado pela idéia de Deus. "Dieu parle, il faut qu'on lui reponde". Creio que até não haja existido outro poeta de seu porte que fosse tão agoniado por essa idéia como ele. Lede "L'espoir en Dieu". Lede isto:

Je ne puis; malgré moi l'infini me tourmente;
Je n'y saurais songer sans crainte et sans espoir;
Et, quoi qu'on en ait dit, ma raison s'épouvante
De ne point le comprendre et pourtant de le voir.

E Musset morreu, desesperadamente debruçado sobre a palavra de Cristo. Sobre aquela palavra que,

ela só, é a palavra da vida eterna. Sobre aquela palavra que, ela só, é a fonte saciadora de água viva. A única que mata esta sede do infinito que vive, torturante, nas almas belas e fidalgas. No final dos seus dias, desmoronado e doente, nestes versos apunhalantes, versos dum tom e duma desolação que fundamente pungem, ele dizia:

J'ai perdu ma force et ma vie,
Et ma jeunesse et ma gaité.
J'ai perdu jusqu'à la fierte,
Qui faisait croir à mon génie.

No entanto, como consolo a esse desespero, como consolo a esse total desbarato, ele sabia bem o poeta, pois já o havia dito:

O ma muse, ne pleurez pas:
À qui perd tout, Dieu reste encore.

É verdade: "à qui perd tout, Dieu reste encore". Senti de perto a verdade do que aí está, quando, mais tarde, muito mais tarde, li, extraído de uma carta íntima, escrita por amiga do poeta, este episódio, tão doído e despedaçante, que pinta ao vivo o fim daquela alma:

"Certa dama católica, visitando o quarto do poeta, pouco tempo após a sua morte, deparou sobre um móvel com um exemplar do Evangelho, muito usado. A velha

criada de Alfredo de Musset, como visse a dama a reparar no volume, exclamou: "ó, minha senhora, este livro! Eu não sei o que é que meu patrão achava nele. Mas o pobre tomara-se de paixão por esse livro. Nos seus últimos dias, para tê-lo de noite ao alcance de sua mão, o meu patrão o colocava debaixo do travesseiro. E muitas vezes, senhora, eu o encontrei chorando sobre esse livro". Eis aí. Que é que se passou com o poeta? Que significavam tais lágrimas derramadas sobre essas páginas de misericórdia e de amor?

Voltaire, ao fim da vida, naqueles mesmos dias retumbantes em que, no teatro, representando-se Irene, foi pelos homens do século deslumbrantemente coroado de rosas, Voltaire "mandou" chamar o padre Gautier para que o ouvisse em confissão. O padre ouviu-o. Mas exigiu, aliás muito justamente, que o tremendo e feroz zombador, nem só por palavras, mas por escrito, fizesse profissão de fé católica. Voltaire não concordou. E morreu, desgraçadamente, sem receber a absolvição. Se Voltaire chamou um padre para confessar-se, Voltaire, o duro e cru Voltaire, que mal haveria em que um discípulo do mestre, discípulo tão doce, tão lírico, tão sensível como Musset, tenha também se confessado, e mais do que o mestre, recebido a absolvição? Eis porque não há de certamente maravilhar a ninguém, mas muito consola a nós, crentes que amamos o poeta, ler

na "Vie de Berryer", escrita por Lacanuet, isto: "O padre de Mauléon declarou solenemente haver confessado a Alfredo de Musset no seu leito de morte". Mas essas coisas, meu amigo eu só as soube tarde. Essas coisas, quando eu as li, já me não valeram de muito. Com as leituras que havia feito, más e heréticas, eu me tornara ímpio.

CAPÍTULO XI

Ímpio varei os seis anos de ginásio. Ao cabo deles, meu amigo, eis o quadro de minha vida: era filho de uma excelente mãe católica, freqüentava uma escola perfeitamente católica, continuava, todos os dias, a rezar uma ave-maria no intervalo das aulas, ouvia como de costume a liçãozinha de catecismo que os bons maristas ensinavam, com tudo isso eu era um ímpio. Absolutamente ímpio. Pois, meu amigo, que importava lá tudo isso, o lar, o colégio, a reza, o ensinamento cristão para o pedante que apregoava aos quatro ventos, com ufania, fanfarronamente, insolentemente, que "o pecado é belo, a violência é bela, tudo o que afirma a vida é belo"? Meu coração adolescente fora medonhamente poluído. As sujeiras que o mancharam haviam tombado no fundo, bem no fundo, e, já agora, podia a água do oceano passar por ele que não mais lhe lavaria as nódoas. Grande verdade, ó, meu amado e desgraçado Musset, o que tu disseste:

> Le coeur d'un homme vierge est un vase profund:
> Lorsque la première eau qu'on y verse est impure
> La mer y passerait sans laver la souillure,
> Car l'abîme est immense et la tache est au fond.

Terminei o curso. Bacharelei-me. Antes de bacharelar-me, contudo, os irmãos maristas conseguiram do Prior da Ordem Terceira do Carmo, que, a título de recompensa, fossem convidados para irmãos da Ordem, e isto sem pagar nenhum emolumento da praxe, quatro ou cinco alunos que se houvessem melhormente distinguido durante o curso. Eu fui o primeiro convidado. Aceitei. Aceitei com inconsciente ligeireza. Aquilo, para mim, para a minha mentalidade leviana, não significava nenhum ato religioso. Absolutamente. Aquilo era uma espécie de medalha de ouro com que se me galardoavam os esforços de bom estudante. Aceitei a medalha de ouro. Tornei-me assim — verdadeira irrisão dos fados! — tornei-me assim irmão do Carmo. No dia da minha entrada, contudo, ao vestir o hábito de noviço, ali, diante do altar, em meio à bela solenidade, muito tocado pela avassaladora religiosidade do ambiente, eu fiquei profundamente comovido. Recolhi-me. Arrependi-me. Mais ainda: chorei. Sim, chorei. E, na minha emoção, com as lágrimas turvejando nos olhos, fiz propósitos altos. Propósitos santos. Pensei seriamente em levar a peito os meus deveres de cristão. Em renunciar àquelas impiedades que andavam esfervilhando dentro de mim. Em ser bom. Em ser humilde. Em ser cristão. Cristão como minha mãe era cristã. Passei vários dias grandemente revolucionado. Mas, ai de mim, foram apenas "vários dias".

A semente, como conta a parábola, tombara em chão pedregoso onde havia pouca terra. Brotou, é verdade; mas como a terra era pouca, veio o sol, queimou na raiz. Dias após, peguei de faltar ao meu noviciado. Atirado no meio dos filósofos e poetas do meu quarto, eu já esquecera os meus propósitos altos e santos. A doutrina do Cristo, novamente, voltou a ser para mim uma doutrina boa para mulheres e para fracos. "Eu amo aqueles que só sabem viver em perigo." "Vive perigosamente." "Jesus morreu muito cedo; se tivesse atingido a idade madura, certamente ele mesmo teria modificado a sua doutrina." Assim falava Zaratustra.

CAPÍTULO XII

Bacharelei-me. Estava firmemente resolvido a ser advogado. Tratei, pois, sem mais delongas, de matricular-me na Faculdade de Direito. Mas quis logo de entrada, galgar um ano. Requeri então (esse momento permitiam-se coisas dessas) que me fosse concedido, embora não houvesse freqüentado, fazer exame "vago" do primeiro ano. Queria dizer: exame de segunda época, em março, e, o que é o importante, nem só com a matéria lecionada pelo lente durante o ano (era apenas o que se exigia) mas com a matéria toda constante do programa. Nesse fim de ano, portanto, não tive férias. Atirei-me arduamente aos livros. Dia e noite, com fúria, peguei de destrinçar aquele cipoal, para mim bastante emaranhado, do Direito Romano e da Filosofia do Direito. Foi, então, em meio a essas afadigadas labutas, foi em meio àquelas penosas noites varadas em cima dos compêndios, que, é curioso, me aconteceu às súbitas um caso realmente chocante. Caso que hoje, volvidos tantos anos, me dá força a refletir sobre ele com seriedade. É que estava eu, certa tarde, a ler com funda atenção uma página, aliás viva e interes-

sante, sobre o conceito da "equitas" no Direito Romano. Tinha sob os olhos (lembro-me com todos os detalhes) o volume do professor, e mais tarde, grande e estremecido amigo meu, Dr. Reinaldo Porchat. Vai senão quando, em meio à leitura, sem que houvesse razão plausível, sem que ocorresse motivo algum que justificasse suceder o que então sucedeu, sem que nenhuma circunstância, sem que nenhum vocábulo, sem que nada, absolutamente nada despertasse em meu subconsciente uma associação de idéias que o explicasse — eis-me de improviso, extraordinariamente, em minha terra natal, na igreja, diante do altar-mor. Ergo os olhos súplices para a Virgem. Lá em cima, no seu nicho, sorria Nossa Senhora, linda, linda, com o Menino nos braços, um resplendor cintilando-lhe à cabeça, o manto azul-celeste borrifado de estrelas de prata.

Digo-lhe:

— Eu, quando ficar homem, serei padre!

Fiquei seriamente conturbado. Tirei os olhos do livro, e, o coração voltado para minha infância, quedei-me a cismar na estranha e boba promessa. Eu, quando ficar homem, serei padre. Aquilo deu de bailar no cérebro. Por que não? Eu devia ser padre. Devia cumprir a promessa feita à Virgem. A promessa, é verdade, havia sido feita sob a condição estipulada e bem formal, de que o céu, quando eu fosse procurar

as minhas endiabradas vacas, me ajudaria a descobri-las, com facilidade, no pasto. A condição não se cumpriu. Mas eu, não sei porque, não dava a menor atenção ao inadimplemento da cláusula contratual. Que montava lá isso? Eu só evocava, eu só sentia a beleza da minha promessa. A beleza e a coragem do meu rasgo:

— Eu, quando for homem, serei padre!

Não pude continuar o meu Direito Romano. Fechei o livro. E passei a tarde inteira com aquela idéia azucrinando-me. "Quando ficar homem serei padre. Sim, vou ser padre. Por que não? Vou ser padre. À noite, no meu quarto, a sós comigo, a mesma enrodilhada obsessão. Vou ser padre. Por que não? Minha mãe há de ficar contente. Aquela idéia, teimosa e avassaladora, não me saía mais da cabeça. Instalara-se encaprichadamente diante de mim. Vou ser padre, vou ser padre, vou ser padre. Idéia tenaz e implacável. Não pude dormir, agoniado por ela. Revirei-me nos lençóis o que deu a noite. No outro dia, cedo ainda ao pular da cama, tinha assente no meu coração sopitoso, assente com firmeza, esta resolução grave:

— Vou ser padre.

E não estive com meias medidas. Saí de casa e fui ao ginásio. Falei com o diretor. O diretor era o Irmão Exuperâncio. O bom marista, ao ouvir-me,

ficou bastante surpreendido. Mas encantou-se logo com o que ouviu, e, sem mais enleio, naquela mesma hora, rumou comigo em direitura à Avenida Tiradentes, onde outrora existia o Seminário Diocesano. Tivemos aí uma entrevista com o padre Maximiano, então reitor, que nos escutou com solicitude. Não posso dizer que o padre Maximiano tivesse sido frio conosco, mas também, verdade se diga, não mostrou ele maiores entusiasmos. Foi cauteloso e reservado. Combinou conosco, entretanto, que, naquele mesmo dia à tarde, fôssemos ter com o arcebispo metropolitano, D. Duarte Leopoldo, com quem ele próprio, antes de nós, haveria também de se entender. À tarde fomos ao Palácio Arquiepiscopal. D. Duarte conhecia bem a minha família. Conhecia e prezava muito, notadamente, a minha mãe que era excelente católica. O bondoso arcebispo, esse homem ilustre e reto, que altamente dignifica o clero paulista, acolheu-me com inesquecível caridade. Ouviu-me, e, lhanamente, claramente, mostrou-se muito jubiloso com a minha decisão. Facilitou tudo. Aconselhou-me. Abençoou-me. Disse-me palavras muito saídas do coração. Os meus olhos embaciaram-se de lágrimas. Saí do Palácio emocionadíssimo. Tornei ao Seminário, falei de novo com o reitor, recebi a lista do enxoval, e, matriculado sob o número 18, fiquei certo de, regularizados uns papéis que devia exibir, tornar ao seminário dentro de dez dias, definitivamente, a fim

de co-participar do retiro espiritual que teria lugar ao cabo desse prazo. Voltei para casa. Em casa contei a imensa notícia. Foi então que estourou a bomba. Que estouro!,minha mãe, é verdade, exultou de alegria. Que contentamento! Eu não podia ter dado à boa velha notícia mais radiosa. Ter um filho padre, um filho sacerdote da sua religião, um eleito do seu Cristo, era dádiva imensa, graça divina, gôsto supremo que ela dizia não merecer. Mas foi apenas a minha mãe que se alegrou com a notícia. Os meus companheiros, amigos, os filósofos do meu quarto, puseram-se todos a chasquear impiedosamente de mim e a ridicularizar sem dó a minha (como diziam) maluquice. Padre? Voce está de miolo mole, rapaz! Padre? Você? E eram risadas sobre risadas. Um dos meus irmãos, sobretudo o mais velho de todos nós, o que fazia por esse tempo o papel de chefe da família, esse se opôs de maneira cabal e terminante à minha resolução. Padre? Você está louco? Isso é bom para os pobres de espírito. Mas você? Largue mão de bobagem, menino! Trate de ser advogado, isso sim, trate de casar-se, de ser homem, de dar gente na vida. O que é que vale um padre? Nada. O que é um padre? Um castrado. Ouviu bem? Um castrado! Oh, meus amigos, oh, meu irmão, pobres cegos que éreis... Cegos que queríeis conduzir outro cego. Pois não podíeis, hoje eu bem compreendo, aconselhar-

-me coisas boas porque tínheis o coração cheio de coisas más; e do que está cheio o coração é que a boca fala. Que é o padre? Um castrado. É verdade. O termo que foi usado, termo tão marcante, de que me lembro com tanta nitidez, termo que se cravou tão ao vivo no meu coração, é, na verdade, o termo certo. Eu recordei-me dele, mais tarde, surpreendidíssimo quando o encontrei tal qual, na boca divina do próprio Cristo: "... porque há castrados que assim nasceram do ventre de sua mãe: há castrados que foram castrados pelos homens; mas há castrados (ouvi, meus amigos!) que a si mesmos se castram por amor de mim. Quem pode ser capaz disso, seja." E para alguém ser capaz disso, meus amigos, para que alguém tenha a máscula coragem de castrar-se pelo Cristo, é preciso, saibam-no bem, é preciso que o homem enfrente com desassombro, intrepidamente, risadas e achincalhes. É preciso vencer, peito a peito, lutas cruéis. É preciso que o filho corte com seu pai, que a filha se arranque de sua mãe, que o irmão brigue com seu irmão. É preciso a guerra. "Não julgueis que eu vim trazer paz à terra; não vim trazer a paz mas a espada, porque vim separar o filho e o pai; a filha e a mãe, a nora e a sogra. E os inimigos do homem serão os que moram na sua própria casa...".

Naquele momento, desgraçadamente, naqueles dias tumultuosos para a minha alma, eu não conhecia essas palavras austeras de Jesus. Hoje eu sei também, ami-

go, que muitos serão chamados e poucos serão os escolhidos. Eu fui um dos chamados. A voz de Deus ecoou no meu coração. Mas eu levava no peito um coração conspurcado demais para sentir a beleza daquela voz e acorrer à beleza daquele chamado. Fraquejei. Mas não culpo aos que me atiraram chufas e sarcasmos. Não culpo. Fraquejei, eis a dura verdade, porque era um coração sem fé. Porque aquele assomo não passava de ímpeto inconsiderado, sem base, porque vinha de uma alma onde não morava o Cristo. O ímpeto arrefeceu. Passou. No fim dos dez dias, quando, no Seminário, ao iniciar-se o retiro, fez-se a chamada dos novos seminaristas, o número 18 não respondeu. Estava ele, o covarde, muito longe dali, muito longe, debruçado sobre livros de Direito Romano e de Filosofia do Direito...

CAPÍTULO XIII

Janeiro... — A minha fraqueza não podia ter outra conseqüência senão a que teve: arredar-me com violência da igreja. Arredado dela, não há dúvida, eu já andava há muito. Aquela história de noviço do Carmo, contudo, havia quebrado um pouco o meu arredamento. A deserção do Seminário, porém, deserção àquele tão claro chamamento do alto, veio arrancar do meu coração os tênues liames que principiavam de novo a ligar-me ao Cristo. Entrei num curioso estado de alma. Curiosíssimo. É que não suportava mais penetrar numa igreja; tinha vergonha. Vergonha, sim senhor! Não suportava erguer os olhos para o Cristo ou para imagem de santo; tinha a impressão de que os olhos do Cristo ou os olhos do santo, cruzando-se com os meus, cravavam-se no fundo do meu coração, e, frios, alanceadores, exprobravam duramente a minha fraqueza. E eu tinha vergonha. Abaixava a vista. Sentia estranho mal-estar. Para acabar com aquilo, liqüidar de vez com aquele mal-estar, ou, antes, vá lá a palavra! — para sufocar o remorso que me atenazava por haver

tão covardemente fraquejado, resolvi não mais pisar em igreja alguma. Deixei, então, definitivamente, de comparecer ao noviciado do Carmo. Larguei mão de todas aquelas carolices, como dizia. Nada mais de missa, nada mais de padre. O mundo era belo. Havia nesse mundo teatros, bailes, restaurantes. Havia também muitas mulheres, oh, muitas mulheres. De par com isso, para encantamento da minha mocidade, loucas patuscadas folionas com companheiros descabeçados. Atirei-me à vida com sofreguidão. Atirei-me, sobretudo, às mulheres. Nesse torvelinho, em que doidejei às soltas, sem fé e sem Deus, eu, em lugar de encontrar estorvos, dei de prosperar com facilidade na vida. Prestei os meus exames, passei, matriculei-me no segundo ano da Faculdade de Direito. Fora uma vitória séria. Com a vitória que largamente me alegrou, consegui um lugar de professor no Ginásio Arquidiocesano. Consegui também, dias após, um lugar de professor na Escola de Comércio do Brás. Dava aulas pela manhã e à noite. Dinheiro, bem se vê, não me faltava mais. Mas não vivia satisfeito com essas prosperidades. Carecia-me ainda realizar um sonho. Ser jornalista. Sobejavam-se algumas horas livres durante o dia, e, para enchê-las, eu sonhava ardentemente trabalhar na redação de um jornal. Mas eu não travara ainda amizades nas redações, e, muito menos, amizades com diretores de jornal. Para mim, naquele tempo, um diretor de

jornal era personalidade inatingível. Que fazer? Surgira, não há muito, em meio à afogueada batalha presidencial Hermes-Rui, um vespertino atrevido, "A Tarde", cuja atitude desabusada fizera época. Certo dia eu subi as escadas desse jornal e apresentei-me ao diretor. Disse-lhe que era estudante, precisava de trabalhar, buscava trabalho na redação de um jornal. Podia ser crítico literário. O diretor olhou-me de alto a baixo, analisou o meu jeito, tamborilou os dedos na mesa. E afinal:

— Na redação não há vaga. Mas ontem apareceu aqui um dos meus revisores. Eu tenho dois revisores lá em baixo — e avisou-me que ia deixar o lugar. O senhor quer ser revisor?

Está claro que, professor em duas escolas, não me premia necessidade alguma de, para ganhar a vida, ser revisor. Mas fiquei tentado pela proposta. Achei mesmo graça na proeza. Não se me afigurava desinteressante, francamente, o conhecer de perto, por um dia que fosse, o "bas-fond" de um jornal. Respondo de pronto:

— Perfeitamente. Já que não há vaga na redação...

— Pois o lugar é seu. Pode começar amanhã.

Passei ali, com a maior sem-cerimônia, de crítico literário a revisor... A diferença, bem se vê, não era assim tão pequena. Mas que importava lá isso para

aquele cabeça-no-ar que eu era? A coisa cheirava-me a aventura; e isso bastava-me. No outro dia principiei o trabalho. Principiei e não gostei. Achei deprimente. Eu — um acadêmico, eu, um poeta! — ali, no porão de um jornal, com originais de "oferece-se" e "procura-se" na mão, enquanto o meu companheiro, sentado à minha frente, lá ia, com pachorra, lendo em voz alta e corrigindo as provas. Era duro. Não me conformei. Carecia revelar ao diretor "quem eu era(!)."

Carecia que o diretor tivesse debaixo dos olhos, bem evidente, a prova real da minha "personalidade". Escolhi então três poesias dentre um rol de poesias que já havia feito, copiei-as cuidadosamente, copiei-as com a letra a mais caprichada deste mundo — que medo eu tinha que o diretor não lesse bem a minha letra! — e lá me afoitei até o gabinete do grande homem e apresentei-lhe as tiras, e, muito modestamente (caso lhe sobrasse tempo, está visto, caso não lhe fosse incômodo, que desculpasse a minha ousadia, não havia pressa) roguei-lhe que me dissesse alguma coisa sobre aquelas "poesiazinhas" que compusera.

— Deixe a versalhada aí, rapaz. Depois eu verei isso.

Versalhada... Não era gentil. Mas que fazer? Deixei a "versalhada" sobre a mesa e saí. Passou-se uma semana. Nem uma palavra do diretor. Eu estava

enfiado. Enfiado e, o que é mais, desgostosíssimo com a revisão. Aquele trabalho não me servia. Não estava à altura dos meus merecimentos. Assentei de deixá-lo ao fim da semana. E só ao fim da semana, porque ia dar-se um acontecimento sério: o jornal festejava seu primeiro aniversário. Preparava-se uma edição de arromba para comemorá-lo. Foi então que, ao virem as primeiras provas da tal edição, o meu companheiro de mesa, ao reparar nelas, ergue para mim uns olhos transbordantes de surpresa.

— Como é que você se chama?

— Ora essa! Você diz o meu nome a toda hora.

— Paulo Setúbal?

— Naturalmente.

O entontecido revisor como que não queria acreditar. Atentou melhor nas provas, tornou a olhar-me e, com a mesma surpresa, insistiu:

— Mas você é Paulo Setúbal mesmo?

— Mas é claro que sim. O que é que há?

O rapaz exibiu-me os originais e as provas que tinha na mão. Em duas colunas abertas, vistosamente enfeitadas de vinhetas, grande título encimando-as, lá se estadeava uma das minhas poesias. Para o meu camarada aquilo era deslumbrador. Foi-o também para mim, não há dúvida. Mas para o meu companheiro, para

aquele alquebrado moço que não aspirava a outra coisa senão viver, como suadamente vivia, a rabiscar "chamadas e cruzetas" sobre provas de "oferece-se" e "procura-se", ver um revisor como ele, companheiro de porão, com uma poesia na primeira página do seu jornal, em tipo doze, destacadíssima, era, bem se vê, acontecimento que entontecia. Eu cresci como um gigante ante os olhos do meu camarada. Ele encarou-me, o bom do rapaz, tão respeitoso e tão deslumbrado... E eu saboreei ali, no porão, naquele respeito e naquele obumbramento, o primeiro triunfo literário de minha vida. Triunfo gostoso e inesquecível. Tanto mais inesquecível quanto a coisa não parou aí. Naquela tarde, ao sair do meu porão, subi ao gabinete do diretor. Ia agradecer-lhe a publicação dos versos. Mas nem sequer pude agradecer-lhe. O diretor, que conversava na sala da redação, mal me avistou, foi logo exclamando:

— Fez muito bem em aparecer. Ia mandar chamá-lo. Queria comunicar-lhe que, de agora em diante, o senhor passa a trabalhar na redação. A sua mesa é aquela. Amanhã determinarei a seção que ficará a seu cargo.

Muitas alegrias tive ao depois na minha existência. Mas não tive jamais alegria tão radiosa como a que tive naquela tarde. Subira por mim. Por meu esforço. Para festejá-la condignamente, fui com os amigos ao

"Progredior". O "Progredior" tornara-se então a grande confeitaria da moda. Tinha música e chope. Aí nos botamos, boêmios e ruidosos, a discutir bravamente e, mais bravamente ainda, a esvaziar rodadas sobre rodadas de copos. Voltei para casa noite velha. Mas, ao voltar, principiei a sentir-me grandemente indisposto. No dia seguinte não pude levantar-me. Dor de cabeça, endolorimento, mal-estar. Tinha febre. Minha mãe chamou o médico. O médico veio, examinou-me, auscultou demoradamente o pulmão.

— Coisa sem importância, minha senhora. Trata-se apenas, no momento, de uma pequena gripe. A febre abaixará logo. Quando abaixar, avise-me; eu virei de novo. Quero examiná-lo melhor.

O médico deixou-me. Mas eu percebi que ele demorou certo tempo na sala de jantar a conversar em voz baixa com minha mãe. Quando partiu, deixando a receita, minha mãe tornou ao meu quarto. Vi que trazia os olhos vermelhos. Pegou-me na mão, acariciou-me, falou-me com muita e enternecida brandura. Que era aquilo? Não compreendi. Minha mãe, eu o sabia, angustiava-se demasiado com as doenças dos filhos. Aquilo, portanto, aquelas ternuras e aqueles olhos vermelhos, não traduziam outra coisa senão aflição de mãe, entremisturada de nervos, por ver-me de cama e com febre alta. Mas a família alvoroçou-se.

Correram os meus irmãos a visitar-me. Todos eles, tal como minha mãe, mostraram-se exageradamente ternos para comigo. Muita doçura quando me falavam. Muito compungimento quando me olhavam. Às vezes, saindo do quarto, quedavam-se na sala a cochichar. Eu reparei naquilo. E como, infelizmente, nunca fui homem de grandes peias na língua, chamei logo:

— Mas que diabo têm vocês? Que é que há? O médico achou alguma coisa de grave?

Minha mãe sempre fora corajosa e reta. Não enganava a ninguém. E minha mãe decidiu clarear ali, sem mais delongas, aquela situação dúbia que tinha necessariamente de ser clareada.

— Não é nada de grave. Você está apenas um pouco fraco do pulmão...

Fraco do pulmão! Tombar essa palavra numa casa era tombar o raio. Fraco do pulmão! Compreendi, num relance, o que significavam os olhos vermelhos de minha mãe e a comiseração dolorida dos meus irmãos. Fraco do pulmão... Hoje, não sei se me engano, creio que isso não sucumbe tanto como sucumbia. Naquele tempo era a sentença de morte. Fraco do pulmão? Ah, quem poderia jamais escapar à desgraça? Eu também fiquei aturdido com a brusquíssima nova. Não por medo de morrer. Isso não me aturdia muito. O que me aturdia, o que me magoava, o que me feria

no mais sensível do coração, era ver-me, de um dia para outro, coagido a deixar o meu Direito, a deixar as aulas que dava, a deixar o meu sonhado jornal. Oh, o jornal... E logo no primeiro dia em que ia trabalhar na redação? Que má sorte! Caiporismo dos diabos...

Alguns dias depois, o médico tornou de novo. Trouxe um aparelho de auscultação. E auscultou de novo o meu pulmão. Auscultou, auscultou.

— Seis meses fora, no campo, e o rapaz está bom. Afianço-lhe que está bom. E nada de remédio: repouso, muito repouso, ar livre, comer bem, higiene. Daqui a seis meses, afianço-lhe, o seu filho voltará curado.

Creio que ninguém acreditou muito no que afiançava o médico. Aquelas boas palavras não passavam de encorajamento. Consolação. Quem, acaso, escapou jamais à "moléstia?" E todos, à volta de mim, continuaram a olhar com aqueles mesmos olhos deplorativos, todos a me tratar com aquelas mesmas branduras compassivas com que se trata um doente perdido. Aqueles desvelos, eu bem o compreendia, queriam dizer — coitado! está morto... Ah, eu bem o compreendia! E já agora, dentro de mim, ferviam azedumes. Repugnava-me aceitar de coração leve aquela fatalidade. Salteou-me então a revolta. Custara-me tanto o subir um pouco na vida. Custara-me tanto o subir sozinho, filho de viúva, sem sombra a que me acoitasse. E vai

um dia, zás — fraco do pulmão! Não me conformava. Insurgia-me contra o destino. Ou, melhor, confessemos com franqueza, insurgia-me contra Deus. Por que é que Deus, sendo bom, me havia assim golpeado? Por que é que Deus, sendo pai, havia assim arruinado a minha vida? Por que é que Deus, sendo justo, havia assim desbaratado os meus custosos esforços? Por que é que Deus... Por que, por que, por quê. E o meu coração, espumando fel, rebelava-se no peito contra a mão despiedosa que o lanhara com aquela crua vergastada. Ah, o quanto me faltou, nessa hora agoniada, uma formação cristã, mais sólida! Tivesse eu um pouco mais de base, possuísse eu uns princípios católicos mais sérios, andasse eu melhormente embebido da doutrina de Cristo, soubesse ao de leve o que é sofrimento, o que é a dor, como veículo de aprimoramento, então, ao invés de apostrofar, certamente eu abençoaria a mão de Deus na desgraça que me feriu. Então eu não bradaria que aquilo era uma vergastada. Bradaria, isso sim, que aquilo significava uma visita do Senhor. Que aquilo significava um chamado de Deus, chamado direto, claro, paternal, para que eu de novo me acercasse dÊle. Por aquela doença, por aquela fraqueza pulmonar, eu poderia, arredando-me do mundo, mais facilmente encontrar-me comigo mesmo. Poderia mais facilmente meditar. E desse encontro comigo, e dessa

meditação, rever com serenidade as tonteiras da minha mocidade estúrdia, e condoído de mim, alçar-me um pouco acima dos meus desregramentos e fragilidades. Poderia com firmeza dar um passo, por pequenino que fosse, no caminho duro, mais belo, do aperfeiçoamento moral. Mas quê! Pobre cego que eu era! Eu não via, nem compreendia isso. Não me alicerçava a alma a palavra do Cristo. Eu, desgraçado de mim, não levava então os olhos alevantados para o alto. Tinha-os, mesquinhamente voltados só para a terra. O mundo com noitadas no bar e rodadas de copos, entremostrava-se-me como festa engalanada. Os deleitamentos da mocidade, com mulheres alegres e restaurantes alegres, abriam-me os seus braços tentadores. E eu desejava apenas esse mundo e desejava apenas esses deleitamentos. E tinha raiva de Deus porque Deus naquela hora m os arrebatava. Tinha raiva e rebelava-me. E dizer que a gente é quase sempre assim, ó miseranda, ó tonta natureza humana, quando a gente está na verdura dos anos...

CAPÍTULO XIV

Eis-me de novo em Tatuí com minha mãe. Seis meses, bucólicos e sossegados, a respirar com deleite os ares nativos. Seis meses de ócios repousantes e inspiradores. **Deus nobis haec otia fecit, Melibee.** A minha alma cabocla, aquela alma lírica que eu trouxera da terra e que principiara a fanar-se ao pó da vida citadina, ressurgiu festivamente e buliçosamente dentro de mim. Fiquei de novo poeta... E cantava:

Como um caboclo bem rude,
Eu vivo aqui, nesta paz,
A recobrar a saúde
Que eu esbanjei, quando pude,
Nas tonteiras de rapaz...

E recobrei de fato. Não há exageração nisso. A saúde refloriu-me ridente. Difícil suceder a alguém reação tão vigorosa como a reação que irrompeu do meu organismo seivoso. Voltei para São Paulo. O médico examinou-me de novo. E não teve a menor hesitação em afirmar à minha mãe que eu estava curado.

"Clinicamente" curado, acentuava. Nem infiltração, nem ruídos. O pulmão clareara. Eu poderia, querendo, recomeçar o meu trabalho. Mas não era prudente, acrescentou. Seria bom que eu esperasse um pouco. Que passasse mais uns meses em clima de altitude. Campos do Jordão, por exemplo. A senhora certamente já ouviu falar de Campos do Jordão? É um pouco longe, eu sei; é difícil subir até lá. Mas tenho como certo que Campos do Jordão consolidaria radicalmente a cura do rapaz.

Minha mãe não vacilou: resolveu, ali mesmo, que eu partiria para Campos do Jordão. Ó, minha brava e corajosa mãe... O filho ainda carecia de alguns meses de clima? Pois haveria de ir. Ir de qualquer jeito. Bem sabia ela a boa da velha, que o dinheiro se esgotara em nossa casa. Bem sabia que a vida em Campos do Jordão era caríssima. Pouco importa! O filho haveria de ir. Mas ir como? Minha mãe não vacilou: abriu a sua antiga cômoda, vasculhou-me os guardados, e, com surpresa para mim, retirou de em meio a velhas bugigangas uma caixinha de veludo azul. Havia na caixinha um anel com bonita pedra. Aquele anel fora um presente com que meu pai a mimoseara. Minha mãe, até ali, guardara-o com ciúme e enamoradamente. Era a última lembrança que lhe restava da passada opulência. Era agora, no seu desbarato, a só

riqueza que sobejava à viúva sem ajuda. Mas a viúva era intemerata; saiu e vendeu o anel. Com o dinheiro da venda eu parti para Campos do Jordão. Ó, minha brava e corajosa mãe... Hoje, corridos tantos anos, ao recordar-me desse pequeno, mas tão enternecedor detalhe, sobem-me aos olhos irreprimíveis, lágrimas grossas e comovidas. Lágrimas brotadas com quentura do coração confrangido que me bate em descompasso no peito. E evoco-te neste momento, mãe, evoco-te aqui, com orgulho e com admiração, a ti que foste, tão só e tão desassistida, o sustentáculo e a vida de nove filhos que se agarravam às tuas saias. Vejo-te ainda, neste mesmo momento, vejo-te lá, na rua das Flores, na nossa modestíssima casa da rua das Flores (número 23, recordas-te?) em que, portas adentro, a sós com o teu Deus, a sós com o Cristo que te aliviava e soerguia, tu, intrépida e valorosa, venceste aperturas que se não contam. Foi a fé que te valeu naqueles transes, mãe. Não a fé risível dessas mulheres que vão à igreja escutar o sermão florido do pregador que fala bonito. Não a fé beata dessas mulheres que andam pelas sacristias a cochichar com padres. Não. A fé que te salvou, mãe, foi aquela fé vibrante e cálida, soerguedora e ingênua, límpida e firme, que te fazia saltar da cama ao clarear do dia, arrojar o xale às costas, correr venturosa à mansão do teu Cristo. Aquela fé de coração simples, fé chamejante e rústica, submissa e impávida, indo-

brável e inarrefecível, que te fazia ajoelhar todos os dias ao pé da mesa sagrada, e, todos os dias, absolutamente todos os dias, receber abrasadamente o pão da vida que dá vida ao mundo. O Cristo, Aquele mesmo que se amiserou da fortaleza humilde da mulher cananéia, Aquele mesmo que se apiedou da desventura calada da viúva de Naim, também se amiserou e também se apiedou de ti, mãe, que eras mulher humilde e sem ajuda, viúva calada e com nove filhos. Viúva calada, sim. Pois que, afora o Cristo, soube acaso das horas agras que tu viveste? Quem, afora o Cristo, soube acaso das renúncias, dos sacrifícios, das necessidades, das pobrezas por que passaste? E quem, mãe, quem, a não ser o Cristo, soube acaso da alta dignidade, e daquela discreta nobreza, e daquela tocante formosura com que sofreste? Lá fora, no mundo, longe da tua casa, tu bem sabias que os teus parentes viviam com refulgente abastança, poderosos e dinheirosos, fazendeiros com centenas de mil pés. Tu bem sabias, mãe, que os parentes do teu marido, situados altamente na vida, com nomes ancestrais arrolados no Taques e no Silva Leme, pavoneavam com largueza o fausto e a pompa dos grandes. Mas nunca, em meio às tuas duras vicissitudes, acossada rudemente por necessidades as mais mesquinhas, nunca soube ninguém que tu te dobraste a bater à porta dourada dos parentes que podiam

tudo. Tu nunca solicitaste um só favor para ti, mãe. Tu nunca solicitaste um só favor para os teus filhos. Tinhas a boca lindamente fechada por santa sobranceria. Sobranceria é que é hoje tua glória e é hoje o orgulho dos que têm o teu sangue. Vez por outra, é certo, um carro estacava à porta da nossa casa. A matrona que dele saltava, uma grandiosa matrona, vestida de gorgorão, cadeia de ouro, entrava senhorilmente a visitar a "prima Maria Teresa". Os parentes ricos não se demoravam em casa dos parentes pobres. A matrona saía logo. Quando saía, e sem que o suspeitasse, a prima viúva atirava-se destemidamente à trabalheira desluzente da casa. Fazia serviços que jamais sonhara fazer. Serviços os mais vis. Cozinhava, lavava roupa, passava e esfregava o assoalho. E não era tudo. Ia às feiras. Regateava. Apagava as luzes cedo. Poupava o quanto podia. Ah, mãe, ainda tenho no ouvido, agora, neste mesmo momento em que escrevo, o rumor da máquina de costura, "plac-plac", que lá ia pela noite morta, "plac-plac, plac-plac", cosendo as roupas com que nos vestias. Com as migalhas que poupavas, tão escassas, nos vestia com tão primorosa dignidade! Outros podiam ir à escola mais luxuosamente entrajados do que nós; nenhum mais asseado, nem mais decente. E para irmos à escola, em nossos tempos de criança — que cuidados e que ralhos! — Você está com as mãos limpas, menino? E as unhas? Deixe ver as unhas. E

o ouvido? E inspecionava as mãos, e as unhas, e os ouvidos, e nos mandava tão limpinhos e tão arrumadinhos à aula. Ó, minha brava e corajosa mãe... Foi com esses devotamentos ignorados, foi com esses heroísmos vividos entre as paredes humildes da tua casa, heroísmos que não têm as trombetas do mundo para os apregoar, mas heroísmos tão heróicos como ganhar as batalhas de Wagran e de Austerlitz, foi que tu nobremente sobrepujaste a bramante refrega da vida. Foi que tu, sozinha, nobremente emplumaste para o fragor da existência a abundosa ninhada que Deus te deu. Mas eu tive um gosto, mãe. Concederam-me os céus uma graça linda. Graça amorável e enternecedora Graça abençoada entre as abençoadas. Foi quando, nos vaivéns da minha vida, metido solenemente em ilustre fardão verde, espadim ao lado, todo recamado de alamares de ouro, certa noite, que foi a minha noite fulgurante, a mais fulgurante que possa ambicionar um escritor no Brasil, se me ensejou a ridentíssima ventura de exclamar na Academia Brasileira de Letras, diante de tudo o que o meu país estadeava de mais alevantado na política e na inteligência, isto:

— "Mas deixai também, meus senhores, que nesta linda hora risonha, em que as emoções mais íntimas se atropelam dentro de mim, deixai que, mal acabe de vos agradecer, eu me ausente precipitado destas galas. Sim,

deixai que o meu coração voe para longe daqui, fuja para a minha estremecida cidade de São Paulo, e lá, comovido e respeitoso, penetre por um momento, muito de manso, numa casa modesta de bairro sem luxo. Nessa casa, a estas horas, nesta mesma noite, está uma velha toda branca, oitenta anos, corcovada, com o seu rosário de contas já gastas, a rezar diante da Virgem pelo filho acadêmico. Pelo filho que ela, a viúva corajosa, ramo desajudado, mas altaneiro, de família opulenta, criou, educou, fez homem — Deus sabe com que sacrifícios e com que ingentes heroísmos obscuros! Deixai pois, senhores acadêmicos, que o meu coração voe para a casa modesta de bairro sem luxo, entre no quarto do oratório, ajoelhe-se diante da velha branquinha, beije-lhe as mãos, e, na brilhante noite engalanada deste triunfo, diga-lhe por entre lágrimas:

— Minha mãe, Deus lhe pague!"

CAPÍTULO XV

Fevereiro — De Pindamonhangaba à raiz-da-serra ia-se de trole. Da raiz-da-serra a Campos do Jordão ia-se à pata de burro. Em um dia de solão bravo, escarranchado num jumento trotador, lá fui, Mantiqueira arriba, trepando aquela escarpa fragosa por caminhos tortos e buraquentos. Dura jornada era, então, aquela jornada a Campos do Jordão. Coisa de arrebentar fundilhos e desconjuntar ossos. Mas eu não a sentia. Sim, eu não sentia o caminho buraquento, nem a besta socadeira, nem o sol que tombava escandente no meu cangote, nada, nada, tão enamorado iam os meus olhos na beleza esmagadoramente bela daquelas serranias bravas. Paisagem estupenda de Suíça rústica. Lombas abauladas, socavas fundas escancelando-se em despenhadeiros, rechãs entrançadas de matarias, pinheiros alevantando ao sol a umbela verdejante, águas espumosas que tombavam escachoando por quanta rocha, e lá, ao longe, muito ao longe, num incêndio de ouro, a gigantesca pedraça do Embaú alapardada como um cetáceo no alto do espigão. Cheguei. Campos do Jordão era

um povoado rudimentar e silvestre. Não passava de feio arranchamento de casotas de madeira, toscas, acocoradas lá acima como um bando de cabras selvagens. Havia no burgo um hotelzinho onde me alojei. Acamaradei-me, logo a seguir, com um rapaz gaúcho, o Barbosa, que era filho de estancieiro e tocava violão. Instalamo-nos os dois, muito desordenamente, numa daquelas tremendas casotas de madeira, lanhadas de frinchas. E a vida para mim, a partir de então, virou em festa e vagabundeio. Nada havia a enfrear a ardida exuberância dos meus tordoados dezenove anos. O ar vivo e oxigenado daqueles píncaros chicoteara-me o sangue nas veias. Eu sentia-me vigoroso, desabusado, sólido. Desandei a divertir-me como a gente se diverte no fogoso da juventude. Hora de repouso? Nem sombra... Cura? Que bobagem... Todos os dias, ao raiar da manhã, saltando alegre a assobiar da cama, enfiava lentamente as polainas, arreiava o peludo matungo que alugara, e, chicote na mão, toca a disparar adoidamente por aquelas garimpas vestidas de pinheirais. Ó, as manhãs de Campos do Jordão... Manhãs doiradas e rústicas, tão macias e tão finas, com um sol de aquarela a escorrer pelas lombas, com um céu azul-de-Sèvres pregado lá em cima, com baitacas ruidosas a gralharem em bando, com vespas zumbidoras cambaleando tontas no ar cheiroso, com a paineira do morro grande enfei-

tada de cor-de-rosa, inteirinha de cor-de-rosa, de tanta flor que cor-de-rosa tinha... Andei como um cigano por tôdas aquelas paragens. Conheci gentes por léguas em derredor. Não escapou rancho de sitiante, nem casa-grande de fazendeiro, onde eu não portasse. E vá de foliar! E vá de louquear! Dinheiro vinha-me de casa, do anel, escasso é verdade, mas suficiente para as minhas patuscadas que não custavam muito. Que mais queria eu? E estúrdio, sem considerar por um instante sequer o sacrifício que aquele dinheiro sagrado traduzia, lá vivi eu, em pleno encantamento da vida, amalucadamente, por aquela verdejante cumiada de serra. Foi nesse em meio que houve um baile de caboclos num dos sitiecos do arredor. Convidaram-me. Está claro que não vacilei em ir. Ao tombar da noite, arreiado o cavalo, comparecia gostosamente à fonçonata. Baile de caiçaras, miserável e bruto. Dançava-se fora e dançava-se dentro. Fora, no terreiro socado, que estrepitosas fogueiras avermelhavam, fandangueava-se sob o requebro mole das sanfonas roufenhas. Dentro, numa sala esfumeada, que dois frouxos lampiões de querosene alumiavam mal-e-mal, bailavam caboclos mais graúdos, valsadores, que rodopiavam ao choro repinicado de pinhos langorosos. Aconteceu que também viera espiar o baile, por mera pagodeira, um farrancho de moças brincalhonas que estanciavam em fa-

zenda próxima. Travei conhecimento com elas. Travei conhecimento, sobretudo, com certa moça morena, de olhos negros e pestanudos. Conversamos. Dançamos. Dançamos boemiamente, mesclados àquela caiçarada xucra e mal cheirosa. Gostei da moça. Era uma criatura vivaz. Um desses temperamentos borbulhantes e francos. Disse-me logo que viera do Rio, que era separada do marido, que tencionava passar alguns meses em Campos do Jordão. Disse-me também que eu valsava hediondamente mal, que aquele baile era sórdido, que ela se ia embora envergonhada de ter dançado. E foi-se realmente. Mas eu não fui. Fiquei calorosamente sambando com os caiçaras pela noite afora. E não pensei mais na moça. Nunca mais. No outro dia, como de costume, lá continuei eu a minha lírica vidoca de correrias por lombas e socavas. Certa noite, contudo, noite de chuvarada bravia, dessas chuvaradas de serra com grossos trovões reboantes, eis que, seriam nove horas, escuto um súbito pateado de cavalo lá fora. E logo um rumor de passos na escada da minha casinhola. E logo umas batidas violentas à porta. Corro a ver quem é. Enteabro a porta, e, diante de mim, à luz amortecida do meu lampião, dou com um vulto de homem, chapelão de abas largas, capote, botas. Recuei. Mas o vulto empurra desembaraçadamente a porta, entra, e, ao ver o meu pasmo, solta uma enorme gargalhada sonora. Reconheci na

gargalhada a mulher de olhos negros e pestanudos. Principiou aí, com esse intróito de romance, uma aventura. Essa desgraçada aventura que todos nós, os encharcados de romances, sonhamos viver na flor dos anos. A moça, verifiquei-o ao depois, era uma dessas criaturas nascidas em lar desmazelado, uma dessas coitadas que não têm religião nem Deus, arremessadas sem bússola à correnteza da vida, a que um casamento desastroso ainda mais desnorteara e desgovernara. Era mais uma desgraçada do que uma decaída. Tinha o caráter ardente. Profundamente impetuosa e profundamente generosa. Vivi meses com ela, desmioladamente atolado no charco. E perdi a cabeça. Não havia mais sombra de dever no meu coração. Que me importava a mim que minha mãe, para solidificar a minha cura, estivesse lá longe, no casebre da rua das Flores, angustiada, trabalhando como escrava, a mandar-me o dinheiro do anel? Que importava lá isso, Deus meu? Eu só queria saber da mulher de olhos negros e pestanudos. Mais nada. Tudo o que havia em mim de comovido e de lírico sumira-se do meu peito. Onde estava, onde, aquele filho amoroso de uma velha católica? Onde o aluno do ginásio católico? Onde o noviço da Ordem Terceira do Carmo? Aquele noviço que chorava tão comovidamente no dia da tomada do hábito? Onde estava, Senhor, o moço que quisera ser

padre? Onde estava? Onde? Não sei. Sei apenas que não restava em minhalma resquício de Deus. Sei apenas que a carnalidade afogara nela, com a fé, a sensibilidade. Eu só pensava, no meu desnorteio, que a vida é bela, o pecado é belo, tudo o que afirma a vida é belo. Ao fim de alguns meses (meses que eu, coitado de mim, outrora chamei de dourados) separei-me dessa mulher. Ela foi-se para o Rio; eu voltei para São Paulo a continuar os estudos. Nunca mais nos vimos. Muita vez, ao depois, estive com a pena em punho para tracejar esse episódio de minha vida, que é novela enredada e violenta. Graças a Deus não o fiz. Hoje, contudo, relembrando-o, hoje, que a voz de Deus ecoou dentro de mim, hoje que trago o coração tão mudado, tão outro, eu tenho fundo compadecimento por aquela desditosa moça. Andei por aí a perquirir o paradeiro dela. Não o soube. E é pena.

Quem sabe se este meu livro um dia cairá em sua mão? Quem sabe? Se este livro caísse na sua mão, ou se eu porventura a encontrasse de novo no meu caminho, se eu de novo a conversasse, diz-me com força o coração que ela escutaria arrebatadamente a palavra do Cristo, aquela palavra sagrada que eu faria soar com altissonância ao seu ouvido de pecadora. E o Cristo, oh, creio-o com firmíssima fé, creio-o com toda a arroubada flamância do meu coração, o Cristo correria em

socorro dessa desgraçada com aquela mesma ardência, aquela mesma desbordante e subjugadora misericórdia com que correu em Sicar, junto ao poço de Jacó, em socorro de Fotina, a mulher de má vida, que vinha à hora sexta carregando alegremente a sua bilha de barro. Fotina, a do país dos Samaritanos, gente desprezível e maldita, a que já rolara despudorada pelos braços luxuriosos de cinco homens. A que se entregara, velha no pecado, ao sexto homem que a tomara e com quem vivia atascada em sensualidades. Pois foi precisamente a essa alma espurca e envilecida, a essa sordícia humana, a essa gasta fêmea de seis machos, que Jesus, o imáculo, escolheu para revelar de maneira formal — nunca o fizera até aí! — aquela confidência gravíssima, estupefaciente, mas positiva e que corta dúvidas, que foi uma das confidências mais solenes pronunciada pelos seus lábios onde morava a verdade:

— Mulher, eu, que te falo, EU SOU O MESSIAS.

Sim, para vencer a perdida entre as perdidas, para soerguê-la do estercoroso paul em quase enchafurdara, para salvar aquela alma murcida que o pecado encoscorara, o Cristo não hesitou em revelar-lhe, como para a sacolejar, como para a ferir com um corisco, seu augusto e divino segredo, segredo de tanta sisudez e conseqüência, que nem sequer o revelara ainda aos doze, nem a João, filho de Zebedeu, que Ele amava, nem

mesmo a Simão Barjonas que deixara a rede e O seguira tão docilmente, sem saber a quem seguia.

— "Mulher, eu que té falo, eu sou o Messias. Eu vim para dar-te a água viva. Aquele que beber dessa água nunca mais terá sede".

Ah, tenho certeza, e certeza entranhada, que a samaritana de Campos do Jordão, ouvindo, exclamaria com o seu afogueado arroubo: Pois tu és o Messias? Tu, Senhor? E haveria de precipitar-se, impetuosa e generosa, a buscar sofregamente a água viva que mata a sede. Precipitar-se-ia, impetuosa e generosa, a buscar sofregamente as palavras da vida eterna que brotam vivas da boca daquele homem. Daquele mesmo homem que se postou, varonil e misericordioso, em defesa da adúltera que os adúlteros queriam lapidar. Daquele homem casto, puríssimo, de coração mais alvo do que o linho mais alvo do país da Galácia, homem extraordinário que, ao dispersarem-se os lapidadores confusos e com as pedras na mão, disse àquela mulher vil, mulher de pecado e de escândalo, que o enfitava com tremuras agoniadas de serva, estas doçuras que o balsamizaram como óleo fresco escorrendo sobre chagas ardentes:

— Ninguém te condenou, mulher?

— Ninguém, senhor!

— Pois nem eu te condenarei. Vai. Não tornes mais a pecar...

Ah, tenho a certeza, a certeza entranhada, que aquela generosa e impetuosa moça de Campos do Jordão, ouvindo essa palavra, escolheria logo, arroubadamente, um vaso de alabastro puro, enchê-lo-ia a transbordar com o perfume do nardo, com uma libra inteira do perfume o mais caro de escolhidas espigas de nardo, e, o coração aos saltos, tocada pela esbraseadora centelha divina, viria amorosa e chorosa, quebrar junto da cruz o vaso rico, derramar piedosamente a essência opulenta aos pés do Cristo, ungi-los, banhá-los, com lágrimas grossas e arrependidas, enxugá-los rastejantemente com as tranças derramadas dos seus cabelos. Pouco importa que os que traem o Cristo, os Judas, os que se agarram à sua bolsa de dracmas, lhe bradassem com impiedade e usura: "Por que esse desperdício? Esse perfume podia ser vendido por trezentos dinheiros e ser dado aos pobres". Pouco importa! Tu saberias bem, minha amiga, que há sempre pelo mundo pobres a ajudar. Mas nem sempre há o Cristo. Nem sempre há o Cristo para vir à tua casa e visitar-te. E porque Ele veio, e porque te visitou, e porque entrou na tua morada, o teu coração vencido expandir-se-ia na dádiva custosa, a mais cara, a que clamasse com mais relevo a cantante felicidade da tua redenção e a aliviadora dor do teu remordimento. E o Cristo, minha amiga, ao ver-te os olhos encharcados de pranto, ao ver-te a alma lacerada pelo

conhecimento das quedas, o Cristo haveria de te dizer brandamente como disse brandamente à pecadora:

— Os teus pecados te são perdoados, mulher, porque muito amaste. Vai em paz. A tua fé salvou-te...

CAPÍTULO XVI

Há criaturas, parece, que nascem sob signos funestos, outras sob signos amáveis. Eu nasci, não há dúvida, sob uma bela estrela radiosa. A vida foi-me sempre dócil e propícia. Aos vinte e dois anos, já o disse, mal saído da Academia, eu, moço pobre, sem nenhum amparo político, sem mesmo conhecer um só poderoso do dia, graças apenas à simpatia espontânea de bondoso juiz de Direito, consegui com a maior facilidade, embora interinamente, o lugar tão cobiçado de promotor público da Capital. Para um filho de potentado aquilo seria coisa de somenos. Mas para mim, que bracejava sozinho na correnteza da vida, aquele posto, aquêle primeiro e já brilhante passo no mundo, representava uma vitória séria. Vitória tanto mais séria quanto, finda tal interinidade, nomeou-me de novo o Secretário da Justiça, por deliberação própria, para uma segunda, e, a seguir, para uma terceira interinidade, o que determinou que eu permanecesse cerca de dois anos no ministério público da capital. Trabalhei afincadamente nessa temporada. Os meus conhecimentos de direito

eram escassos, como facilmente se compreende em bacharelzinho que saía da Faculdade, mas a minha ousadia era imensa. Com um tostão de ciência jurídica, eu gastava como Rothschild; com o meu destemor, ou, melhor, com a inconsciência dos vinte anos, enfrentava impavidamente, muito senhor de mim, os advogados mais graduados da tribuna judiciária do meu Estado. A fortuna protege os audazes. Eu não fui infeliz. Com tamanha dita me portei no cargo que, por iniciativa dos próprios juízes com que trabalhara (que constituíra na minha vida honroso triunfo, que grandemente estimei), foi-me oferecida a cadeira efetiva de promotor público. E eis um caso que ainda hoje me espanta: recusei. Sim, hoje ainda, eu penso com espanto nessa recusa. Pobre e sem ajuda, eu recusei um cargo dessa envergadura, que fora sempre ardentemente desejado por quanto bacharel saía da Faculdade. É que eu, já aí, andava com o coração enfunado por todos os ventos da ambição. Ser empregado, mesmo que o emprego se rotulasse com o nome solene de "representante da justiça pública", não me seduzia mais. Eu queria soltar as velas do meu barco ao vento do largo. Ser advogado de nome, rasgar um sulco largo no mundo forense, bater-me nos grandes prélios judiciários, ganhar dinheiro à larga, enriquecer, enriquecer, eis o sonho que aguilhoava os meus vinte e dois anos ardentes e fantasistas. Abri o meu escritório de advocacia. E a minha estrela,

que era radiosa, continuou a luzir no meu caminho. A vida, nesse instante, enfeitando-se com as tafulices mais tentadoras, deu de me sorrir com todos os seus sorrisos. Não me faltou trabalho. Sucesso pleno. E, com o sucesso, dinheiro em abundância, sócio dos clubes os mais elegantes, e, poeta, com as portas de todos os salões de São Paulo (tão emproados e tão fechados, meu Deus) escancaradas para mim. Tantas prosperidades, é verdade, tantas, mas ao mesmo tempo, a mais completa e desabusada irreligiosidade. Deus desaparecera de minha vida. Desaparecera totalmente. Igreja? Não mais pisei a nave de uma só. Missa? Nunca mais. Nem mesmo as do sétimo dia. Reza? Oh, que coisa ridícula... Nunca mais disse uma "ave-maria". E padre? De padre nem é bom falar. Tomei-me, não sei porque, nem havia razões sérias para tal, tomei-me de raiva especial por essa como então dizia "negra e tenebrosa espécie de gente". Negra e tenebrosa espécie de gente, que, naqueles instantes, para mim, outra coisa não era senão estranguladores de vontades tíbias, amordaçadores de espíritos juvenis. Gente negra e tenebrosa que vivia de subjugar as almas pelo terror ou pelo misticismo. Eu dei então de detestar os padres. Ora, por essa época já de si tão céptica, houve, para ainda arrastar com mais vigor os da minha geração à incredulidade, um fator de vulto impressionante: a Grande Guerra. Sim, a

esse tempo, andava a guerra européia desatada e rugidora. Nós, os de longe, os do "pays de là-bas", como tão desdenhosamente apodavam os europeus aos sul-americanos, nós contemplávamos com pasmo, sob o clarão sinistro daqueles incêndios, a carnagem ululante, selvagem, verdadeiramente furiosa, dos arrogantes hiper-civilizados de além-atlântico. A impiedade, bem se vê, agarrou-se a essa oportunidade assim magnífica. Ensaístas e articulistas, dando-se as mãos, investiram em tropel contra Deus, investiram sanhudamente contra aquêle Deus (diziam) que, permitindo sem misericórdia o massacre desumano, assistia lá de cima, indiferente, muçulmanamente, cachimbo à boca, a cristãos de um lado e a cristãos de outro lado entrematarem-se espumejando ódio. E não era só contra Deus que bramia a pena dos atacantes. Era, sobretudo, contra a Igreja. De que valiam preces? De que valiam missas? De que valiam desagravos e promessas? De nada. A guerra lá estava implacável, imensa, arrepiante, devoradora, a espedaçar tudo, a subverter tudo, a engolir tudo na sua bárbara voragem catastrófica. Deus lá em cima, indiferente, muçulmanamente, cachimbo à boca... Esses ataques ecoaram fundamente na minha geração. Geração sem fé, geração totalmente intoxicada por escritores e filósofos ímpios, nós, distantes das monstruosidades da guerra, dizíamos com facilidade, sem reflexão, leva-

dos pela nossa educação atéia: é verdade! Deus não existe. Se Deus — que é o amor e a misericórdia, existisse, Deus não permitiria certamente o horror que vai desencadeado lá pela Europa. E com essas idéias na cabeça. tão levianas e bobas, nos atufávamos ainda mais no ateísmo e na impiedade de que vivíamos saturados. No entanto, antevendo bem a palavra peçonhenta dos que iriam combatê-lo através dos séculos, já o Cristo havia sisudamente advertido aos apóstolos: "haveis de ouvir falar de guerras e de boatos de guerra. Mas não vos turbeis: porque convém que essas coisas aconteçam. Levantar-se-á nação contra nação e reino contra reino, e haverá pestilências e fomes, e terremotos..." **Convém que essas coisas aconteçam.** Por quê? Não seremos nós, entes pequeninos, tão apoucados, tão finitos, que haveremos de penetrar nos desígnios às vezes desnorteantes do Infinito. No entanto, a verdade que tombou da boca divina é esta: convém que essas coisas aconteçam. Naquela quadra de irreflexão, porém, naqueles levianos tempos de incredulidade, eu desdenhava petulantemente o evangelho, escarnecendo-o e vilipendiando-o como o manual dos vencidos da vida. Que importava lá a palavra do Cristo? Eu não acreditava mais em Cristo. Não acreditava mais naquele Cristo amorável da minha mãe. Nem naquele Cristo ingênuo de minha infância. Eu, atolado em frio materialismo,

eu só queria então saber que houvesse demandas no meu escritório e que as demandas rendessem dinheiro. Dinheiro! Dinheiro! Eis o ideal. E dinheiro para quê? Para nada de alevantado e nada de nobre. Dinheiro para que eu pudesse freqüentar os clubes elegantes, dinheiro para que eu pudesse cear nos restaurantes de luxo, dinheiro para que eu pudesse doidejar com mulheres caras, dinheiro para que eu pudesse dar largas a todas as paixões desenfreadas que ardiam dentro de mim. E o dinheiro não me faltava. E a vida me era fácil e deleitosa. E eu me julgava um triunfador... Era-o de fato. Entre o começo da minha vida e o planalto a que chegara, havia imenso caminho andado. Para mim, não há dúvida, aquilo já era triunfo e triunfo grande. Mas estava escrito no meu fadário que certa mão invisível haveria sempre de cortar, com dura vergastada, os triunfos mundanários da minha existência. Mão invisível, mas mão poderosa, como que timbrava em me arrancar do entontecimento daqueles prazeres que me enchafurdavam no materialismo e que sufocavam em mim todo o anseio de Deus, para arrastar-me de novo à presença soerguedora d'Aquele que é a suprema Beleza e o supremo Ideal. Eis que, em meio aos meus sucessos na vida prática, irrompe pelo Brasil, devastando-o, tremenda calamidade pública: a famosa gripe que então se chamou de "gripe espanhola". Eu

fui dos primeiros a que o mal atingiu. E atingiu pela mais terrível das formas: gripe pneumônica. Por longos dias eu estive, como se diz por aí, entre a vida e a morte. E meu estado, em certo instante, tornou-se francamente desesperador. O médico advertiu a família. A família falou imediatamente em padre. Mas eu recusei com energia. Não quis saber de padre no meu quarto. Nada de confissão, nem de comunhão, nem de extrema-unção. Fora dali com a Igreja! Fora com aqueles engambelamentos beatos! Esse meu obstinamento em reconciliar-me com o Cristo, obstinamento em hora assim tão grave, pinta bem o quanto, por esse tempo, meu coração andava endurecido. Eu perdera a fé. Distanciara-me em definitivo de Jesus. Nem resquício mais de religião dentro de mim. Eu era, naquele instante, um puro ateu. E se morresse naquele instante? Se morresse naquela hora, se, naquele instante, eu houvesse comparecido diante do Cristo, que é hoje o Amigo certo, o único Amigo certo da minha vida, certamente o Cristo não careceria dizer-me, na sua justiça, a palavra tremenda: "aparta-te de mim". Não careceria. Eu mesmo, juiz de mim, eu mesmo, na minha vexada confusão, eu mesmo precipitar-me-ia envergonhado nas trevas exteriores, naquelas mesmas trevas onde há choro e ranger de dentes. Porque não poderia jamais suportar os olhos do Julgador pousando-se nos meus olhos de réu, nem o resplendor de Deus

alumiando as minhas quedas e misérias de "verme", nem a majestade do Eterno esmagando a minha ingrata vileza de pecador. Mas Cristo comiserou-se de mim. Concedeu que eu vivesse. Concedeu que eu vivesse, amigo, não para dar-me o prazer mesquinho de apenas viver, isto é, o prazer de me arrastar por mais uns anos, como um verme, sobre o atascadeiro desta nossa feia terra. Não. Isso não seria comiseração. O Cristo, na sua indulgência, concedeu que eu vivesse tão somente para que eu, com o correr de mais uns anos, pelo conhecimento doloroso dos erros, pudesse ainda retemperar de novo o meu coração, e, com o coração retemperado, voltar um dia, filho pródigo, arrependido e em lágrimas, em busca da casa que eu abandonara, que é a casa acolhedora, abundante e misericordiosa do Pai. Não me levou a morte, pois, naquele transe em que parecia haver soado para mim a hora de ir-me, venci o mal. Levantei-me da cama, mal convalescido; porém, cogitei em engolfar-me outra vez na fervedura da vida. Mas o médico não consentiu que eu permanecesse em São Paulo, a terra da garoa. Determinou, peremptório, que eu fosse morar em clima melhor. Parti então para a cidade de Lages, no Estado de Santa Catarina, onde, por essa época, morava um dos meus irmãos, o mais velho, que se casara por lá com filha de estancieiro.

CAPÍTULO XVII

Adeus, São Paulo! Adeus, salões e clubes! Adeus, amigos e noitadas! Adeus, meu querido e triunfante escritório de advocacia. Adeus, esforço e trabalho e vitórias da minha mocidade! Lá foi tudo água abaixo... Ia eu de novo, com as mãos abanando, recomeçar a minha vida em terra estranha, longe do meu Estado, numa cidadezinha que eu nunca vira, boca de sertão, perdida rusticamente entre píncaros de serra. Amarguei no meu coração, com muito fel, esse estraçalhamento dos meus sonhos. Como é desesperadora, amigo, a revolta dum coração materialista. Dum coração que não crê em Deus. Dum coração que põe a sua única mira em ambições e gozos da terra. Eu conheci de perto, naquela hora, essa revolta. Eu a vivi. Por isso, no vaporzinho que me levava a Florianópolis, a todo momento, como um estribilho, eu exclamava, irritantemente, aos companheiros de travessia:

... Crime absurdo,
O crime de nascer. Eu expio-o, vivendo.
Maldita a vida que promete e falta!
Que mostra o céu prendendo-nos à terra,
Que dando as asas não permite o vôo.

... Lages foi uma surpresa para mim. Cidade pequena, é certo, mas cidade graciosa, pitorescamente aninhada num espigão de morro, com gentes boas e acolhedoras, e, sobretudo, novidade saborosa para quem vinha do sul, com as suas grandes estâncias de gado, e a sua vida gauchesca tão colorida e típica, que é um dos encantos do Brasil rural. Vivi em Lages dois anos. Dois anos em que conheci de perto os usos daquelas paragens, em que percorri, no meu macho gateado, aquelas coxilhas ondeantes e sem termo; em que ouvi tropeiros contar em torno da fogueira aventuras e façanhas, em que bebi na cuia tosca, por bombas de prata, o chimarão fervente e amargo que corria a roda de boca em boca. Muita vez, por aquelas vastas campanhas povoadas de gadaria, assisti à lida brava dos rodeios, com os peões de bombacha e chiripá, chapéu de barbicacho amarrado no queixo, disparando fogosamente atrás de reses desgarradas, — laça! laça! — enquanto as armadas feitas rodopiavam no ar e a cachorrada se arremetia, furiosa e ladrando, no rastro das fujonas.

Quando eu cheguei a Lages, a "gripe espanhola" já havia andado por lá e devastado o quanto pôde. Morrera muita gente. Eu, por acaso, mal me instalei, fiquei sendo o único advogado formado da terra. Fui, sem delongas, procurado para tratar de alguns inventários. Entrei com o pé direito no foro. Tratei dos

inventários, fui feliz, ganhei fama. A partir daí não me faltou mais serviço. A minha estrela, não há negar, era realmente propícia. Em São Paulo ou em Lages, pouco importa, ela sempre luzia. Eu dei de trabalhar sem tréguas. E de ganhar dinheiro com fartura. Mas o dinheiro vinha e ia-se. Ia-se para onde? Ia-se água abaixo, sem mãos a medir, para o jogo. Sim, meu amigo, para o jogo. Porque em Lages, é preciso que você o saiba, eu aprendi a jogar. Tive por lá a paixão torturante das cartas. Naquela cidadezinha cravada em um cocuruto de serra, boca do sertão, para onde confluíram de toda a parte compradores de gado e tropeiros de mulas, jogava-se rijo e caro. E eu joguei rijo e caro. Joguei como um dementado. Quanta noite, entreverado àqueles boiadeiros e àqueles tropeiros, em meio àquela gente abrutada, de botas altas e trabuco à cinta, mas que usava grandes anéis de brilhantes no dedo e trazia maços de dinheiro no cintão de couro, quanta noite, Deus meu, quanta apaixonada e vergonhosa noite não varei eu — um poeta! — com as cartas na mão, dentro de tascas enfumaçadas e malcheirosas, a topar paradas grossas nas bancas de "nove" e de "primeira". E aquelas ardentes noites de jogatina, noites asperamente emocionais em que, num só lanço, apostava eu, às vezes, o ganho inteiro de uma demanda, aquelas ardentes noites findavam sempre por patuscadas sórdidas em case-

bres de "chinas" abomináveis. Aí, sob telheiros esburacados, eu, no meu aturdimento, os tropeiros e os boiadeiros no seu desperdício, ficávamos faustosamente a cear latas de sardinhas portuguesas e a beber copázios de champanha Moet e Chandon (sacrilégio!) na companhia nauseante daquelas mulherinhas de estrada, analfabetas, que vestiam uns amarfanhados vestidos de babado e avivavam a cara com um hediondo "encarnado" de papel de seda vermelho. Onde andava, àquelas horas, o noviço do Carmo? Onde o filho católico de uma velha católica? Não sei. Sei apenas que vivi dois anos assim. Dois anos, brutais e materiais, que embotaram fundamente a minha sensibilidade. Não tinha mais outra aspiração na vida, outro sonho, a não ser a mesquinharia de ganhar dinheiro. Só dinheiro. Dinheiro às mancheias, dinheiro a rodo, dinheiro, e, com o dinheiro, chafurdar-me deliciado na torpeza daquela vida solta. E tão materializado andava, tão longe do Cristo, tão vazio de coisas altas, que, no meu chafurdamento, se me afigurava como um pesadelo, coisa irreal, o ter tido a fraqueza de, outrora, em dias idos, haver entrado em uma igreja, ajoelhado devotamente diante de um altar, rezado, confessado, comungado. Como aquele passado se exsurgia ridículo e vexador! Como eu havia sido pueril! Como eu havia sido carola! E me constrangia, e me sentia terrivelmente envergonhado

e mesmo humilhado, só em pensar nessas (como dizia) "asnices de minha vida". O mundo, para mim, naquela quadra, era exclusivamente um lugar de alegrias e de prazeres. Aquele mundo, de que ouvira falar tão gravemente, lugar transitório, lugar de sofrimento e de provação, através do qual, pela aceitação humilde e risonha, o homem atinge a um outro mundo, que é aquele mundo superior, alto, eterno, onde esplende a Beleza Perfeita, isso não tinha o menor significado para o meu coração esterilizado e tonto. Isso, para mim, naquela quadra, não passava de baboseira de uma religião de tristes. Sim, meu amigo, essa religião que conduz ao aprimoramento moral, às delicadezas de consciência, aos escrúpulos sutis, à elevação e ao regeneramento do caráter, religião que, arrancando-nos do lodo e da sordícia, nos dá o anseio alevantado da perfeição e nos propele grandiosamente para o Infinito, essa religião eu a cognominava pedantescamente — formigazinha arrogante e cego que eu era — a religião dos tristes, dos vencidos, dos fracassados, dos místicos e dos devotos.

E o mundo, bem se compreende o mundo, para a minha materialidade de então, não era aquele mundo de sofrimento e dor, sofrimento abençoado que depura e dor feliz que resgata, de que a religião falava. Não! Era bem, ao contrário, era, isso sim, um mundo amorável de deleites e de encantamentos. E eu não queria

outra felicidade, nem cobiçava outra ventura, senão a de atolar-me nesses deleites e nesses encantamentos. E tais deleites e tais encantamentos, oh, a miséria de um coração sem Deus! residiam para mim, naquele momento, em jogar "nove" com boiadeiros em tascas enfumaçadas e em beber champanha com "chinas" que botavam encarnado na cara. Lastimosa e risível natureza humana... Foi assim, contudo, foi assim, com o coração vazio, tão impuro, que afinal deixei Lages e tornei de novo para esta minha cidade de São Paulo. Tornei para a cidade a mais dura, a mais fria, a mais materialista do Brasil, mas, com tudo isso, a cidade mais ardorosamente estremecida desta minhalma de tatuiano caipira, neto boêmio de bandeirantes aventureiros.

CAPÍTULO XVIII

... Dinheiro... Há os que buscam o dinheiro para gastar; há os que buscam o dinheiro para guardar. Em ambos, é certo, a mesma paixão esterilizante. Paixão vil e profundamente terrena. A mais ressecadora paixão entre as paixões que aguilhoam o coração do homem. Em uns, contudo, que são os gastadores, essa paixão ainda desabotoa em liberdade que fazem esquecer um pouco a feiúra dela. Em outros, que são os avarentos, ela descamba em uma sordícia que é repugnante e odiosa. Não há nada, sob o sol, tão asqueroso, como um avarento. Nada. É ele, entre os carunchos que se arrastam sobre a crosta lodosa desta nossa miserável terra, a casta de carunchos mais nauseantes. É gente que não verá jamais a face de Deus. Jamais. O Apóstolo Paulo, na epístola aos efésios, di-lo com incisão: "Ficai sabendo e entendendo bem: nenhum avarento, que é idólatra, terá parte no reino de Cristo" (2).

(2) Efésios, 5, 1-9.

Eu conheci alguns avarentos na minha vida. De um deles, muito em particular, guardei na lembrança um episódio que marca bem o ponto de vileza a que se despenha um homem agarrado bestialmente ao seu dinheiro. Deu-se o caso, exatamente, na minha viagem de retorno a São Paulo. Principiara-se a esse tempo (mas muito raramente ainda), a fazer de automóvel, o percurso entre Lages e Florianópolis. Três dias de viagem. Ah, se me lembro... Três dias que não acabavam mais, a subir e a descer morros, tendo diante dos olhos uns panoramas deslumbradores, é verdade, mas tendo debaixo do automóvel a estrada a mais sinuosa e a mais buraquenta do mundo inteiro, sobre a qual ia a gente socada, pilada, arremessada de tal jeito que, meu Deus, ao desembarcar um cristão em Florianópolis, lá se via o desgraçado com os fundilhos em cacos mais morto do que vivo, a berrar por uma boa salmoura. Nós havíamos fretado um automóvel para aquela travessia. Nós, quero dizer — eu, um estancieiro e um comprador de gado com a mulher. Cada um de nós, combinamos ao partir, pagaria os gastos de um dos dias da viagem. Ao estancieiro coube pagar os do segundo dia. E esse dia foi trágico. Era junho. Chovera toda a noite anterior. A estrada tornara-se um barreiro pegajoso e exasperante. Mas nós nos botamos destemerosamente a caminho. Viajamos o dia

inteiro por entre dificuldades desesperadoras. E desce aqui, empurra o automóvel ali, e ajuda acolá, a mudar o pneumático, e bota mais além as correntes nas rodas... Um inferno. À tarde, seriam cinco horas, caía um chuvisqueiro tedioso. Lusco-fusco. O chofer quis acender os faróis do automóvel. Os faróis não acenderam. A lomba, que começáramos a galgar, tinha dois agoniantes palmos de barro mole. Íamos devagar, angustiados, as rodas do carro rasgando a custo aquele barro. E o chuvisqueiro a tombar, implacável. Um chuvisqueiro enervante e gelado. Sobretudo, gelado. Pois fazia um frio de mil diabos, aquele áspero frio do sul, enregelante, entanguecedor, que entrava até a medula dos ossos. E eis que escureceu de todo. Noite preta. Em que altura estávamos nós? Não sabíamos ao certo. Nem sabíamos como encontrar pouso. Pouso onde? Em que lugar? E o chuvisqueiro tombando, e o frio, e a noite preta em derredor. Vai senão quando, em meio à dura subida, justamente no mais íngreme da rampa, pára de súbito o motor. Bonito! E agora? Agora não havia mais o que hesitar: era meter o pé no tijuco e investir pela estrada afora. Foi o que fizemos. E toca a subir o morro. Toca a subir, a subir. Duas horas de marcha penosíssima. Que não daríamos nós, àquela hora, para topar com um pouso? Não havia preço, realmente, por mais alto, que refugássemos pagar, naquele instante, por um telheiro que nos abrigasse.

Bem se pode avaliar, pois não é preciso acentuar, o júbilo e o alívio do nosso "olhem lá! luz!" com que festejamos o aparecimento de abençoada luzita que tremeluzia ao longe. A luzita não ficava à beira da estrada que seguíamos. Carecia, para alcançá-la, quebrar a marcha e enveredar por umas terras adentro. Pulamos, sem hesitar, a cerca de arame do caminho, enveredamos por um pasto encharcado de água, e, transidos, literalmente desfeitos, batemos à porta do rancho. Era um rancho miserável. Mas para nós, no nosso desbarato, aquele rancho era um palácio dourado. Coisa tombada do céu. Sentimos todos, ao transpor-lhe a soleira, um bem-estar físico, um conforto, uma volúpia corporal inesquecível, deleitosa. Até que enfim estávamos debaixo de um telheiro onde havia luz! E bem pouca coisa, na verdade, além de telheiro e luz, havia naquele esburacado rancho de sapé. Os moradores dele, um casal de "agregados", eram uns caboclos em molambos, peludos, selvagens que viviam naquele fim de mundo, como bichos, dentro daquela palhoça lazarada que uma estância distante lhes cedera. Ah, o sertão do Brasil... Esse sertão que os que vivem nas grandes cidades asfaltadas, furadas de arranha-céus, nem sequer imaginam que exista. Nada fala mais nitidamente da miséria que anda por esse "hinterland" brasileiro afora, do que a miséria em que viviam aquele marido e aquela mulher. Eles eram a indigência viva.

Havia apenas ali, dentro daquelas paredes esfumeadas, como riqueza total, o colchão roto em que dormiam, um monte de palhas de milho a um canto, e, sobre carunhoso cavalete, uns arreios amarfanhados e gastos. Nós não comíamos desde pela manhã. Estávamos estropiados e com imensa fome. Mas, naquele rancho, comer o quê? Não achamos ali, já não digo um naco de carne, mas um só ovo que fosse, um bocado sequer de farinha seca. Nada, nada. Apenas a mulher (com uma boa vontade enternecedora, coitada, envergonhada por não ter coisa alguma, pedindo mil desculpas) correu à cozinha, arremessou na cuia um punhado de erva mofada e velha, preparou o amargo e trouxe-nos, muito solícita, a cuia e a chaleira de água fervendo. Bebemos aquela chocha água, esverdeada e quente. Foi, porém, naquele instante, grande festa para os nossos estômagos enregelados o chimarrão detestável. Tratamos de nos acomodar. Os caboclos — bondosa gente, generosa gente, desditosa gente! — tiveram para conosco liberalidades rasgadas. Deram-nos o seu palácio, e, com tocante abundância de coração, entregaram-nos hospitaleiramente, grandiosamente, tudo quanto nele havia. Foi assim que o boiadeiro e a mulher se instalaram como nababos no colchão roto dos caiçaras; o estancieiro se aninhou no monte de palhas e nos baixeiros dos arreios, e eu, enrolado na minha capa de borracha, me aboletei como pude em cima de dois pelegozinhos

esfarrapados. Estávamos molhados e exaustos. Dormimos regaladamente como em leito de plumas. Os caiçaras não se deitaram? Deitar aonde? Eles nos haviam dado tudo. Ficaram-se por ali, rondando o fogo, atiçando-o, para que pudessem os viageiros (como diziam) "dormir no quente". E passaram ambos a noite em claro, os pobres diabos. Madrugadinha, escuro ainda, o homem saiu para o pasto com um cabresto na mão, pegou o matungo e, em pêlo, partiu aos trotes não sei para onde. Voltou com um canecão de leite, pó de café, umas colheradas de açúcar mascavo, três tigelinhas de louça. A mulher preparou às pressas um café com leite. Oh, aquele café com leite, depois daquela noite, naquele rancho abrigador! **Quo te carmine dicam?** Com que poema eu te cantarei, café com leite inesquecido, café com leite adoçado com açúcar mascavo, pretejado com café ralíssimo, e, no entanto, o mais delicioso, o mais saboroso, o mais gostoso café com leite que já bebi na minha vida inteira. Para que a nossa felicidade fosse perfeita (merecíamos bem, depois daquela noite sinistra, uma compensação) eis que, em meio à festa com que sorvíamos a beberagem, ronca lá em baixo na estrada o motor barulhento do automóvel. O chofer, que dormira nele, lograra botá-lo em condições de partir. Tratamos logo de deixar o rancho. Foi quando o estancieiro a quem incumbia pagar as

despesas, chamou o caiçara a fim de regular contas. Esperei-o por um momento. E ouvi isto:

— Então quanto é a pousada, moço?

— Quanto é a pousada? Nossa... então a gente vai cobrá de vancê uma dormida no rancho? Não fale nisso, sior. A gente é povre, veve aqui no mato, não tem nada, mas o rancho tá aberto prá quem quisé.

— Assim não serve, não, moço. Veja o quanto lhe devo. Eu quero pagar.

— Não tem que pagá nada, sior. Pagá o quê? Vancê nem fale nisso que vancê até avexa a gente...

Então aquele estancieiro, que era homem já velhusco, alto e magro, com uns olhos impressionantemente parados, aquele estancieiro que possuía nada mais e nada menos do que cento e dez milhões de campo povoado de gadaria, aquele estancieiro botou a mão no bolso, sacou lá do fundo uma bolsazinha de pratas e de níqueis, escolheu entre os níqueis um níquel de quatrocentos réis (quatrocentos réis!). E passou-o à mão do caiçara.

— Pois então guarde isto para você...

Não pude conter-me. Acerquei-me vivamente do velho. E protestei:

— Que é isto? Quatrocentos réis? Não pode ser, é uma miséria. O senhor tenha paciência, carece dar mais alguma coisa a este pobre homem.

— Não vejo por quê...

Aquela avareza revolucionou-me. Perdi a calma. Num assomo, muito fogosamente, atirei à cara do velho, por entre desaforos descabelados e crus, toda a sopitosa revolta que me sacudiu naquele momento. Em vão. O homem não teve um gesto de repúdio. Nem um só músculo se lhe estremeceu. Ouviu impassível, absolutamente imperturbável, com aqueles seus olhos parados, mortos, desdenhosamente pousados em mim. E disse apenas:

— Se o senhor acha que é pouco, dê mais.

E saiu do rancho com serenidade.

Nunca mais, no correr da minha vida, eu pude me esquecer desse homem de olhos parados. Nem nunca mais eu pude me esquecer da cena do rancho do caiçara. Aquela cena marca bem, pinta com uma cor que flameja, a repugnante vileza a que arrasta a miserável paixão do dinheiro. "Quid non mortalia pectora cogis, auri sacra fames?" No entanto, eis uma bem dura verdade, todos temos fundamente em nós, congenitamente em nós, eu já não digo a "paixão" do dinheiro, mas pelo menos o amor da riqueza. É tal esse amor, tão geral, que Pedro, ao ouvir o Mestre condená-lo com incisiva rudeza, exclamou com pasmo: "Mas nesse caso, Senhor, quem se salvará?" Que pergunta humana, e profunda, e sábia, ó, meu rústico e

ingênuo Simão Barjonas! Sim, nesse caso, quem se salvará? Muito poucos ricos, Simão Barjonas. Muito poucos. Oh, quão dificilmente entrará um rico no reino de meu Pai!" E se para o rico, isto é, para o que tem o amor da riqueza, é difícil, para o avarento, isto é, para o que tem a paixão do dinheiro, é impossível. Eis que, repito-o, disse São Paulo sem ambages: "Nenhum avarento, que é idólatra, terá parte no reino de Cristo". E com razão. Porque o avarento é um monturo. Aquela cena do rancho do caiçara atesta-o com eloqüência. Eu compreendi naquele dia a imensa verdade que há no Harpagon de Molière. A imensa verdade que há no Shylock de Shakespeare. A paixão do dinheiro, não há dúvida, é paixão capital, avassaladora, que entorpece, que embota, que abrutalha, que sufoca todas as nobrezas do coração do homem. A paixão do dinheiro é a paixão que se opõe com mais fôrça à paixão de Cristo. O dinheiro é a matéria; o Cristo é a espiritualidade. Treva e luz. Noite e dia. Dinheiro e Cristo. Enquanto o mundo for mundo, a paixão do Cristo e a paixão do dinheiro não poderão jamais andar juntos. Jamais. Por isso o Cristo, com aquela sua cortante rudeza, disse: "Ninguém pode servir a dois senhores. Ou há de amar a um e aborrecer a outro, ou há de desprezar a um e querer a outro. Ou servirá a Deus ou servirá às riquezas". Nada mais certo. Cristo quer dizer cruz, renúncia, perdão, caridade, hu-

mildade, pureza, santificação, isto é, estrangulamento de todos os egoísmos, aniquilamento de todas as vilezas, sufocamento de todos os instintos, amordaçamento de todas as bestialidades. Dinheiro quer dizer mundo, concupiscência, venalidade, esperteza, fausto, materialidade, isto é, o amor da mesa, o amor da mulher, o amor do luxo, o amor da pompa, e, mais do que tudo, o amor do próprio metal, da própria placa doirada, amor tão obsidente, tão bestial, tão rasteiro, tão odioso, tão abjeto, que faz o avarento de Veneza exigir, para pagar-se, uma libra de carne arrancada à carne mesma do seu devedor e faz um estancieiro velhusco, alto e magro, de olhos parados, com cento e dez milhões de campo arremessar um minguado níquel de quatrocentos réis, às mãos vazias de um homem esmolambado que o livrara generosamente do frio e do temporal em noite erma de sertão.

Foi para esses Shylocks que o Cristo lançou aquela maldição trágica: "Ai de vós, ricos, que já tivestes a vossa consolação!" Foi para esses Shylocks que o Cristo criou a parábola daquele homem rico, muito rico que possuía cento e dez milhões de campo, mas tão duro e tão frio que negava ao mendigo crivado de chagas, esfarrapado, cujas úlceras os cães vinham lamber, o mendigo que se arrastava humilde até à sua porta de potentado, um pouco das sobras que tombavam da sua

fartura. "Senhor, dirá lá, no outro lado, esse rico da terra — Senhor, eu tenho imensa sede! mandai a esse mendigo, que eu vi tanta vez na soleira da minha porta, que molhe a ponta do dedo, só a ponta do dedo! — e venha refrescar com uma gota de água a minha língua atrozmente abrasada". E o Senhor: "Há um abismo intransponível entre ti, rico, e esse mendigo, que os cães lambiam; tu tiveste na vida todos os bens; este desgraçado teve na vida todos os males; de sorte que os que querem passar de onde estás para aqui, não o pedem, nem os que estão aqui podem passar para onde estás..." Palavras claras. Palavras candentes. Palavras tremendas. No entanto, ó, humanidade, ó, tonta humanidade, como andas tu com o coração encardido por essa paixão que te aguilhoa à terra e te faz amar esta feia terra estercorosa...

CAPÍTULO XIX

Estou de novo em São Paulo e trabalho fortemente no foro. Circunstâncias muito especiais de minha vida forçaram-me a dar com os costados — passageirissimamente. Deus louvado! — em um escritório de advocacia que tem serviço a mais não poder. Há nesse escritório causas de todo o jeito. Nunca se recusa aí demanda alguma. Vi então, e hoje vejo mais do que nunca, que não há profissão mais perigosa para uma alma do que a profissão de advogado. Esses homens que lidam com o direito, ao verem, todos os dias, o quanto é falho, e irrealizável, e burlável o "dar a cada um o que é seu", vão se tornando, com o correr dos anos, de tal maneira cépticos, de tal maneira descrentes da justiça, que defendem com a maior sem-cerimônia os que não têm inocência, e, calejados, sem mais peso na consciência, encontram sempre um direito vago para proteger os que não têm direito. Eu vi turcos, que haviam sido mascates de matraca e de baú, turcos de mãos tatuadas, abrirem falência hoje, e amanhã, graças a um advogado bom (!) instalarem-se com grandiosidadade na vida. Vi italianos (quantos!) falirem hoje, aparecerem amanhã

endinheirados, tornarem a falir, e tornarem a aparecer com mais opulência ainda. Para o conseguir, no foro, na casa da Justiça, na mesma casa augusta dessa deusa que trata das coisas humanas e divinas (**Rerum humanarum atque divinarum scientia**) dão-se as mãos — tão diabólica é a chicana dos homens! — aliadas, proteiformes invencíveis, a ratazanice, a fraude, a velhacaria, a venalidade, a corrupção, a rabulice, e várias outras harpias de unhas afiadas e rapinantes. Um moço que tem esse meio debaixo dos olhos, mesmo que, providencialmente, não lhe suceda a desgraça de chafurdar nele, é um moço que renteia o abismo. Renteia o abismo, sim. É a expressão. Para mim, sobretudo, para mim que perdera a fé, que vivia sem Deus, com o coração enfebrecido pela só ânsia de ganhar dinheiro, para mim aquele momento foi (hoje eu o sinto nitidamente!) o momento em que eu, de fato, renteei muito de perto o abismo o mais perigoso da minha vida. Não porque eu, pecador que amava o pecado, o merecesse. Não. Deus teve certamente piedade de mim, o ingrato, porque havia na terra uma ignorada mulher, viúva desvalida, uma pobre velhinha, rezadeira e corcovada, minha mãe, que passava horas a fio, diante do oratório do seu quarto, a suplicar, com a calorosa simpleza de sua fé, pelo filho arremessado às cegas nos caminhos tortos da existência.

E Deus escutou minha mãe. Oh, se escutou... Tenho certeza que escutou. Pois foi Ele, na sua complacência, quem mandou um anjo do céu, fino e doce, a salvar com a sua pureza o filho da pobre velha humilde. Esse anjo foi a minha noiva. Sim, amigo, enquanto eu estrainava pelas vilezas do mundo, enquanto eu me rojava às tontas por tanto atascadeiro poluidor, lá estava no seu colégio de freira, escondidinha, sem que o mundo a conhecesse, uma graciosa menina, frágil e tímida, que viria a ser na vida minha poderosa soerguedora. Aquela que viria com a sua ingenuidade, com a brancura de sua alma, com a sua vencedora pureza lirial, tocar e reformar o meu coração endurecido e conspurcado. Aquela que, oh, estranhos desígnios de Deus, estava destinada pelos fados a conduzir-me de novo, com as suas mãos de seda, amorosamente e ardorosamente, aos pés do Cristo que perdoa tudo.

Aqui param as memórias de Paulo Setúbal. Bruscamente interrompidas com a morte prematura do escritor, a justa curiosidade de seus leitores, suspensos e sequiosos pelo termo delas, explica este rápido complemento, onde se narra o fim do brilhante vulto que nos veio empolgando.

Seja dito, como preâmbulo, estas memórias foram escritas, no último ano de sua vida e encontradas no fundo de uma gaveta em rascunho, sem correção: como jorraram de sua pena, assim ficaram. O frescor e a espontaneidade, onde nada há rebuscado e artificioso, caracterizam essas páginas que lhe saíram do coração e, parece, também palpitam. Por isso, mais atingem o coração que as ausculta.

Creio, nesse gênero literário, poucas vezes o colorido e a sinceridade com que um autor se exprime, foram ainda superados. Tenho para mim que o estilo de Paulo Setúbal aí marca um apogeu. Emerge deste Confiteor a figura do Autor, semelhante em muitos traços com a de Sto. Agostinho. Semelhante no estilo exuberante e colorido; semelhante na sinceridade da alma e flama de expressão.

* * *

O ano de 1935 foi de muito êxito e muita glória humana, a que sucedeu muito sofrimento.

Na véspera do Natal, exatamente quando os sinos anunciavam festivos a missa da meia-noite, Paulo é violentamente visitado pelo sofrimento; como se a Natividade de Nosso Senhor Jesus Cristo quisesse assinalar-lhe o nascimento interior do homem novo. Pressentindo a morte, chama o sacerdote. Este abeirando-se do enfermo lhe diz: Dr. Paulo, aproveite os últimos momentos que Deus lhe dá, para arrepender-se de seus pecados...

E Paulo, mais tarde, contou o bem que lhe fez o ouvir essas palavras. Foi então, que pensando seriamente no fim, ele sentiu a presença do Viajor amigo, de olhos suaves, que lhe tomou com ternura as mãos, quando estas se erguiam sofredoras, em uma volta sombria a anunciar talvez o fim de seu caminho...

O que se passou nesse encontro, só Jesus e ele souberam. Teria sido talvez um reviver da cena sempre repetida, dos encontros de Cristo, com aqueles caminhantes aos quais Ele procurou, desgarrados nos atalhos empoeirados da Palestina.

No dia seguinte a Comunhão veio selar a união de sua alma com o Senhor.

Vários dias se passaram, longos e dolorosos, mas a sua forte natureza reagiu. Entrou em convalescença.

Logo que pôde, pediu livros. Influência decisiva teve em sua transformação a PSICOLOGIA DA FÉ. Começou a ler também a CONCORDÂNCIA DOS SANTOS EVANGELHOS, que pessoa muito amiga lhe dera.

Todas as noites estudava e meditava longas horas os Evangelhos. E a IMITAÇÃO! Que conforto não lhe dava! Tornou-se dela verdadeiro entusiasta. Ledor assíduo das edições mais célebres, sabia de cor trechos, que a mim repetiu, até no original latino.

Mas não foi sem lutas, esta ascensão de seu espírito para Deus. Sua fé não podia fundamentar-se nas bases frágeis do sentimentalismo. Queria abraçá-la com o coração e com o entendimento. Na intimidade de seu convívio, eu sentia em sua grande alma esta sede de claridade, fazendo lembrar o formoso aforisma de Santo Anselmo: "Fides quaerens intellectum". Pude então, surpresa, ver a sutileza de seu espírito de análise e admirar sua possante envergadura de intelectual. A par disso, a inteireza rara de caráter. Reconhecendo a verdade nela se espairecia, como flor que desabrocha sofregamente para a luz que a desperta.

Testemunham esta luta — que os santos também sentiram e descreveram em páginas, por vezes, patéticas — algumas confidências inéditas, onde os leitores vão novamente defrontar o autor do CONFITEOR:

"Há um ano que me entreguei totalmente ao Cristo, que vou à igreja, que rezo fervorosamente, que me ajoelho diante do sacerdote, que me confranjo e sofro ao repassar a minha vida que lá foi, e, ultimamente, que comungo todas as semanas com abundância e absoluta sinceridade de alma. E depois disso tudo, um dia, sem que jamais eu o esperasse... livros que eu li, blasfêmias que escutei outrora, sarcasmos contra a religião que me impressionaram em tempos idos, raciocínios absurdos, dúvidas tolas, todo um formidando resíduo do homem velho que ainda mora em mim, tudo, tudo exsurge do mais profundo do subconsciente; e... dá-me a vontade — você acredita? — de abandonar o Cristo e volver, ai de mim, ao pântano onde vivia. Mas sinto (e talvez seja isso o que me salva) que esse pântano é demasiado escuro para quem já viu a claridade que eu já vi... E vem-me à mente escaldada a palavra de Cristo aos apóstolos: Vós também quereis abandonar-me? E a resposta imortal de Pedro: Para quem havemos nós de ir, Senhor? Tu tens as palavras de vida eterna!... Nesta luta tremenda, neste entrechoque brutal de dois espíritos contraditórios há uma vítima só: eu".

"O reino dos céus sofre violência e só os violentos o arrebataram", disse Jesus. Não é possível um "Sursum corda" triunfante sem combate prévio. Só o co-

ração violentado por lufadas adversas, arrebatará por fim os louros de uma paz merecida.

Assim foi com Paulo Setúbal, a quem podemos acompanhar, já serenado o espírito, nessa formosa e apaziguante confidência:

"Mergulhei deliciadamente nesse charco dourado que se chama prazeres. Corri como doido empós a glória. Alcancei-a. Com justiça ou sem justiça, pouco importa, alcancei-a. Quando, pois, nessa quadra haveríamos de sonhar com a metamorfose que se operaria em nós? No entanto, veja lá, a metamorfose se operou. Deus abriu sua mão abundantemente e deixou cair tamanha graça sobre nós. Achegamo-nos ao Cristo. Você não sei por quais caminhos. Eu levado por esta doença que me matou, mas que me salvou. Os caminhos porém importam pouco. O principal é encontrar a fonte. Encontrar a fonte e beber a água viva. E nós bebemos — Deus seja louvado — a água que mata a sede. E por isso subimos. Alcandoramo-nos. Estamos lá em cima. Lá no azul. E por isso a vida com suas grandezas tão pequeninas hoje nos causa dó. E por isso o mundo nos parece lá em baixo, lá muito em baixo, um torvo atascadeiro sufocante e malsão. Não queremos mais nada. Nada mais, Senhor"!

Nesse jorro de água viva elevou-se para o céu, aligeirada, esta alma de escol. Cada vez mais despren-

dida da terra, sinceramente anelava a perfeição. Ardentemente desejava fazer o bem e essa era sua preocupação única: "Ser bom, ser muito bom, mesmo a quem mais nos custe!"

Nutria projetos de publicar, além de suas memórias, traduções de algumas obras que o empolgaram, entre outras "Le vie de Charles de Foucauld" de René Bazin. Sem dúvida alguma, um livro impressionante que através de uma tradução livre, como pretendia, viria enriquecer a nossa língua com um novo primor literário.

Sua pena brilhante queria agora estilizar somente assuntos dignificantes. Quanta vez a pena de um escritor, depois de roçar pelo pó, mesmo arrancando nesse atrito centelhas que parecem um filão dourado, não se surpreende ao ver que, voltada para o alto, traça com mais brilho um sulco de luz imortalizante!

Quem não seguiu pensativo o herói de Goethe a contemplar o sol com este angustiado clamor da alma abrasada em:

"Cobiças de transpor, anseios de subir!"

Este anseio deflagra-se a cada passo nas páginas da literatura humana. Exprime a tendência superior em luta contra atrações contrárias, que Longfellow estilizou no seu imortal EXCELSIOR.

E nem é preciso ilustrar esta verdade em trechos marcantes de outras literaturas. Quem já não leu deslumbrado o "Lírio intangível" de um dos nossos maiores poetas, e quem já não se convenceu, com outro nosso vate célebre, de que há no destino do homem alguma coisa mais elevada e feliz do que singrar a poeira:

"Plangei sinos! A terra ao nosso amor não basta...
Cansados de ânsias vis e de ambições ferozes,
ardemos numa louca aspiração mais casta..."

Mercê de Deus, o nosso grande escritor, depois de lutas, em arremetida gloriosa para as estrelas, aí nas alturas, banhava sua alma de claridades novas. Estas se refletiam nos seus últimos escritos e nas suas conversas. Suas conversas! Como eu as escutava deliciado, sem sentir o fio das horas correr... e quando o dia em declínio urgia-me à despedida, eu levava comigo a saudade daqueles colóquios tão elevados, tão edificantes, saudades que a morte do amigo tornou ainda mais sentidas.

Uma das últimas vezes, senão a última, que nos avistamos, comentávamos a versão portuguesa do soneto de White, reputado a jóia mais perfeita no gênero.

"Misteriosa noite! Quando da terra outrora
Nossos primeiros pais no céu te aperceberam,
Pela extinção total acaso não tremeram
Deste dossel de azul que o almo sol colora?

Porém, de sob um véu translúcido ness'hora
Em que os raios do ocaso em névoas se envolveram,
Vésper se ergueu; após, estrelas mil se ergueram,
E a vista em pasmo olhou pelo universo em fora.

Quem vendo, ó sol, por ti o seixo, a ervinha, o inseto,
Pudera acreditar que em trevas nos mudasse
Tua luz, de orbes sem conta o resplendente aspecto?

Quem pudera supor que um sol mil sóis velasse?
Por que, pois, tanto a morte os homens intimida?
Se a luz pode enganar, por que o não pode a vida?"

Este fecho admirável, parecia uma advertência de que a vida de Paulo, em ocaso próximo, iria abrir-se enfim, para a Luz que não tem mais ocaso.

Depois de jornada acidentada pela vida, quantos não têm gemido este clamor do salmista: "Fiat cor meum immaculatum!" É o grande suspiro do coração humano, sedento de purificação. Paulo realizou este voto. Na última visita que lhe fiz, contou-me como tendo saído (foi, creio, sua derradeira saída) rumo à igreja, para se confessar, sentiu-se tomado por tal contrição, que as lágrimas em dilúvio afogaram-lhe a voz. O Evangelho se repete na história de cada alma que procura vivê-lo: Quanta vez o olhar de Jesus não veio pousar sobre os olhos de seus escolhidos, para neles despertar a fonte amarga do arrependimento.

Paulo que cada vez mais compreendia o Evangelho e o comentava em conversas que relembro, com o coração marejado de saudades, mereceu ver reproduzir-se no grande livro de sua história interior, aquela passagem tocante da Paixão: Jesus a olhar para Pedro e Pedro a sair para chorar amargamente. Poema de misericórdia que a inspiração divina concisa, narra na fulguração de dois traços: "Et conversus Dominus respexit Petrum... Et egressus foras Petrus flevit amare".

Talvez não seja inoportuna aqui uma pequenina palavra, sobre a fisionomia espiritual de Paulo Setúbal. Seus traços eram de uma ascese muito forte e raciocinada, desabrochando num coração magnânimo e generoso. Esforçava-se por marchar dentro das vias comuns e seguras da perfeição cristã. Avesso à singularidade, não compreendia a mística extraordinária.

E fazia bem: na enérgica expressão de São Paulo, o demônio muita vez se transforma em anjo de luz, desviando sutilmente da rota simples, mas verdadeira, as almas que se deixam deslumbrar pelo brilho falsificado. E como é doloroso ver o trabalho divino da graça, desfigurar-se na piedade extraviada!

Realista por temperamento, Paulo Setúbal gostava de enxergar as coisas com muita clareza. Fugia da bruma que deforma o contorno da realidade. Guiado por esse bom senso espiritual, ia avançando para o seu

termo, através de sofrimentos e provações, suportados com heroísmo.

Não lhe bastou chorar os seus pecados. Quis sofrer, com resignação, todo o rude trabalho do aperfeiçoamento moral, que aprouve a Deus confiar-lhe, para que merecesse a palma da outra Vida.

Suas leituras espirituais, cada vez mais, se restringiam ao Evangelho e à Imitação. Apascentava o espírito no prado fértil das Escrituras, mergulhando o olhar sempre mais profundo, nas feições do Cristo que o arrebatava. Compreendeu-Lhe a voz cheia de mistério e a grandeza do clamor: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim... das entranhas rios de água viva lhe hão de jorrar". — Quem, perseguido e em aparência vencido, já falou esta linguagem?

Paulo bebeu desta água e ela se fez rio, a redundar-lhe do peito, oxalá, para banhar de conforto o olhar e o coração de irmãos no sofrimento, de irmãos sedentos da verdade!

* * *

Aproxima-se o mês de maio.

Com o doce mês de Maria avizinhava-se também

Outrora na sua infância, Paulo, pastor aflito de reses desgarradas, conta como certo dia, ao ir buscá-las,

entrou na igreja que ficava em caminho: "Entrei (diz), abeirei-me do altar, ajoelhei-me. Ergui para a Virgem os meus olhos súplices. Lá em cima no seu nicho, sorria Nossa Senhora, linda, linda, com o Menino nos braços, um resplendor cintilando-lhe à cabeça, o manto azul celeste borrifado de estrelas de prata. E eu lhe disse:

— Minha Nossa Senhora, ajudai-me! Fazei que eu encontre a Morena e a Manteiga sem custo. Que elas não se escondam no mato..."

Nossa Senhora guardou no escrínio de seu coração, todo feito de ternura, esta singela súplica. Não deteve, é verdade, os animais fugitivos. Ela iria ultrapassar a prece e os votos da criança. No jornadear dos anos, sua alma desgarrada ouviria a resposta à oração de outrora. A Virgem o reconduziria ao Filho. E uma formosa manhã de maio, haveria de lhe assinalar, o dilúculo da Claridade Eterna.

Os prelúdios do desfecho já se pressentiam em fins de abril.

Tranqüilo diante da morte que adivinhava próxima, almejava o dia feliz da partida. Chorou em vida, agora só lhe resta sorrir na morte. "Bem-aventurados os que choram..." Ele compreendeu, na hora para tantos de tristeza, o valor dessa bem-aventurança.

Em meio às torturas da agonia mais cruciante, sorria sempre.

Pede o sacerdote, seu amigo e confidente, testemunha de suas lutas e ascensões, mas este, chamado a lugar distante, não cega para o derradeiro encontro.

Resigna-se a esta expressão dos desígnios purificadores da Providência e aceita tranqüilo mais esta provação. E lá distante, o coração acutilado do sacerdote amigo (contou-o depois) funde-se nesse mesmo sacrifício, unindo-os a dor da separação comum na mesma agonia.

De nada se esquece, tudo recomenda: Quer ser amortalhado com o hábito do Carmo. Quer tudo muito pobre no enterro. Nada de notícias, tudo bem humilde.

Particularmente tocante uma de suas derradeiras despedidas, a que poderíamos chamar sua despedida de escritor. Pede a tábua sobre a qual, sentado em sua cadeira de enfermo, costumava escrever. Tábua chã, é verdade; mas que recebera as confidências de sua pena. Obscura tábua que já fora árvore e flor, ora ressequida, sentir-se-ia reviver ao contato, ao calor da pena amiga que a acariciava.

Não sei porque esta despedida me faz lembrar o delicado texto: "A árvore tem esperança, quando cortada de novo reverdece" — talvez pela doce lição de

esperança que encerra: o coração humano partido, cortado, disso mesmo tira ensejo de novas ressurreições, e mesmo desfeito no pó da sepultura clama aos ventos que o dispersam: "Minha carne descansa na esperança, aguardando confiante no fundo do jazigo a última primavera da ressurreição final."

Trazem-lhe a tábua que ele beija com lágrimas. Quisera dela ter feito o estrado de onde proclamasse ao próximo que ele amava, o segredo de suas alegrias anteriores e o sentido da vida, que ele encontrara no aconchego confortador do Cristo.

Avizinhava-se sempre mais o termo.

Recebe a Extrema-unção. Seus membros ungidos, resolutos, se encaminham para o passo decisivo. Despede-se carinhosamente de todos:

— Diga aos meus amigos que eu morro feliz, porque tenho fé. Não quero viver ou morrer, seja o que Deus quiser. Deixo o mundo, que nada vale, para ir me encontrar com o Cristo. Não fiquem tristes. Que são 20 ou 30 anos de separação diante da eternidade, onde estaremos todos juntos? Morro feliz, muito feliz, vou enfim ver o meu Jesus!"

Vislumbrava o céu com tal confiança, que a um dos circunstantes prometeu, do Alto, bênçãos para os seus trabalhos e frutos visíveis para os mesmos, rema-

tando a promessa com estas palavras: "E de vez em quando, olhe lá para cima onde estarei".

Que a Fé, na verdade, é o sustentáculo das nossas esperanças, o argumento luminoso das coisas que não aparecem, das realidades que transcendem o exíguo alcance dos nossos sentidos! Se nas pupilas desse moribundo, o bruxolear da chama rápida que é a vida, se extinguia, outra luz mais forte, a Fé, lhes trazia e nelas já percebia o resplendor ofuscante da Bem-aventurança.

Noite de 3 para 4 de maio.

Consuma-se a longa e cruciada agonia.

Nenhuma queixa, um sorriso para todos.

Às quatro horas da madrugada, o sacerdote lhe traz a última comunhão.

A esposa à cabeceira.

Lembrado por um dos presentes, o sacerdote parte a hóstia consagrada, dando-a a Paulo e "Àquela (diz ele no termo de seu Confiteor) que, ó estranhos desígnios de Deus, estava destinada pelos fados a conduzir-me de novo, com suas mãos de seda, amorosamente e ardorosamente, aos pés do Cristo que perdoa tudo". Jesus une pela "comunhão" estas almas que a morte tentou separar, e lhes assegura, que com a morte a vida não nos é arrebatada, mas transmudada, e dissolvido o exílio dessa morada terrena, uma eterna mansão se nos prepara no Céu!

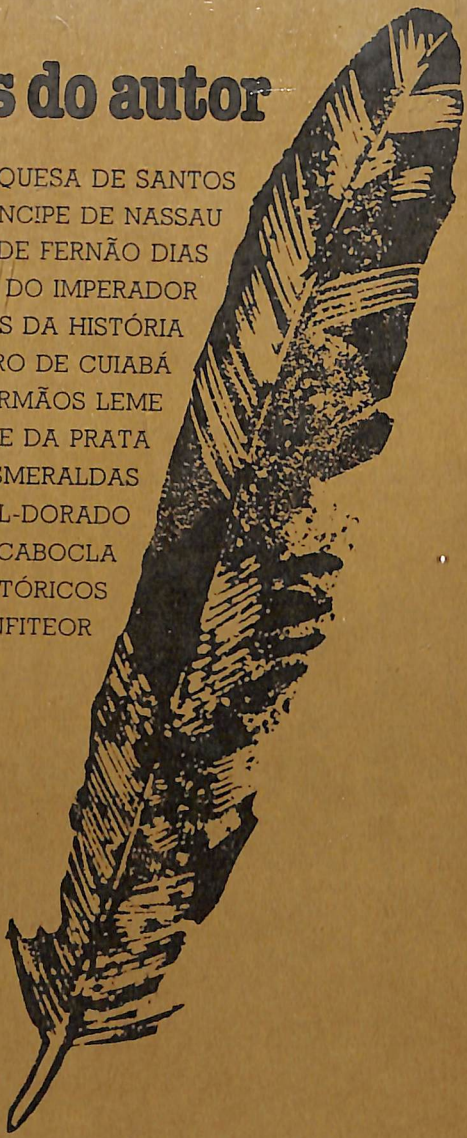
4 de maio, dia de Santa Mônica.

A Virgem consegue de seu Divino Filho, para este dia expressivo, a entrada de Paulo nos eternos tabernáculos. Vem buscá-lo Santa Mônica, nele a rever complacente, traços de tanta semelhança com seu filho, o flamante autor de CONFISSÕES, o grande Santo Agostinho.

Impressão e acabamento
SÃO PAULO IND. GRÁFICA E EDITORA SA
com filmes fornecidos pela editora

obras do autor

A MARQUESA DE SANTOS
O PRÍNCIPE DE NASSAU
A BANDEIRA DE FERNÃO DIAS
AS MALUQUICES DO IMPERADOR
NOS BASTIDORES DA HISTÓRIA
O OURO DE CUIABÁ
OS IRMÃOS LEME
O ROMANCE DA PRATA
O SONHO DAS ESMERALDAS
EL-DORADO
ALMA CABOCLA
ENSAIOS HISTÓRICOS
CONFITEOR



"Que o meu pensamento
brote espontâneo do coração e tombe sincero da pena."